

**Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes**

**Perceções e Representações dos idosos sobre o papel  
da animação sociocultural no seu bem-estar:**

**Um estudo de caso exploratório na**

**Associação Âncora**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**Escola Superior de Educação e Comunicação**

**2016**

**Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes**

**Perceções e Representações dos idosos sobre o papel da animação**

**sociocultural no seu bem-estar:**

**Um estudo de caso exploratório na**

**Associação Âncora**

**Mestrado em Educação Social**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

**Professora Doutora Rosanna Barros**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**Escola Superior de Educação e Comunicação**

**2016**

**Perceções e Representações dos idosos sobre o papel da animação  
sociocultural no seu bem-estar:  
Um estudo de caso exploratório na  
Associação Âncora**

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Copyright © Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Saber envelhecer é a obra-prima da sabedoria e um dos capítulos mais difíceis na grande arte de viver.  
(Herman Melville)

## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Leonor e Afonso, para que lhes possa permitir alcançar um futuro de oportunidades e participação ativa numa sociedade plena e consciente de mudanças e justiça social.

À Neusa, mulher que amo e que me ama, que me apoia e me ajudou em todas as fases deste projeto que faz parte do nosso projeto de vida. És a minha fonte de inspiração e equilíbrio emocional.

Aos meus pais, Margarida e Amândio, por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim, de forma desprendida e dedicada, incitando-me a reagir sempre, por mais difíceis que se afigurem os desafios.

Por último, mas não menos importante, às minhas avós Maria Judite e Maria de Lurdes (*in memoriam*), pois sem vós nada disto seria algum dia possível.

Cada um, à sua maneira, duas palavras: Amor e Gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma tornaram possível o presente trabalho e de uma maneira especial à Professora Doutora Rosanna Barros pela paciência, pelos comentários críticos e sinceros e sugestões dadas, pelo espírito de ajuda e apoio, pelas palavras de estímulo, incentivo e confiança que sempre pronunciou.

A todos os professores do curso de Mestrado em Educação Social pela atenção, colaboração e disponibilidade prestadas, bem como a todos os meus colegas de curso que sempre puxaram por mim.

Aos meus familiares e amigos por todo incentivo e apoio dado.

À Associação Âncora através da Dr.<sup>a</sup> Luísa Gomes e a todos os que me acolheram e receberam de braços abertos, principalmente os Idosos presentes neste estudo.

A todas as pessoas que acreditaram ser possível atingir este objetivo na minha vida.

A todos, o meu profundo obrigado.

Hugo Vasques Lopes

## **RESUMO**

O processo de envelhecimento caracteriza-se por ser contínuo, irreversível e universal, implicando a ocorrência de várias alterações no organismo que se repercutem em dimensões diversas do desenvolvimento humano. Não obstante a sua universalidade, existem, todavia, várias formas de envelhecer, associadas tanto à variabilidade das características dos indivíduos, como ao contexto sociocultural. Neste sentido, envelhecer relaciona-se não só com as alterações biológicas e psicológicas, mas também com os padrões sociais dominantes e a forma como as sociedades perspetivam o envelhecimento.

O objetivo deste trabalho é apresentar as principais bases teóricas e empíricas no âmbito da promoção do desenvolvimento e envelhecimento ativo em pessoas idosas, através do papel do animador e da animação sociocultural.

A emergência desta perspetiva positiva e de desenvolvimento permite reforçar o princípio da plasticidade dos processos de envelhecimento e desmistificar muitos dos mitos que associam a velhice a um processo patológico. As bases conceituais e empíricas subjacentes ao desenvolvimento no envelhecimento são apresentadas neste trabalho, bem como as perceções e representações que os idosos têm sobre o papel da animação sociocultural no seu bem-estar.

**Palavras-chave:** velhice; envelhecimento ativo, animação sociocultural

## **ABSTRACT**

Aging is a continuous, irreversible and universal process, carrying important changes that impact several dimensions of human development. Despite its universality, there are however various forms of aging, associated both to the variability of individual characteristics and to the sociocultural context. In this sense, aging is related not only to the biological and psychological changes at the individual level, but also to the prevailing social standard and the way societies perceive aging.

The aim of this work is to present the main theoretical and empirical bases of active aging and development promoting in older people, by the animator role and sociocultural animation.

The emergence of this positive developmental perspective reinforces the principle of plasticity of the aging process and exposes many of the myths that associate old age to a pathological process. The conceptual and empirical bases underlying development in aging are presented in this work, as well as the perceptions and representations that the elderly have about the role of sociocultural animation in your well-being.

**Keywords:** old age; active aging, sociocultural animation

## ÍNDICE

|  |      |
|--|------|
| <b>DEDICATÓRIA</b> .....   | v    |
| <b>AGRADECIMENTOS</b> .....  | vi   |
| <b>RESUMO</b> .....  | vii  |
| <b>ABSTRACT</b> .....  | viii |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 1    |
| <b>1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....  | 3    |
| 1.1 - ESTUDAR AS PERCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS IDOSOS.....                  | 4    |
| 1.2 - O QUE É SER IDOSO?.....  | 7    |
| 1.3 - O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A VELHICE.....                          | 9    |
| 1.4 - RESPOSTAS SOCIAIS PARA IDOSOS.....                                     | 13   |
| 1.5 - O IDOSO EM CENTRO DE DIA.....  | 14   |
| 1.6 - A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL.....  | 16   |
| 1.6.1 - O ANIMADOR.....  | 19   |
| 1.7 - ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E TERCEIRA IDADE.....                           | 20   |
| 1.8 - ANIMAR PARA MELHOR ENVELHECER E A EDUCAÇÃO AO LONGO<br>DA VIDA.....    | 23   |
| <b>2 - METODOLOGIA</b> .....   | 27   |
| 2.1 - PARADIGMA DO ESTUDO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....                        | 28   |
| 2.2 – MÉTODO E TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO.....                                  | 29   |
| 2.3 – OBJETIVOS GERAIS.....  | 34   |
| 2.4 – REFLEXÃO SOBRE OS CONSTRANGIMENTOS DO PROCESSO DE<br>INVESTIGAÇÃO..... | 36   |
| <b>3 - ANÁLISE DE DADOS</b> .....  | 38   |
| 3.1 - A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NAS INSTITUIÇÕES.....                         | 39   |
| 3.2 - BREVE HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....                    | 40   |
| 3.3 – ASPETOS PRÉVIOS SOBRE OS PROTAGONISTAS DO<br>ESTUDO.....               | 41   |
| 3.4 - ANÁLISE DOS DADOS.....   | 44   |
| 3.5 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....   | 58   |
| <b>CONCLUSÕES</b> .....  | 64   |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                      | 68   |
| <b>ANEXOS E APÊNDICES</b> .....  | 73   |
| Anexo 1.....   | 74   |
| Plano de atividades da Associação Âncora.....                                | 75   |
| Anexo 2.....   | 86   |

|  |     |
|--|-----|
| Código deontológico para a profissão de educador social em Portugal..... | 87  |
| Anexo 3.....   | 94  |
| Lei 2120 de 19 de Julho de 1963.....                                     | 95  |
| Apêndice 1.....  | 111 |
| Pedido de autorização para realização do trabalho de investigação.....   | 112 |
| Apêndice 2.....  | 115 |
| Formulário de consentimento institucional.....                           | 116 |
| Apêndice 3.....  | 118 |
| Formulário de consentimento informado.....                               | 119 |
| Apêndice 4.....  | 121 |
| Guião de entrevista.....   | 122 |
| Apêndice 5.....  | 125 |
| Tratamento de dados.....   | 126 |
| Apêndice 6.....  | 137 |
| Grelha de análise de conteúdo.....                                       | 138 |
| Apêndice 7.....  | 143 |
| Fotos de atividades.....   | 144 |

## **INDICE DE QUADROS:**

|   |    |
|---|----|
| Quadro 3.1 – Distribuição dos idosos na amostra por género e idade.....                     | 44 |
| Quadro 3.2 – Estado civil.....  | 45 |
| Quadro 3.3 – Qual a profissão que exercia antes de se reformar?.....                        | 46 |
| Quadro 3.4 – Considera importante a existência de atividades de animação?.....              | 46 |
| Quadro 3.4.1 – Se responder sim indique duas razões.....                                    | 47 |
| Quadro 3.5 – Costuma participar nas atividades de animação?.....                            | 48 |
| Quadro 3.6 – De que forma as atividades de animação são importantes para si?.....           | 48 |
| Quadro 3.7 – Como é o seu dia-a-dia no Centro?.....   | 49 |
| Quadro 3.7.1 – E fora do Centro?.....   | 51 |
| Quadro 3.8 – Considera que os horários das atividades são os mais adequados?.....           | 52 |
| Quadro 3.9 – Quais as atividades de animação que prefere?.....                              | 53 |
| Quadro 3.10 – Indique duas atividades que gostaria de ver realizadas.....                   | 55 |
| Quadro 3.11 – Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo?.....          | 56 |
| Quadro 3.12 – Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário?..... | 57 |

## **INDICE DE TABELAS:**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 3.1 – Género.....  | 45 |
| Tabela 3.2 – Idade.....   | 45 |
| Tabela 3.3 – Estado civil.....  | 46 |
| Tabela 3.4 – Qual a profissão que exercia antes de se reformar?.....                        | 46 |
| Tabela 3.5 – Considera importante a existência de atividades de animação?.....              | 47 |
| Tabela 3.6 – Se responder sim indique duas razões.....                                      | 47 |
| Tabela 3.7 – Costuma participar nas atividades de animação?.....                            | 48 |
| Tabela 3.8 – De que forma as atividades de animação são importantes para si?.....           | 48 |
| Tabela 3.9 – Como é o seu dia-a-dia no Centro?.....   | 49 |
| Tabela 3.10 – E fora do Centro?.....  | 51 |
| Tabela 3.11 – Considera que os horários das atividades são os mais adequados?.....          | 52 |
| Tabela 3.12 – Quais as atividades de animação que prefere?.....                             | 54 |
| Tabela 3.13 – Indique duas atividades que gostaria de ver realizadas.....                   | 55 |
| Tabela 3.14 – Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo?.....          | 56 |
| Tabela 3.15 – Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário?..... | 57 |

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ASC - Animação Sociocultural

ATL - Atividades de Tempos Livres

CD - Centro de Dia

DFT – Divisão de Formação Técnica

DGS - Direção Geral da Saúde

FAOJ - Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis

INE - Instituto Nacional de Estatística

ISS - Instituto de Segurança Social

IPSS - Instituições Particulares de Solidariedade Social

MSS - Ministério da Segurança Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

PCUPA - Pessoas Coletivas de Utilidade Pública Administrativa

RSI - Rendimento Social de Inserção

SAD - Serviço de Apoio Domiciliário

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WHO - World Health Organization

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se observado um aumento vertiginoso do número de pessoas idosas em todo o mundo. Segundo as projeções de diversos autores, entre eles Carrilho e Gonçalves (2007) e Wilson (2009), prevê-se que em 2050, a população idosa portuguesa seja equivalente a um terço da população do continente e ilhas, situação que é deveras preocupante, pois é sinal de que a população portuguesa está a envelhecer. Diversos fatores ocorrem para este aumento, nomeadamente, os avanços na saúde e na ciência, que contribuíram para elevar a esperança média de vida o que, associado à redução das taxas de mortalidade e das taxas de natalidade tem vindo a provocar uma forte assimetria nas pirâmides etárias.

A partir dos anos 70, vários acontecimentos vieram marcar, pela positiva, as políticas sociais relativamente aos Idosos, dos quais se podem destacar, pelo seu alcance social, as I e a II Assembleias Mundiais do Envelhecimento, em 1982 e em 2002 respetivamente; a aprovação dos Princípios das Nações Unidas para as pessoas idosas, em 1991; a Proclamação sobre o Envelhecimento também em 1991; a comemoração do Ano Internacional das Pessoas Idosas em 1999 e o Ano Europeu da Pessoa Idosa em 2012.

As agendas propostas denotaram uma preocupação crescente em salvaguardar os direitos das pessoas idosas, promovendo a sua autonomia, independência e participação nas respetivas comunidades de pertença.

Relativamente ao trabalho proposto, o mesmo recaiu num Estudo de Caso Exploratório, cujo principal objetivo foi o de perceber de que forma a animação sociocultural influencia pela positiva o bem-estar dos Idosos institucionalizados em contexto de Centro de Dia.

Este estudo foi realizado na Âncora – Associação Centro Comunitário de Santa Luzia, sendo composto por 4 estruturas, nomeadamente Centro de Dia (CD) (onde se centrará o nosso estudo), Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), Atividades de Tempos Livres (ATL), Creche e Pré-Escolar e 1 Serviço de Apoio Social dirigida para famílias carenciadas. Trata-se do gabinete do rendimento social de inserção (RSI). A pertinência deste estudo recaiu sobre o ponto de vista dos idosos sobre o que é e para que servem as atividades de animação. Pensamos que, com base nos resultados obtidos, a animação sociocultural nas estruturas de apoio aos idosos (neste caso num CD) pode ser considerada um “reconforto de alma” para as pessoas que, numa determinada fase da sua vida, tiveram que ser integradas nessas estruturas, deixando para trás toda uma vida, e abraçar uma nova realidade, onde o seu quotidiano passa a ser vivido em conjunto com outras pessoas que lhes são (quase todas) estranhas.

O que nos motivou para a realização deste estudo foi porque entendemos que muitas vezes as pessoas idosas em geral têm uma ideia errada tanto da finalidade da animação como do papel do animador e de como este pode ter um papel fundamental no seu bem-estar, e por tanto pretendemos contribuir para desmistificar essa ideia. Pretendemos também que este estudo contribuísse para visibilizar aspetos positivos do papel da Animação através das próprias perceções e representações dos idosos, ou seja, foi sobretudo para demonstrar estes 2 campos que entendemos a utilidade e importância da realização deste estudo pretendendo que no final do mesmo seja possível dar uma outra visão do papel da Animação nesses locais.

Alguns autores, tais como Paúl (1997), Fernandes (2000), Cardão (2009) defendem que a integração numa instituição é vivida e sentida pelo idoso de uma forma difícil e angustiante, implicando inúmeras perdas, assim como físicas, sociais, relacionais e psíquicas, que são “aceleradores” do processo de envelhecimento. Outros autores, tais como Neto (2000), Pimentel (2001) e Barros de Oliveira (2005) vêm na institucionalização alguns aspetos positivos, pois para muitos idosos (e familiares) essa integração é a única alternativa encontrada de modo a terem maior qualidade de vida.

Foi, pois, neste sentido, que pretendemos averiguar qual a importância, para o Idoso institucionalizado em Centro de Dia, da animação sociocultural e a relação percebida com o seu bem-estar.

## **1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## 1.1 - ESTUDAR AS PERCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS IDOSOS.

O processo de envelhecimento caracteriza-se por ser contínuo, irreversível e universal, implicando a ocorrência de várias alterações no organismo que se repercutem em dimensões diversas do desenvolvimento humano. Não obstante a sua universalidade, existem, todavia, várias formas de envelhecer, associadas tanto à variabilidade das características dos indivíduos, como ao contexto sociocultural. Neste sentido, envelhecer relaciona-se não só com as alterações biológicas e psicológicas, mas também com os padrões sociais dominantes e a forma como as sociedades perspetivam o envelhecimento. A emergência desta perspetiva positiva e de desenvolvimento permite reforçar o princípio da plasticidade dos processos de envelhecimento e desmistificar muitos dos mitos que associam a velhice a um processo patológico.

Num estudo realizado em Itália com homens e mulheres de diversas idades, igualmente convidados a associarem livremente ideias e expressões a partir do termo “envelhecimento”, as respostas mais frequentes foram sabedoria, maturidade, doença, tristeza, solidão, experiência, tornar-se avós, tempo para gastar, mudança e aborrecimento. Surge, portanto, segundo Gastaldi e Contarello (2006, citado em Contarello, Leone & Wachelke, 2012), a imagem de um idoso lento, fraco, um pouco isolado, marcado, porém por elementos de força, sabedoria e experiência vivida. O termo “sabedoria”, amplamente citado tanto por jovens como por idosos, propõe uma imagem positiva de sapiência, equilíbrio e solidez, contrabalançada por elementos negativos, tais como doença, aborrecimento e solidão. Por parte dos jovens, destaca-se uma atitude negativa perante o envelhecimento, associado aos conceitos de velhice e doença; nos mais idosos, por sua vez, verifica-se uma avaliação positiva do envelhecimento.

Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) realizaram, no Brasil, um estudo onde procuraram identificar as representações sociais sobre a velhice, o idoso e o envelhecimento, junto de 37 participantes de três grupos específicos: professores universitários reformados, participantes numa Universidade Sénior e residentes num lar de idosos. Os resultados sugerem três representações distintas. A primeira – perda dos laços familiares e da identidade física – corresponde a uma representação doméstica e feminina da velhice, que tem como noções centrais a família e os papéis no seio familiar, bem como a perda da identidade e dos atributos físicos. A segunda, tipicamente masculina, apoia-se na noção de atividade, destacando uma representação social do envelhecimento que reflete a crença da reforma como início de um processo de inatividade social, ao mesmo tempo que destaca a experiência como o grande ganho da velhice. Por fim, a terceira representação enfatiza a velhice como desgaste natural, correspondendo a uma visão mais utilitarista, onde os juízos de valor associados ao

envelhecimento se traduzem numa conceção dicotómica, ancorada, por um lado, às limitações físicas e às doenças e, por outro, ligada a aspetos mentais donde sobressaí o conhecimento e qualidade, visto como o recurso pessoal mais importante no âmbito das capacidades. Os resultados destacam ainda a oposição que se situa entre mulheres, sobretudo domésticas, que representam o envelhecimento a partir da perda de laços familiares e de atrativos físicos, e os respondentes do sexo masculino, que representam o idoso e a velhice através da perda da atividade profissional, com a conseqüente perda de estatuto social.

No domínio da saúde física – primeiro domínio proposto para um envelhecimento bem-sucedido –, vários são os contributos que têm salientado a importância da manutenção de estilos de vida saudáveis para um envelhecimento bem-sucedido, especialmente considerando a promoção da saúde e prevenção da doença. A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem, inclusivamente, vindo a destacar os benefícios físicos, psicológicos e sociais que, ao nível da promoção do envelhecimento bem-sucedido, decorrem da prática regular de exercício físico e da manutenção de uma dieta nutricional equilibrada e saudável (World Health Organization, 1997 e 2004).

A reflexão sobre o envelhecimento e a velhice não é uma novidade na história da humanidade. Já desde a Antiguidade Clássica que filósofos, escritores, poetas e ideólogos se debruçam sobre as suas significações e repercussões, quer em termos individuais, quer em termos sociais. Atualmente, a novidade situa-se, porém, a um nível coletivo nas sociedades contemporâneas que, face a um envelhecimento demográfico sem precedentes na história da humanidade, se deparam com uma série de problemas e desafios de várias ordens. O crescente protagonismo populacional dos indivíduos “idosos” tem, assim, instigado a multiplicação de estudos acerca do envelhecimento, num verdadeiro esforço multidisciplinar para o entendimento do fenómeno, tomando em linha de consideração os seus múltiplos níveis e dimensões.

Consideradas à luz das normas sociais implícitas e explícitas e resultado de uma relação dialética entre os contextos histórico, social, político e económico, as imagens e representações que se constroem relativamente à velhice e ao envelhecimento refletem o discurso das sociedades. A atual dimensão do fenómeno do envelhecimento reaviva a pertinência de perceber as significações atribuídas a este processo e que definem o estatuto e regras implícitas de comportamento. Os estudos realizados neste âmbito permitem traçar uma representação do envelhecimento e da velhice como algo multidimensional, complexo e por vezes inconsistente, incidindo sobre vertentes várias, nomeadamente a biológica, funcional, psicológica, cognitiva, social e afetiva. As imagens englobam, portanto, conteúdos diversos, comportando uma

duplicidade de aspetos avaliados como positivos e negativos. De um modo geral, e embora se reconheça a ambivalência e conotações positivas, as imagens sociais amplamente partilhadas continuam a marcar-se por uma perspectiva fatalista, na qual o envelhecimento constitui um fenómeno negativo no qual a tendência para o declínio, perdas e sofrimento é claramente prevalecente. Se é verdade que a maturidade emocional dos indivíduos e sabedoria acumulada ao longo dos anos vividos fazem com que a velhice seja vista como uma fase de competência para a perceção e interpretação do mundo, também é verdade que a conceção negativa mais popularizada acerca da velhice imprime a imagem de que as pessoas idosas são doentes e com algum grau de incapacidade, que são cognitivamente diminuídas e demasiado lentas para aprender coisas novas, que são frágeis e não produtivas.

Estas imagens negativas traduzem-se amiúde em estereótipos, preconceitos ou discriminação para com as pessoas mais idosas, influenciando não só os comportamentos das gerações mais novas relativamente aos mais velhos, mas também afetando as visões que os idosos têm acerca de si próprios e a sua forma de estar, conforme as normas sociais convencionadas. Como reconhece o II Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (United Nations, 2002), estas imagens e estereótipos negativos devem ser combatidos aos níveis macro, meso e micro, de forma a fomentar ambientes facilitadores da promoção da autoestima das pessoas idosas e da qualidade de vida e bem-estar no processo de envelhecimento. A promoção de uma visão positiva acerca do envelhecimento constitui, assim, um elemento fundamental para o envolvimento social das pessoas idosas. Desta forma, qualquer política ou estratégia de intervenção dedicada a promover uma visão positiva das pessoas idosas, no sentido da valorização e dignificação da velhice e da melhoria das relações entre gerações, constitui uma etapa essencial para o envelhecimento bem-sucedido.

## 1.2 – O QUE É SER IDOSO?

Até meados dos anos 70, facilmente se conseguia distinguir a partir de que idade se era considerado Idoso; contudo, devido às novas teorias sobre o tema e principalmente derivado aos novos avanços da ciência, que faz com que a esperança média de vida seja cada vez maior, é difícil definir a pessoa idosa como alguém pertencente a um grupo diferente dos outros, com características muito particulares e específicas, pelo que qualquer tentativa de o fazer é geralmente muito imprecisa.

Convém referir que, pelo facto de não se poder considerar os idosos como uma categoria homogénea, leva-nos a relativizar todas as afirmações que possamos proferir, pois, segundo Pimentel (2001) “(...) cada indivíduo idoso tem uma história, uma personalidade e é condicionada por um conjunto de fatores que tornam a sua existência única, ainda que partilhe experiências sociais e outras” (p.41).

Alguém que tem mais idade do que a maioria das pessoas que a rodeiam, uma experiência de vida e memória mais longa, alguém que tem consciência de que o tempo que lhe resta para viver é mais curto do que o que percorreu até então é a forma como Philibert (1984, in Pimentel, 2001), procura definir uma pessoa idosa. Há muito que os 65 anos deixaram de ser um indicador rigoroso para sinalizar o início da velhice, optando-se por considerar a existência de processos de envelhecimento individuais e diferenciados de pessoa para pessoa, tendo em conta as trajetórias de vida a que cada um esteve sujeito.

Nas sociedades atuais não é particularmente fácil estabelecer os limites em que se começa a ser idoso, pois se a idade da reforma (65 anos) que era, antigamente, um marco, artificial, mas seguro do início da velhice, hoje em dia já não é assim.

São muitos os autores que têm definido a terceira idade. Mas quando é que ela começa? Como já referido começa socialmente aos 65 anos, mas mentalmente só quando o indivíduo assim o quiser. Para muitos é a melhor época da sua vida, para outros o aproximar do fim. A velhice tem sido alvo de estigmas (negativos) pelas sociedades desde longa data, mas já é tempo de mudar esta forma de pensar sobre a terceira idade. A velhice tem que deixar de ser sinónimo de decadente ou de doente. A terceira idade é o amadurecimento de ideias e o repositório de conhecimentos.

O artigo 72º da Constituição da República Portuguesa, na sua alínea 2 expressa que: *A política de terceira idade engloba medidas de carácter económico, social e cultural tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma*

*participação ativa na vida da comunidade.* As pessoas idosas têm o direito a determinadas condições de vida, de modo a evitarem o isolamento, a exclusão e/ou a marginalização social. Reconhecemos no Estado, uma crescente responsabilidade e compromisso com esses direitos sociais e de assistência médico-sanitária (serviços e cuidados), bem evidente desde a Revolução de 1974, com a cobertura da rede de assistência, dos riscos sociais e de proteção social. Só depois do 25 de Abril se dá início ao processo de institucionalização de uma rede de proteção social numa lógica universalista, construindo-se o seu primeiro patamar assente na pensão social de base não contributiva, inicialmente destinada aos idosos e deficientes beneficiários dos serviços de assistência.

As modificações dos comportamentos demográficos repercutem-se, impreterivelmente nas estruturas populacionais de forma irreversível. O envelhecimento da população é, pois um fenómeno de dimensão ínfima tendencialmente durável, irreversível e com efeitos em todas as sociedades. Segundo dados da OMS a esperança de vida mundial era, em 2000, de 66 anos de idade, passando em 2015 para 73 anos. Quanto a Portugal, em 1960 a população de idosos constituía cerca de 8%, destes 33% tinham mais de 75 ou mais anos; em 1975 a taxa passou à volta dos 12%; em 2000, a percentagem era de 16,4%, prevendo-se nesta década cerca de dois milhões de pessoas com idade superior aos 65 anos. Entre 2020 a 2025 o número de idosos pode atingir cerca dos 18% da população, enquanto a população jovem rondará os 16% (Nazareth, 2009). Deduzimos desta apreciação demográfica que os idosos nas próximas décadas terão características distintas das gerações anteriores, seja ao nível da instrução, melhores condições de vida e de habitação, ou mais e melhor acesso aos cuidados de saúde, diferentes valores e preferências, mais capacidades de participação e maior disponibilidade de recursos sociais.

Utilizamos neste estudo o termo ‘idoso’ e por vezes o de ‘terceira idade’ para designar as pessoas com 65 ou mais anos, idade coincidente com a reforma ou aposentação. De qualquer forma, a designação ou divisão etária são características ou fatores secundários na análise ao coletivo de idosos, pois o importante é compreendê-los e respeitá-los, ouvi-los e dar-lhes momentos de satisfação e qualidade de vida. Daí a implementação do envelhecimento ativo, como capacidade das pessoas ao avançarem na idade terem uma vida produtiva (inclusive económica) e participação na comunidade. Isto é, os idosos podem repartir o seu tempo livre em atividades de aprendizagem, lúdicas e recreativas, culturais, de cuidados a outros, etc. Tudo se traduz numa qualidade de vida, que pode ser entendida de quatro maneiras: qualidade de vida e qualidade das condições de vida de uma pessoa (modos de vida); satisfação experimentada pela pessoa com tais condições vitais; combinação de componentes objetivos e

subjetivos; combinação das condições de vida e a satisfação pessoal, ponderada pela escala de valores, aspirações e expectativas. Esta ideia deve reinar nesta temática, não só para encontrar motivos de satisfação na vida diária, mas, também imperando nas mentalidades dos que os rodeiam.

### 1.3 – O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A VELHICE

Para se compreender o que é o envelhecimento e velhice, é importante não esquecer que começamos a envelhecer desde que nascemos.

O envelhecimento é a contrapartida do desenvolvimento, ou, por outras palavras, é apresentado por um decréscimo físico visível, denunciado por sinais físicos como a acentuação das rugas, dos cabelos brancos, perda de massa muscular, acuidade visual e auditiva. Nesta fase da vida capacidades como a mobilidade, a linguagem, o sono, a memória e a capacidade de concentração sofrem diminuições.

Segundo Paúl (1997), o envelhecimento deve ser visto de diferentes prismas, nomeadamente o *normal* que é razoavelmente uniforme em cada ser humano, no que se refere ao seu início e evolução. Relativamente ao *social*, tem que se ter em consideração os papéis sociais que conduzem à diminuição ou perda do papel que o indivíduo desempenha na família e na sociedade. O *psicológico* é definido pelo tomar de decisões e opções por si só e o *biológico* é expresso pelas alterações estruturais e funcionais que ocorrem no organismo, resultando da vulnerabilidade crescente da pessoa e de uma maior probabilidade de morrer, a que se chama senescência e que nem sempre é coincidente com o *cronológico* medido pelo calendário.

Já para Simone de Beauvoir (1990), “velhice é um conceito abstrato, uma categoria socialmente construída. É o que serve para referir o período de vida em que as pessoas “ficam velhas.” (p.15)

Segundo esta mesma autora (1990):

A velhice não é um facto estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Por outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que a nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da

vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (p.17)

Os organismos internacionais (Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)) subdividem a terceira idade em três períodos: o período da maturidade, dos 50 aos 65 anos; o período da velhice, dos 65 aos 80 anos e o período da longevidade, a partir dos 80 anos (período esse que foi também definido, nos últimos anos, como a Quarta Idade.)

A velhice, segundo Cardão (2009), é entendida como a última fase do ciclo vital, encerrando um processo de envelhecimento normal ou patológico.

O envelhecimento é um processo que ocorre durante o curso de vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. Desta forma, alguns autores apontam que o processo de envelhecimento “começa no útero e termina no túmulo”. Walsh (1989, em Sousa & Figueiredo, 2003) refere que “a velhice é temida quase tanto como se teme não viver suficiente para a atingir” (p.15).

Como refere Paúl (1997):

Não existe futuro sem os nossos idosos, se eles não nos legam atualmente o saber, legam-nos seguramente o afeto e nós projetamo-nos em cada ruga deles, como que ao espelho, somos nós próprios e é toda a nossa cultura que olhámos. (p.7)

O envelhecimento da população é um dos maiores acontecimentos da sociedade, mas também é um dos maiores desafios, devido às suas consequências sociais, económicas e políticas, uma vez que os indivíduos perdem a rotina do trabalho permanente e asseguram-se mensalmente com um ordenado reconhecido pela sociedade como “pensão de sobrevivência ou pensão de velhice” e fisicamente tornam-se mais limitados na prática das atividades diárias. A tendência para o crescimento da população idosa é um dos traços mais salientes da sociedade portuguesa atual, em detrimento da taxa de natalidade. Assim, e de acordo com Paúl, Fonseca, Martín e Amado (2005), Portugal enfrenta uma realidade comum aos países europeus, em que existem baixas taxas de natalidade e de mortalidade, com um aumento significativo do peso dos idosos no conjunto da população total do país.

Segundo Nazareth (1988), “não se trata de uma nova praga ou doença (...), mas sim de uma simples constatação quantitativa: o número de velhos estará a aumentar preocupantemente” (p.135), uma vez que, a taxa de natalidade tende a diminuir, como é referido no parágrafo anterior. Contudo a velhice tornou-se nos dias de hoje uma preocupação para a sociedade, uma vez que ser velho não significa “fim da vida”, mas sim o começo de uma nova vida e de um novo rumo para o bem-estar e para a qualidade de vida dos indivíduos.

Assim, Osório (1998) refere que:

o envelhecimento é um «processo vital» que tem vindo a ganhar vitalidade nos últimos anos, ao passo que o conceito de velhice aparece como um «estado definitivo», caracterizado pela ausência de futuro e de capacidade de transformação rumo ao bem-estar. (p.15)

Já para Fontaine (2000), envelhecimento é reconhecido como sendo um “processo de degradação progressiva e diferencial, que afeta todos os seres vivos e o seu termo natural é a morte do organismo” (p.6), sendo por isso impossível mencionar o seu começo, a sua velocidade ou a gravidade, visto este ser diferente de indivíduo para indivíduo. Para compreender o envelhecimento é necessário considerar todos os aspetos da vida, os aspetos psicológicos, sociológicos, económicos, comportamentais, ambientais, os fatores genéticos e hereditários, biológicos, físicos, químicos e nutricionais que marcam e suportam a individualidade de cada pessoa e também o meio envolvente e os estilos de vida. Ainda na linha de pensamento de Fontaine (2000), “o envelhecimento da população é um fenómeno que se deve aos progressos médicos e à melhoria das condições de vida”. (p.22)

No que concerne ao conceito de Terceira Idade, pode-se afirmar que é algo recente, fruto da evolução do conceito de velhice. Surgiu para expressar novos padrões de comportamento de uma geração que envelhece e se reforma, mas ainda com uma vida ativa, o denominado envelhecimento ativo.

Para Simões (1999), se tivermos como prisma o início do declínio das atividades orgânicas funcionais, cujo auge é aos 30 anos, é então possível afirmar que, a partir dessa idade, entramos na Terceira Idade.

Já Rosa (2012) afirma que, a parcela de idosos mais velhos (com 80 e mais anos), que a autora qualifica como a «quarta idade», tem vindo a reforçar o seu peso estatístico,

representando já quase meio milhão, tendo o seu número quase quadruplicado em Portugal, desde 1971. Ainda segundo a mesma autora:

A população portuguesa deverá continuar a envelhecer e poderá continuar a fazê-lo de modo particularmente intenso. Mesmo que os níveis de fecundidade aumentem ligeiramente e que os saldos migratórios continuem positivos no futuro, em 2060, a população de Portugal poderá continuar próxima dos dez milhões de pessoas, mas será bem mais envelhecida do que hoje (...) Todos envelhecemos, por isso o envelhecimento individual (de cada um de nós) faz parte do nosso quotidiano (...) A população envelhece porque a Humanidade cresceu em conhecimento técnico-científico e as condições de vida das populações melhoraram. Mas, apesar de o envelhecimento populacional poder ser percebido como uma história de sucesso, é frequentemente entendido como uma verdadeira ameaça ao futuro da sociedade em que vivemos.

E Imaginário (2004) define que:

Atualmente já se alude cada vez mais à denominada quarta idade (idosos com idade igual ou superior a 80 anos), dado que a própria fatia da população idosa, além de ser cada vez mais idosa, atinge idades cada vez mais elevadas. (p.242)

Os dados dos Censos de 2011 dizem-nos que em Portugal existem 1.572.329 jovens e 2.010.064 idosos. De acordo com as projeções do Instituto Nacional de Estatística (INE), no cenário atual, em 2060, viverão em Portugal 271 idosos por cada 100 jovens, mais do dobro do valor projetado para 2009 (116 idosos por cada 100 jovens).

Com a fundamentação teórica deste estudo, conseguiu-se demonstrar que a animação é algo mais que cantar, tocar viola, ver filmes, passear.... Pensamos que a animação é, em última análise, o que faz mover toda uma estrutura de pessoas que, sentindo que a integração no Centro de Dia é o fim, deixam de ver como tal essa realidade e descobrem que, afinal, ainda são pessoas

válidas que têm muito para dar, para aprender, para descobrir e para viver...porque velhos são os trapos.

#### **1.4 – RESPOSTAS SOCIAIS PARA IDOSOS**

Até à criação das Misericórdias no final do século XV e desde o início da nacionalidade, as necessidades da população portuguesa em matéria de assistência social tinham dado origem a uma multiplicidade de iniciativas. No final do século XV existiam quatro tipos de estabelecimentos com estas características, a saber: Albergarias, Hospitais, Gafarias ou Leprosarias e Mercearias. A partir do século XVII a solidariedade começa a demarcar-se do sentido puramente religioso da caridade para se assumir como um dever social do Estado e da sociedade civil. A criação da Casa Pia nos finais do século XVIII [A instituição remonta à fundação da Real Casa Pia de Lisboa (Lisboa, 3 de julho de 1780), por Pina Manique, intendente-geral da Polícia sob o reinado de Dona Maria I de Portugal.] pode ser considerada como uma referência para o lançamento da assistência social com origem pública/estatal em Portugal. A Lei 2120 de 19 de julho de 1963 (**ver Anexo 3**) instituiu as Instituições Particulares de Assistência, que eram consideradas Pessoas Coletivas de Utilidade Pública Administrativa (PCUPA) e assumiam as formas de Associações de Beneficentes, Institutos de Assistência ou Institutos de Utilidade Local (Fundações). Foi com a Constituição de 1976 (artigo nº 63) que surgiu pela primeira vez o termo Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sendo posteriormente, no art.º 1 do Decreto-Lei nº 119/83 de 25 de fevereiro, definidas como *Entidades jurídicas constituídas sem finalidade lucrativa, por iniciativa privada, com o propósito de expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre indivíduos e desde que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico.*

Apoiando preferencialmente os mais carenciados, desenvolveram-se em organizações de acolhimento e de apoio educativo de crianças e jovens, de atividades e ocupação promocional de tempos livres, de acompanhamento e favorecimento de convívio, da residência e da valorização de idosos, de acolhimento, promoção, formação e encaminhamento para a vida ativa de pessoas com deficiência.

Os Lares de Idosos materializam um modelo institucional que apareceu na Europa no século XVI destinado a acolher doentes mentais, marginais e velhos. Ao longo dos tempos, e no último quartel do século XX com uma frequência assinalável, este recurso passou a dar resposta à população envelhecida carenciada. Corporizando história e tradição, estas instituições, que nasceram e se desenvolveram sob conceções asilares, encontram-se ainda

largamente ancoradas em imagens e representações simbólicas negativas que enfatizam, segundo Fernandes (1997), “uma velhice triste, pobre e solitária, enquanto etapa à espera da morte” (p.150)

De acordo com Martins (2010), embora os apoios sociais e financeiros dirigidos aos idosos se constituam como insuficientes no país, pode-se salientar algumas das formas de respostas sociais disponíveis, tais como Lares de Idosos (equipamentos coletivos de alojamento permanente ou temporário, destinados a fornecer respostas a idosos que se encontrem em risco, com perda de independência e/ou autonomia.); Lares para Cidadãos Dependentes (respostas residenciais a idosos, que apresentam um maior grau de dependência (acamados); Centros de Dia (tipo de apoio dado cujo objetivo fundamental é desenvolver atividades que proporcionem a manutenção dos idosos no seu meio sociofamiliar); Centros de Convívio (pretendem apoiar o desenvolvimento de um conjunto de atividades sócio - recreativas e culturais destinadas aos idosos de uma determinada comunidade); Serviço de Apoio Domiciliário (prestação de serviços, por ajudantes e/ou familiares no domicílio dos utentes, quando estes, por motivo de doença ou outro tipo de dependência, sejam incapazes de assegurar temporária ou permanentemente a satisfação das suas necessidades básicas e/ou realizar as suas atividades diárias); Centro de Noite (acolhimento noturno, prioritariamente para pessoas idosas com autonomia); Acolhimento Familiar para Pessoas Idosas (resposta social que consiste em integrar, temporária ou permanentemente, em famílias consideradas idóneas, pessoas idosas); Residência para idosos (constituída por um conjunto de apartamentos com espaços e/ou serviços de utilização comum, para pessoas idosas); Colónias de Férias/ Termalismo (conjunto de atividades que pretendem satisfazer as necessidades de lazer, proporcionando ao idoso um bem - estar físico e psíquico)

## **1.5 – O IDOSO EM CENTRO DE DIA**

O problema social que decorre do envelhecimento populacional, e particularmente do aumento do número de idosos, tem também origem nas alterações que ocorreram a nível social e ao nível da própria estrutura das relações familiares.

Todos temos conhecimento sobre as alterações a nível familiar que tornaram estas situações verdadeiramente problemáticas. É impossível esquecermo-nos que há algumas décadas atrás, a responsabilidade de cuidar da pessoa idosa era da própria família. Com as alterações entretanto surgidas a nível social, tais como famílias menos numerosas, integração da mulher no mercado de trabalho, o próprio facto de vivermos numa sociedade que muitas

vezes privilegia a competição e o consumismo, etc. levou a que algumas (muitas) famílias transferissem a responsabilidade das pessoas idosas para o Estado ou instituições privadas, uma vez que, segundo Slepj (2000, p.89) a “família baseia-se hoje mais na satisfação do desejo do que na assistência recíproca”. Estes factos levam a que, tal como refere Fernandes (1997, p.4), “a família e as alterações de comportamentos ao nível das relações familiares constituem um dos eixos mais problemáticos da emergência do problema social da velhice”.

Convém, no entanto, primeiro proceder a um breve esclarecimento acerca do que pode ser entendido por Institucionalização. Assim, Jacob (2002) refere que se fala em institucionalização do idoso quando, por qualquer motivo, este permanece durante o dia ou parte dele, numa determinada instituição. Quando a permanência destes se prolonga pelas 24 horas, passam a designar-se por idosos institucionalizados residentes (ou Lar, que é uma palavra que todas as pessoas conhecem).

Para Paúl (2005, p.263), as causas da institucionalização poderão ser problemas de saúde que limitam o funcionamento dos idosos, falta de recursos económicos para a manutenção da casa, viuvez e situação de despejo, sobretudo nos centros da cidade.

Como evidenciam os autores anteriormente referidos (Slepj, 2000; Fernandes, 1997; Jacob, 2002; Paúl 2005), as causas para a institucionalização podem ser inúmeras, sendo muitas vezes a conjugação destas diversas causas, e não apenas de uma ou de duas, que origina a escolha deste tipo de apoio social.

Por um lado, a pessoa idosa vai ter que se «familiarizar» com um conjunto de situações completamente novas, tais como: novo espaço, novas rotinas, pessoas que não conhece e com quem vai ter que partilhar a sua vida e a sua convivência diária (nem sempre fácil), pelo menos por grande parte do dia. Esta nova realidade pode, por isso, originar reações de angústia, medo, revolta e insegurança.

Por outro lado, também existe a falta de tempo e capacidade perante a família, para se ocupar do idoso que se tornou dependente e/ou cronicamente doente.

Quando um idoso é institucionalizado o seu estilo de vida sofre alterações, no qual este pode sentir de alguma maneira limitações que pode contribuir para que o idoso se sinta como um incapacitado e que deixe de fazer o que anteriormente fazia quando estava no seu lar com a sua família, pelo que, em última análise, como se demonstrará no próximo capítulo, a Animação Sociocultural será uma forma de escape (positivo) desta nova realidade.

O Centro de Dia da Associação Âncora é uma resposta social na Vila de Santa Luzia, Concelho de Tavira, que contribuiu para a valorização pessoal, partilha de conhecimentos e experiências pessoais, proporcionando ainda durante o dia a resolução de necessidades básicas

pessoais, terapêuticas e sócio - culturais às pessoas afetadas por diferentes graus de dependência, contribuindo para a manutenção da pessoa no seu meio familiar.

Os objetivos principais do Centro de Dia são:

- Melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas e possibilitar a manutenção dos seus utentes, sempre que possível, nos seus próprios domicílios.
- Potencializar um conjunto de ações destinadas a promover a convivência, participação e integração dos indivíduos na vida social.

Relativamente aos serviços prestados são os seguintes:

- Apoio social e burocrático, quando necessário.
- Alimentação, de Segunda-Feira a Sábado.
- Higiene pessoal, de Segunda-Feira a Sexta-Feira.
- Higiene habitacional, de Segunda-Feira a Sexta-Feira.
- Tratamento de roupas, de Segunda-Feira a Sexta-Feira.
- Cuidados de saúde a nível de enfermagem, de Segunda-Feira a Sexta-Feira.
- Acompanhamento ao exterior / médico, quando solicitado.
- Convívio, passeios e visitas guiadas (animação cultural)

É, pois, salutar demonstrar que todo o trabalho desenvolvido pela Associação Âncora de e para os Idosos se rege por padrões de excelência, dignificando a pessoa humana (sempre) em primeiro lugar.

## **1.6 – A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL**

Para definir o que é a Animação Sociocultural, tivemos que pesquisar os seus antecedentes, pelo que, citando Lopes (2006):

Por antecedentes de Animação, entendemos qualquer ação com dimensão social cultural e educativa que tenha por objetivo dinamizar programas junto das populações. Assim, esta nossa conceção de antecedentes de animação encontra ramificações nos inícios do século XX, de onde ressaltam ações e tendências, como as novas correntes pedagógicas, inspiradas em Decroly, que, na

Bélgica, em 1907, fundava, em Bruxelas, a Escola para a Vida, e Maria Montessori, em Itália, com o seu movimento inovador à volta de um novo modelo educativo para a infância, que influenciaram o mundo com a prática de novas formas de educar centradas na relação da escola com a comunidade. Em Portugal a ação pedagógica das Escolas Moveis, modalidade educativa itinerante que pelo método de João de Deus procedeu a uma ação alfabetizadora em inúmeras localidades e cuja intervenção se ligava já a processos educativos não formais. (p.142)

A Animação Sociocultural define-se, pois, como um conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade, com o objetivo principal de fornecer a estes uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento social e cultural.

A partir da segunda metade do século XX, a Animação Sociocultural conquistou o mérito de metodologia específica de atuação socioeducativa. Segundo Cunha (2009, p.21): “Não sendo uma ciência, nem uma prática, o que de facto caracteriza a Animação Sociocultural é a sua natureza procedimental e a estratégia metodológica do processo, em que mais importante do que fazer, é saber como se faz.”

A Animação Sociocultural, em concordância com a autora, é um poderoso recurso de intervenção que visa a transformação social, o desenvolvimento, com base no conhecimento profundo da realidade onde se pretende intervir. É de salientar que qualquer transformação social pela intervenção apenas será possível através da participação ativa de todos os intervenientes no processo, pelo empenhamento de cada uma das partes. De acordo com os resultados conseguidos, a Animação Sociocultural tem alcançado progressivamente uma importância científica e de investigação. Cunha (2009, p.23) afirma que, a importância desta conquista “...sem que, contudo, renuncie ao seu carácter prático e de consciencialização das pessoas, deve-se ao facto de ela não atuar apenas como metodologia, que alguns aplicam, mas antes como uma prática social crítica”.

O conceito de Animação Sociocultural nasceu pela primeira vez na Europa, em França, tendo surgido com a finalidade da reconstrução social, humana e cultural da pessoa. Em Portugal só se começa a falar de Animação Sociocultural já depois do 25 de Abril, nomeadamente em finais dos anos 70.

Segundo Cunha (2009), a animação nasce, assim, como uma:

forma de promoção de actividades destinadas a encher criativamente o tempo livre, corrigir desenraizamentos que produzam os grandes centros urbanos, evitar que se aprofunde ainda mais a fenda ou fosso cultural existente entre diferentes sectores sociais, desbloquear a comunicação social mediante a criação de âmbitos de encontro que facilitem as relações interpessoais, alertar as formas de educação permanente e criar as condições para a expressão, iniciativa e criatividade das pessoas. (p.30)

O seu início na década de 50, como percebemos, deu-se numa ótica de ocupação de tempos livre, numa dinâmica de voluntariado. Só numa segunda fase, entre as décadas de 60-70, se iniciou a profissionalização da Animação Sociocultural, passando a enquadrar-se nas políticas sociais e educativas. Numa terceira fase, mais propriamente na década de 80, a Animação Sociocultural vive um período dourado, passando a ser entendida como um programa de intervenção social.

O conceito de Animação Sociocultural não é algo simples de definir, ou seja, segundo Froufe e Sánchez, (1999, citado em Cunha, 2009)

a animação procede de uma dupla raiz latina: «anima» ou «animus». «Anima» no sentido de dar vida, vitalização, dar sentido, dar espírito ou alento e «animus» de dinamismo, movimento, movimentação. Neste sentido, Animação tem um duplo sentido, esta dá vida e incita a ação. (p.31)

Através desta prática social pretendeu-se colocar em ação o sentido, por um lado, “dar vida” aos idosos que se encontravam apáticos, agarrados a costumes de solidão e isolamento, por outro lado, incitando à ação, a participação e empenho dos intervenientes que constituem a problemática, nomeadamente os Idosos.

### **1.6.1 – O ANIMADOR**

Segundo Ander-Egg (1999, citado em Cunha 2009, p.47), o Animador é “um catalisador, dinamizador, assistente, técnico, mediador, transmissor (...) cujo comportamento e modo de agir vão interferir nos processos de participação dos outros”. O animador tem de conhecer o público-alvo para o qual se dirige, perceber quais as suas necessidades, motivações e interesses tanto pessoais como coletivos. E, assim, criará às condições para conceber, organizar atividades de animação, como afirma Cunha (2009, p.47), de “animação de carácter cultural, educativo, social, lúdico e recreativo”.

Entre muitas funções, o animador tem de dirigir e ser um facilitador de aprendizagens. É também um proporcionador de relações pessoais e de cooperação entre todos os intervenientes. Apenas assim será possível que o grupo com que trabalha se desenvolva individual e coletivamente no sentido que se pretende conduzir a intervenção. Inculcar o dinamismo individual e coletivo e estimular a participação ativa do grupo valoriza e permite o sucesso de qualquer atividade de animação sociocultural. Cabe a este impulsionar e proporcionar relações de confiança entre o grupo onde intervêm e entre estes e ele. Esta relação de confiança será o marco para se partir para um diálogo sem receios, neste projeto, com os idosos e perceber quais as suas necessidades, motivações e expectativas. Apenas, auscultando os idosos se poderá realizar uma análise de necessidades e, conseqüentemente, conceber e implementar um plano de ações de acordo com às reais necessidades de intervenção. Cunha (2009) afirma que o animador tem de concentrar em si um conjunto de características indispensáveis, nomeadamente:

possuir fortes competências sociais, gostar de comunicar e estar com as pessoas, ser criativo e dinâmico. Saber criar empatia, ter qualidades de liderança e de organização, são também requisitos apreciáveis, pois é sabido que o animador, ao tentar mudar a sociedade, tem de fazer com que as pessoas admirem e se envolvam nas atividades que propõe (p.48)

O animador que conseguir estabelecer uma relação de confiança, atenção e amor, conseguirá estimular o público-alvo e proporcionar a exposição das suas reais vontades. Apenas desta forma, passará a ser a pessoa de confiança que se pretende para desempenhar da melhor

forma esta profissão tão bonita e gratificante e conseguirá que se alcance os objetivos, tanto individuais como coletivos.

Azevedo (2008, citado em Cunha, 2009) apresenta-nos uma visão mais romântica que, para nós, condensa o verdadeiro significado do papel de um animador, pois transmite a ideia de trabalho árduo, mas apaixonante pelo qual este terá que passar. Segundo esta autora

O animador sociocultural é, portanto, (...) um peregrino da Verdade e do Ser que, tendo iniciado pela mão de outro este caminho, toma para si a missão de, sem descanso, estimular cada um dos membros da comunidade a, por si mesmo e para os outros, desentranhar a capacidade de estar sozinho (mas não isolado) perante as escolhas e o sentido da própria vida, a fim de ser e querer ser sempre Mais e Melhor.

Neste sentido, o animador irá procurar suscitar o interesse e a motivação dos idosos, de forma a fazer (re) nascer desejos e a proporcionar ocasiões de descoberta a cada um destes intervenientes, levando-os a participar na vida ativa do coletivo.

Segundo Larrázabal (2004), ao animador sociocultural são atribuídas diversas funções, das quais se podem destacar a animação integral da vida comunitária. Realiza estudos de situação, de atividades ou de programas de transformação; impulsiona e encaminha grupos de ação e de reflexão; promove iniciativas sociais e culturais; programa atividades e compõe planos globais; forma os indivíduos (o grupo), transmitindo conteúdos e modificando algumas atitudes; elabora a gestão ligada às atividades realizadas, na vida associativa ou nos serviços sociais existentes; proporciona assistência técnica, facilitando a realização e a continuação das atividades; certifica-se que existe um relacionamento dinâmico entre os sujeitos e os grupos e as atuações comunitárias; e, por fim, dirige e avalia os resultados.

## **1.7 – ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E TERCEIRA IDADE**

Não sendo uma ciência exata, a Animação Sociocultural é caracterizada pela sua natureza de procedimento e estratégia, em que mais importante que fazer é saber como se faz.

Quando utilizada com idosos, uma das características mais positivas da animação é o facto de ela possibilitar ao idoso que as suas qualidades interiores se revelem e lhe deem sustentação, equilibrando-o e sobrepondo-se às perdas que no geral o atingem nesta etapa da

vida. Neste âmbito ela representa um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso do idoso a uma vida mais ativa e mais criadora (envelhecimento ativo), à melhoria das relações e comunicação com os outros, a uma melhor participação na vida da comunidade de que faz parte e ao desenvolvimento da sua personalidade e autonomia.

Hervy (2001, p.31) afirma que a importância da animação das pessoas mais velhas, advém do facto de “facilitar a sua inserção na sociedade, a sua participação na vida social e, sobretudo, permitir-lhes desempenhar um papel e inclusive reativar papéis sociais.”

Segundo Lopes (2006), a Animação Sociocultural na terceira idade funda-se

nos princípios de uma gerontologia educativa, promotora de situações optimizantes e operativas, com vista a auxiliar as pessoas idosas a programar a evolução natural do seu envelhecimento, a promover-lhes novos interesses e novas atividades, que conduzam à manutenção da sua vitalidade física e mental... (p.329)

De acordo com Osório (1998, citado em Trindade 2010)

Entre as finalidades e os objetivos de animação podem destacar-se os seguintes: promover o bem-estar individual, de grupo e comunitário das pessoas idosas; melhorar a sua qualidade de vida e de saúde integral; (...) fornecer os meios para que continuem a viver muitos anos repletos de vida, de ilusão, sentido, dignidade e felicidade; potenciar e desenvolver capacidades, habilidades e destreza das pessoas (...); motivá-las para que continuem ativas, participativas, solidárias, críticas e úteis no meio social. (p.2)

A Animação apresenta um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso a uma vida mais ativa e mais criativa, à melhoria nas relações e na comunicação com os outros; para uma melhor participação na vida da comunidade de que se faz parte, desenvolvendo a autonomia pessoal. (Jacob 2007, p.31) “A educação para o lazer entre os idosos tem por objetivo facilitar o desenvolvimento de um estilo de vida que aumente a sua qualidade de vida.” Define-se assim a Animação de idosos como a maneira de atuar em todos os campos do desenvolvimento da

qualidade de vida dos mais velhos, sendo um estímulo permanente da vida mental, física e afetiva da pessoa idosa.

Segundo Jacob (2007)

a Animação representa um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso a uma vida mais ativa, à melhoria nas relações e comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade de que se faz parte, desenvolvendo a personalidade do indivíduo e a sua autonomia. (p.31)

Para Hervy (2001, p. 11) “A importância da animação social das pessoas mais velhas é facilitar a sua inserção na sociedade, a sua participação na vida social e, sobretudo, permitir-lhe desempenhar um papel, inclusive, reativar papéis.”

Na terceira idade, as pessoas não podem ser vistas como pessoas a caminhar para o fim da sua vida, mas sim encaradas como pessoas válidas com experiências de vida e sabedorias, capazes de transmitir os seus saberes e vivências aos mais novos; com capacidades de aprendizagem educativas, culturais, físicas e sociais, sendo a sua principal característica a motivação para a aprendizagem e pela melhoria da qualidade de vida, a nível social, afetivo, educativo e física-motor.

Segundo Jacob (2007) a Animação de idosos, atualmente, tem como objetivos:

- Definir um modo de organização entre os diferentes atores de animação, para darem dinamismo à instituição;
- Criar um estado de espírito, um clima, uma dinâmica, dentro dos estabelecimentos que permitam que cada residente e pessoal se associem numa caminhada global de animação;
- Centra-se sobre as necessidades, os desejos e os problemas vividos por cada membro do grupo;
- Favorecer a adesão de todos os objetivos de animação livremente elaborados;
- Suscitar o interesse direcionado a outras pessoas com a finalidade de viver em harmonia aceitando e respeitando os valores, as crenças, o meio e a vivência de cada um;
- Fazer renascer gostos e desejos dando a cada um a ocasião de se redescobrir, de se situar no seio da instituição e de participar na vida do grupo, favorecer as relações, promover as trocas e criar assim uma nova arte de viver baseada na relação/interação;

- Permitir às pessoas idosas que se reintegrem na sociedade como membros ativos, favorecendo os contactos e as trocas com o exterior da instituição;
- Preservar ao máximo a autonomia dos residentes assim como manter as relações dentro de uma dimensão lúdica da animação.

A animação deve estimular a participação dos utentes para torná-los mais ativos e interventivos, fazendo com que eles se sintam mais uteis e pessoas de pleno direito. Também incentiva os idosos a empreender certas atividades que contribuem para o seu desenvolvimento, dando-lhe o sentimento de pertencer a uma sociedade, para cuja evolução podem continuar a contribuir (p.32)

Assim sendo, no campo da terceira idade, a animação sociocultural surge como resposta a uma ausência ou diminuição das atividades e relações sociais dos idosos, na medida em que é capaz de preencher esse vazio diário e ajudar a favorecer a emergência de uma vida centrada à volta do indivíduo ou do grupo.

## **1.8 – ANIMAR PARA MELHOR ENVELHECER E A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA**

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire 1969, p. 35)

Iniciando um novo subponto temático deste trabalho, achamos por bem falar de dois temas que, sendo diferentes, se complementam num todo, pois é através da educação ao longo da vida que se consegue fazer envelhecimento ativo, conceito esse que se pretende averiguar com este estudo.

Para Radovan “et al.” (2014, p.9), *“Late-life learning has emerged as the most crucial challenge facing international trends in lifelong education”*

É possível afirmar que a animação tem uma vertente cultural e educativa, pois, os idosos continuam a aprender ao longo deste ciclo de vida, realizando atividades e ocupações (terapêuticas); e que o idoso deve ter qualidade de vida, no seu envelhecimento progressivo e níveis de satisfação, dando-lhe a possibilidade de realizar atividades adequadas e com interesse.

Deve-se considerar que a qualidade de vida nos idosos está relacionada com a saúde e com as relações do idoso com a família, com a convivência, com as pessoas (parentes, amigos, vizinhos, funcionários), com a participação em tarefas/atividades que ocupem o seu quotidiano e que gostam de fazer, com a autonomia de fazerem, por si mesmo, uma vida o mais

normalizado e independente possível, dentro das suas capacidades e/ou limitações no seu processo de envelhecimento.

A educação ao longo da vida procura facilitar ao idoso o seu contacto com as novas sociedades e as novas tecnologias, passando estes a adquirir autonomia em alguns aspetos da vida moderno. De acordo com Beauclair (2008, p.3) “o ato humano de conhecer, na atualidade, é complexo e ganha nova roupagem pelo advento das novas tecnologias de informação e conhecimento e por observarmos os avanços oriundos dos diversos campos do saber.”

A educação na Terceira Idade pretende estabelecer uma elevação da autoestima do idoso, um melhor relacionamento com pessoas da mesma idade que a sua e com outros mais jovens, sentir a alegria de estar vivo e querer aproveitar ao máximo cada minuto do seu dia-a-dia, desenvolvendo habilidades que proporcionem prazer, facilidade para entender o mundo atual e deixar o passado como um conhecimento empírico e não viver agarrado a ele.

Para Baptista (2002)

a participação social das pessoas da Terceira Idade pode ser potenciada nos próprios contextos e áreas de trabalho, onde os adultos em questão desenvolveram a sua atividade profissional ou em contextos e áreas novas, dando expressão a outros desejos, impossíveis de realizar durante o chamado período de vida ativa (p.28)

Seria pertinente citar as consequências dos princípios da educação permanente propostas por Nogueira (1996). Entre os princípios defendidos por este autor estão que a educação permanente designa um projeto, é global, destina-se a reestruturar o sistema educativo como a desenvolver todas as possibilidades de formação fora do sistema educativo, considera o ser humano sujeito da sua própria educação por meio da interação permanente das suas ações e reflexões, rejeita intervenções que se limitem ao período de escolaridade, abarca todas as dimensões da vida, todos os ramos do saber e todos os conhecimentos práticos que podem adquirir-se por todos os meios, contribui para todas as formas de desenvolvimento da personalidade e é total. São também enumeradas as consequências da educação permanente estabelecendo que não é um sistema fechado, não é sectorizado, ultrapassa o sistema educativo e como consequência ultrapassa as possibilidades de qualquer Ministério da Educação, é participativo, descentralizado e englobado nas necessidades sociais reais, é trans-escolar, é

integral, articula projetos de formação com projetos de desenvolvimento e articula todos os projetos entre si.

Citando Barros (2011)

A perspetiva da educação permanente e a perspetiva da aprendizagem ao longo da vida possuem, ambas, uma matriz de entendimento muito concreto para definir o que é a educação de adultos, em função da intencionalidade, ou missão, que lhe é atribuída (p.156)

Ainda segundo esta autora, devemos saber traçar uma fronteira entre os conceitos de conhecimento e saber, pois, se no conceito de conhecimento “...cada individuo conhece algo na exata medida da sua experimentação do mundo, do seu contacto com as ideias do mundo e com as coisas do mundo...” (p.158), já o conceito de saber traduz-se como

ao nível da comunicação um certo enunciado, que é tido como social ou cientificamente válido, isto é, como paradigmático para explicar a realidade numa determinada época (...) se torna ainda necessário considerar um outro nível no qual o conceito de saber é indicativo de algo que se faz, é um saber-fazer...” (p.159)

Nos dias de hoje, a educação para a Terceira Idade tem uma matriz muito diferente do que teve nos seus primórdios. Já não se investe na alfabetização, senão no ensino de conhecimentos especializados dados por professores voluntários. Seria pois interessante falar da contradição que existe, entre os jovens e os idosos. Enquanto os primeiros contam os dias para saírem da universidade, os segundos não querem sair de lá, porque foi naquele local que se encontraram com uma realidade diferente da que tinham imaginado. Os primeiros estudam por obrigação e (alguns) por imposição familiar, os segundos fazem-no por prazer e para alongar o seu leque de conhecimentos, não só académicos, mas também empíricos; tudo isto com a intenção de viver com mais qualidade de vida, com mais prazer e desenvolver potencialidades e habilidades que nunca imaginaram ter.

Não podemos esquecer que os Adultos, e nomeadamente os Adultos mais velhos, têm um processo longo e demorado de aprendizagem, pois não se ensina de igual forma uma criança ou jovem do que se ensina um idoso, pelo que convém recordar, como nos diz Fragoso (2012,

p.131) “O trabalho de ajudar os adultos a evidenciar competências é longo, demorado, sério, envolvendo um processo de consciencialização dos adultos...”.

A educação nesta faixa etária procura facilitar na vida do idoso o seu contacto com as novas sociedades e, principalmente, com as novas tecnologias. Desta forma passam a adquirir autonomia em alguns aspetos modernos. A educação na Terceira Idade pretende estabelecer uma elevação da autoestima do idoso, um melhor relacionamento com as pessoas da mesma idade e com outras mais jovens, sentir alegria por estar vivo e querer aproveitar cada minuto, desenvolver habilidades que proporcionem prazer, facilidade para entender o mundo atual e deixar o passado como um conhecimento empírico e não viver agarrado a ele.

Podemos também referir o que nos escreve Fragoso (2007, p.201), “...foi a seguir à Segunda Guerra Mundial que se acreditou que a educação de adultos seria um instrumento importante, que colaboraria para uma sociedade mais justa e mais igualitária.”

Resumidamente, a educação ao longo da vida refere-se à motivação e necessidade de aprender, fazendo-o sempre que tenha condições próprias sem importar o momento da vida em que sucede este facto.

## **2 – METODOLOGIA**

## 2.1 – PARADIGMA DO ESTUDO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Um paradigma é aquilo que permite olhar o mundo e identificar o que nele é importante (Bogdan & Biklen, 1982).

Diferentes autores indicam que a escolha do paradigma de investigação deve ser determinada pelas características do objeto de estudo. Questionamos até que ponto deve, de facto, ser assim.

Guba (1990 citado em Aires, L. 2011, p.18) considera o paradigma, ou esquema interpretativo, “um conjunto de crenças que orientam a ação”. Cada paradigma faz exigências específicas ao investigador, incluindo as questões que formulam e as interpretações que fazem dos problemas. Genericamente, podemos detetar quatro paradigmas de investigação: positivista/pós-positivista, construtivista-interpretativo, crítico e feminista pós-estrutural.

No caso do estudo em questão, debruçamo-nos sobre o paradigma interpretativo, pois, segundo Burrell e Morgan (1979, citado em Wellington 2015)

é informado por um interesse em entender o mundo como ele é, mas de entender a natureza fundamental do mundo social ao nível da experiência subjetiva. Ele busca explanação dentro do reino da consciência individual e da subjetividade, dentro do quadro de referência do participante, em oposição ao do observador da ação. É nominalista, ante positivista, voluntarista e ideográfico. Através dele se vê o mundo social como um processo social emergente que foi criado pelos indivíduos envolvidos. A realidade social não tem existência fora da consciência de qualquer indivíduo em particular; é visto como sendo pouco mais do que uma rede de pressupostos e de significados compartilhados intersubjetivamente (p.23)

Estas questões abarcam diversos aspetos de carácter ético, tais como o respeito ao “consentimento informado” dado pelos participantes envolvidos no estudo (Fontana e Frey, 1994; Punch, 1994) e que no caso deste estudo pode ser consultado no anexo 4. Este consentimento deve resultar de uma informação clara por parte do investigador quanto aos objetivos a que se propõe e os processos que pensa utilizar, ou, por outras palavras, as regras do jogo devem ser claras e, em última instância, negociadas. Deste princípio decorre de

imediatamente que não faz qualquer sentido usar ao longo do desenvolvimento do estudo processos de recolha de dados que não sejam do conhecimento dos participantes e não tenham o seu aval prévio. Um segundo aspeto relaciona-se com os cuidados a ter no que respeita a possíveis implicações para os participantes decorrentes da publicação do estudo, sejam elas situações embaraçosas ou outras de qualquer tipo.

Os limites da divulgação pública devem assim ser discutidos e negociados com os intervenientes. Esta questão está igualmente associada à decisão de estabelecer até que ponto é legítimo entrar na vida privada dos participantes. O facto de a pessoa aceitar participar numa investigação não equivale a autorizar a invasão da sua privacidade (Stake, 1994). Segundo Adler e Adler (1994), a invasão da privacidade pode tomar duas formas distintas: invadir espaços privados, não acessíveis ao público em geral, ou apresentar-se a si próprio como membro da comunidade de forma a ter acesso a esse espaço. Um processo que normalmente é utilizado para minimizar os riscos anteriormente referido é o recurso ao anonimato, através do uso de pseudónimos. Entende-se assim que não basta usar designações artificiais; é igualmente necessário garantir que aquilo que é divulgado é reconhecido pelo próprio como único e original de si e não pertencente ao seu foro íntimo. Para que seja possível garantir este aspeto é absolutamente imprescindível que as pessoas envolvidas no estudo conheçam em primeira mão o conteúdo final do estudo, antes de este ser divulgado, motivo pelo qual esta dissertação foi também disponibilizada aos que colaboraram na dimensão empírica desenvolvida.

## **2.2 – MÉTODO E TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO**

O método de investigação utilizado foi o Estudo de Caso com carácter exploratório. A técnica de investigação foi a Entrevista Semi-Diretiva.

A entrevista é uma aplicação dos processos fundamentais de comunicação que quando são corretamente utilizados permitem ao investigador retirar das suas entrevistas elementos de reflexão muito ricos. Na entrevista, contrariamente ao inquérito por questionário, há um contato direto entre o investigador e os seus interlocutores. Esta troca permite ao interlocutor do investigador exprimir as suas ideias, enquanto o investigador, através das suas perguntas, facilita essa expressão e não deixa que se fuja dos objetivos de investigação, cabendo também ao investigador trazer elementos de análise tão fecundos quanto possível.

A entrevista é especialmente adequada para o estudo do sentido que os autores dão às suas práticas, na recolha de perspetivas diversas para problemas específicos e na reconstituição de um processo de ação, de experiências ou acontecimentos do passado. Tem como principais

vantagens o grau de profundidade dos elementos de informação recolhidos e a flexibilidade para permitir recolher testemunhos dos interlocutores. Quanto a desvantagens, a questão de flexibilidade também pode vir ao de cima. Isto porque o entrevistador tem que saber jogar com este fator, de forma a estar à vontade, mas também de forma a não intimidar o interlocutor.

Os dados das entrevistas estão sempre relacionados com um método de análise de conteúdo. Quantos mais elementos pertinentes de informação se conseguir aproveitar da entrevista, mais rica será a nossa reflexão.

Segundo Pérez Serrano (1994, p.81) “*su objetivo básico es comprender el significado de una experiencia. El conocimiento de lo particular, de lo idiosincrásico, sin olvidar su contexto, parece que está presente en la intencionalidad de la investigación basada en estudios de caso*”

Este estudo contou com um universo de 40 utentes idosos da Associação Âncora, com idades compreendidas entre os 56 e 89 e com várias patologias. Contudo a amostra centrou-se nos utentes menos dependentes, nomeadamente um total de 14 utentes. Esta amostra viabilizou a obtenção de dados para responder à pergunta de partida: de que forma as perceções dos idosos sobre o papel da animação social podem influenciar o seu bem-estar nesta instituição.

O estudo de caso é bastante complexo e exige o cumprimento de alguns princípios, “é muito mais do que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância. Tal como em qualquer outra investigação, os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente” (Bell, 1993, p.23).

No início, o investigador possui ideias acerca daquilo que pretende investigar, contudo, o investigador também deve ter consciência de que a realidade lhe irá dar muitos outros conhecimentos e constrangimentos que o fará ter de reformular muitos aspetos; “dentro da própria conceção de estudo de caso que pretende não partir de uma visão premeditada da realidade, mas apreender os aspetos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação” (Ludke & André, 1986, p.22). Ainda segundo estes autores, os estudo de caso visam a descoberta, na medida em que podem surgir, em qualquer altura, novos elementos e aspetos importantes para a investigação, para além dos pressupostos do enquadramento teórico inicial; por outro lado enfatizam a interpretação em contexto, na medida em que todo o estudo desta natureza tem que ter em conta as características da instituição, o meio social em que está inserida, os recursos materiais e humanos, entre outros aspetos; retratam a realidade de uma forma completa e profunda; usam uma variedade de fontes de informação; permitem generalizações naturalistas; procuram representar as diferentes perspetivas presentes numa

situação social; e utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros métodos de investigação. Afirmavam ainda que o interesse do estudo de caso reflete naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente permaneçam certas semelhanças com outros casos e que se deve escolher este tipo de estudo quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo.

Para além de mostrar a realidade de uma forma bastante profunda, o estudo de caso também tem a capacidade de alargar o nosso conhecimento, a nossa compreensão, a nossa visão da realidade. Baseando-nos em Lessard (1990) podemos dizer que

o estudo de caso toma por objeto um fenómeno contemporâneo situado no contexto da vida real, as fronteiras entre o fenómeno estudado e o contexto não estão nitidamente demarcadas e o investigador utiliza fontes múltiplas de dados. No que respeita ao campo, este é menos construído, portanto mais real, menos limitado, portanto mais aberto, menos manipulável, portanto menos controlado. (p.169)

No estudo de caso, “o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador” (Silva & Pinto, 1986, p.132), mobilizando um conjunto de técnicas, quer de recolha de informação, normalmente a observação participante e a +, quer de registo de observações e reflexões pertinentes. A este conjunto de técnicas é possível, no entanto, associar complementarmente, outras técnicas, tais como a análise de documentos.

A escolha por um estudo de caso baseia-se, essencialmente, no facto da vantagem deste método “permitir ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico ou situação a identificar, ou tentar identificar, os diversos processos interativos em curso” (Bell, 1993, p.23).

Stake (2007) determina a escolha do estudo de caso para algo específico, complexo e em funcionamento, com um limite bem definido. Distingue três tipos de estudos de caso – o estudo de caso intrínseco, em que o investigador está interessado em aprender sobre o caso em particular, e não somente porque ao estudá-lo vai aprender sobre outros casos ou um problema em geral; o estudo de caso instrumental, quando um problema de investigação, uma perplexidade ou uma necessidade de compreensão global, levam o investigador a acreditar que obterá um conhecimento mais profundo se estudar um caso em particular; e ainda o estudo de caso coletivo, em que o investigador estuda conjuntamente alguns casos para compreender um

dado fenómeno, e em que cada caso, encarado como instrumental, pode vir a contribuir para alcançar uma melhor compreensão do fenómeno estudado.

Sobre o estudo na Associação Âncora, utilizamos o estudo de caso intrínseco visando conhecer qual o papel da animação sociocultural no bem-estar da pessoa idosa em contexto de centro de dia.

Nesta lógica, optamos por uma abordagem mista, quantitativa e qualitativa, para neste estudo recolher e refletir os aspetos enraizados, os hábitos quotidianos dos sujeitos ou grupos em análise, de modo a sustentar, e fundamentar a respetiva inferência ou interpretação dos seus comportamentos e das suas perceções e representações, recorrendo a um modelo de investigação exploratória, que permitiu manusear o conjunto de dados provenientes das entrevistas realizadas entre março e abril de 2015. Bogdan e Biklen (1994) identificam alguns aspetos essenciais, nomeadamente quanto ao carácter descritivo e prático dos estudos qualitativos e exploratórios.

Seguidamente explicamos a justificação das perguntas principais, que nos nortearam no processo de recolha de dados empíricos:

**Perg. 1- Identificação:**

Pretendeu-se com esta pergunta recolher informação sobre a idade, o género e o estado civil, para conhecer o perfil sócio-demográfico, dos 14 utentes inquiridos.

**Perg. 2 – Profissão antes da reforma:**

Pensamos que seria interessante conhecer os seus hábitos laborais para compreender se há relação com as perceções captadas.

**Perg. 3 - Considera importante a existência de atividades de animação?**

Esta pergunta é fulcral para entender até que ponto os idosos valorizam as atividades de animação sociocultural.

**Perg. 4 - Costuma participar nas atividades de animação propostas?**

Neste estudo é deveras importante saber até que ponto os idosos participam (ou não) nas atividades que a instituição lhes propõe diariamente para que se possa entender qual o valor que dão a essas mesmas atividades.

**Perg. 5 - Para si qual o sentido e o valor das atividades de animação?**

Esta questão foi das mais importantes em todo trabalho de investigação, pois aprofunda o entendimento e percepção que os idosos têm sobre o sentido das atividades de animação.

**Perg. 6 - De que forma as atividades de animação são importantes para si?**

Esta informação foi fulcral no entendimento das percepções e representações que os idosos têm sobre a principal função que a animação tem no seu dia-a-dia.

**Perg. 7 - Considera que os horários das atividades são os mais adequados?**

Aqui tenta-se perceber até que ponto os utentes têm presente os horários diários disponibilizados para a realização de atividades de animação e o que pensam acerca disso.

**Perg. 8 - Quais as atividades de animação que prefere?**

Como todo o estudo roda em termos da animação, esta questão fez com que ficassem explícitas as atividades que os idosos mais gostam / preferem realizar, ajudando na (re)interpretação do Plano de Atividades existente.

**Perg. 9 - Indique duas atividades que gostaria de ver realizadas**

Nesta questão foi dado a cada idoso a possibilidade de ter voz para poder dizer aquilo que mais gosta (gostaria) de fazer.

**Perg. 10 - Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo a participar nas atividades de animação propostas?**

As auxiliares (de ação direta) da Associação Âncora são também as pessoas que, seguindo o plano de atividades semanal, realizam as atividades de animação com os idosos, pelo que a relação entre idoso/auxiliar é central, sendo que foi interessante saber até que ponto essa relação se traduz em envolvimento e cumplicidade nas atividades propostas.

**Perg. 11 - Quais são as qualidades que mais aprecia nas auxiliares?**

A resposta pode traduzir a cumplicidade (ou não) no trabalho realizado enquanto auxiliares de ação direta e o trabalho desenvolvido enquanto auxiliares dos programas de animação.

**Perg. 12 - Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário?**

Neste ponto quisemos saber até que ponto os idosos vêm as atividades adaptadas à sua faixa etária ou se, por outro lado, consideram as mesmas “acriançadas”.

**Perg. 13 - Considera que as atividades se desenvolvem em ambientes seguros?**

Por último, foi importante saber se os idosos se sentem seguros nas atividades desenvolvidas e até que ponto deixam de participar nas mesmas com medo de se lesionarem.

## **2.3 – OBJETIVOS GERAIS**

Conhecer o sentido, o valor e a importância que a pessoa idosa atribui às atividades da Animação Sociocultural, na construção do seu bem-estar global foram os nossos objetivos gerais.

Desta forma, os utentes conhecem um modo de organização entre os diferentes atores de animação que dão dinamismo à instituição, atores esse que criam um estado de espírito, um clima, uma dinâmica, dentro do estabelecimento que permita que cada utente e pessoal auxiliar se associem numa caminhada global de animação. Centra-se nas necessidades, nos desejos e nos problemas vividos por cada utente, favorecendo a adesão de todos os objetivos de animação livremente elaborados pela equipa técnica e desenvolvido pelas auxiliares.

Suscitam o interesse direcionado a outras pessoas com a finalidade de viver em harmonia aceitando e respeitando os valores, as crenças, o meio e a vivência de cada um, fazendo renascer gostos e desejos dando a cada um a ocasião de se redescobrir, de se situar no seio da instituição e de participar na vida do grupo, favorecer as relações interpessoais, promovendo a troca de ideias e criando assim uma nova arte de viver baseada na relação/interação interpessoal.

Permite à pessoa idosa que se reintegre na sociedade como membro ativo, favorecendo os contactos e as trocas com o exterior da instituição, preservando ao máximo a autonomia dos utentes, bem como manter as relações dentro de uma dimensão lúdica da animação.

Através das perguntas formuladas, identificamos em que medida foram alcançados os objetivos que nos propusemos, nomeadamente que sentido dão às atividades de animação; qual o valor que essas mesmas atividades têm na sua vida e no seu dia-a-dia e principalmente que importância lhes dão para, de uma forma geral, melhorarem a sua vida.

As perguntas exploratórias ajudaram-nos a perceber um pouco melhor de onde vinha cada um dos utentes inquiridos, tendo as mesmas sido seguidas de perguntas diretas sobre se a

Animação Sociocultural é importante na sua vida e qual o papel que a mesma tem no seu bem-estar. Foi também importante saber qual o sentido e valor que essas mesmas atividades transmitem a cada um dos idosos particularmente, bem como a sua importância.

Como em tudo o que nos rodeia, existem coisas que gostamos mais e menos, pelo que foram questionados sobre essa temática, bem como lhes foi dada a possibilidade de proporem 2 atividades que poderiam ser realizadas na instituição pelas auxiliares, auxiliares essas que são, no fundo, quem envolve e motiva os idosos a participar nas atividades propostas pelo plano de atividades da instituição.

Jacob (2007) menciona sete faces da animação sociocultural para idosos, que as instituições para a terceira idade deveriam ter em conta, e que compreendem a animação motora, cognitiva, expressão plástica, comunicação, desenvolvimento pessoal e social, lúdica e comunitária. A animação motora, como o próprio nome indica, pretende trabalhar a parte física do idoso para evitar a inatividade; a animação cognitiva tenta cuidar do melhor funcionamento do cérebro através da concentração, da observação, do raciocínio, da imaginação e da criatividade; a animação a partir da expressão plástica pretende mostrar a característica artística dos idosos, exprimindo-se através de vários tipos de materiais como o barro, a plasticina ou de um lápis e um papel; a animação que tem em vista a comunicação incentiva os idosos a falar e a contar histórias, suas ou a partir de leituras, mas também dar a conhecer outras formas de comunicação como a postura, o comportamento e o movimento; a animação associada ao desenvolvimento pessoal e social tenta integrar o idoso num grupo para que possa existir um autoconhecimento e para melhorar, ou criar, competências sociais e pessoais para que seja possível interagir mais facilmente com a comunidade e com as pessoas que o rodeiam; a animação lúdica pretende promover o convívio, divertir e criar momentos de lazer e brincadeira para os idosos, pois «é das melhores formas de transmitirmos uma mensagem e de nos divertirmos» (Jacob, 2007, p.4); por último, mas não menos importante, a animação comunitária incentiva os idosos mais autónomos a envolverem-se na sua comunidade.

Todos estes pontos são trabalhados pela Associação Âncora e é através dos mesmos que os idosos inquiridos, bem como os outros utentes, vivem os seus dias no centro, fazendo com que, na construção do seu bem-estar global, o sentido, o valor e a importância que a pessoa idosa dá às atividades de animação é, sem dúvida, um ponto forte em todo o estudo ora apresentado.

## **2.4 – REFLEXÃO SOBRE OS CONSTRANGIMENTOS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO.**

O nosso trabalho de investigação, longe de decorrer num só sentido, teve bastantes sustos e percalços até conseguirmos a realização do mesmo, tendo decorrido da forma que ora se apresentará.

Em 2013, por nos encontrarmos a trabalhar num Lar de Idosos na área da Animação Sociocultural, nomeadamente o Lar de Santa Maria, em Tavira, achamos por bem especializarmo-nos um pouco mais na área em que estávamos a trabalhar, pelo que decidimos fazer Mestrado na área da Educação Social coisa que se fez a partir de outubro desse mesmo ano. Finda a parte curricular com nota Bom, solicitamos à instituição onde trabalhamos, Centro Social e Paroquial de Santa Maria, em Tavira, autorização para realizar trabalho de investigação relativamente às perceções e representações dos idosos sobre o papel da animação sociocultural no seu bem estar, existido reunião prévia com o diretor do curso de Mestrado em Educação Social na altura, Professor Doutor António Almeida e o Presidente da Direção, na altura, do Centro Social e Paroquial de Santa Maria, tendo sido aceite a mesma, através de protocolo entre a Universidade do Algarve e o Centro Social e Paroquial de Santa Maria a 26 de Março de 2014.

De referir que o Centro Social e Paroquial de Santa Maria tem 2 Instituições de Idosos: Lar de Santa Maria, onde exercemos o nosso trabalho de animação, e o Lar da Pegada, que tem uma Educadora Social como animadora, e foi nesta última que solicitamos autorização para a realização do trabalho de investigação, pois o nosso contacto com esta realidade é muito menor.

Contudo, a vida dá muitas voltas, e após termos iniciado trabalho de pesquisa e investigação, recebemos, a 12 de novembro de 2014, carta de despedimento da entidade patronal. Como se entende, as relações bilaterais entre a nossa pessoa e a Instituição demitente não ficaram pelo melhor, sendo que, ainda por cima, depois de um curto, mas penoso, processo judicial, fomos readmitidos com efetividade no nosso posto de trabalho a 31 de dezembro de 2014, aumentando ainda mais a certeza de que não teríamos condições nem apoio para continuar o trabalho de investigação, algo que se veio a confirmar a 23 de janeiro de 2015, quando, após pedido de esclarecimento, recebemos e-mail do Presidente da Direção a informar que não poderíamos continuar a realizar trabalho de investigação na Instituição.

Após estes percalços e reviravoltas, iniciamos de imediato contatos com diversas entidades no Concelho de Tavira de forma a podermos reiniciar o trabalho de investigação para a Dissertação de Mestrado, tendo recebido respostas positivas da Associação Âncora a 18 de

fevereiro de 2015 e do Centro Social Nossa Senhora das Dores, de Santa Catarina da Fonte do Bispo a 19 de fevereiro de 2015, tendo optado pela primeira opção, pois foi quem primeiro nos respondeu, nomeadamente a Associação Âncora. Assim sendo, e após informação à Orientadora de Mestrado e Diretora do Curso, Professora Doutora Rossana Barros, foi enviado Protocolo a 26 de fevereiro de 2015 a oficializar a realização da Dissertação, trabalho que foi desenvolvi com muito gosto e empenho, pois é um local onde fomos muito bem-recebidos pelos utentes, funcionários, equipa técnica, etc., tendo o trabalho sido realizado de uma forma muito agradável e com espírito de entreaajuda entre os utentes e funcionários.

Depois de toda a investigação feita na Associação Âncora, iniciamos a estruturação da nossa Dissertação, sempre com acompanhamento e supervisão da Professora Doutora Rossana Barros, que foi incansável connosco, de maneira a que, nas datas propostas, tivemos as nossas reuniões de tutoria, bem como na finalização deste trabalho que nos deu gozo em realizar, mas sempre com espírito de alcançar o objetivo de, por um lado, entender o papel da animação social no bem estar da pessoa idoso, e por outro, chegar ao fim de uma fase com a ora entrega deste trabalho final de Mestrado.

### **3 – ANÁLISE DE DADOS**

### **3.1- A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NAS INSTITUIÇÕES.**

Os lares e os centros de dia constituem estruturas destinadas a promover, junto da terceira idade, um conjunto de atividades e de ações de cariz cultural, recreativo, social e educativo. Se no plano legislativo estes objetos estão definidos e consagrados no ordenamento jurídico português, a realidade, porém, é bem diferente e está no inverso dos quadros normativos. Cada vez mais, vemos, ouvimos e lemos que, na sua esmagadora maioria, os lares públicos e privados são autênticos depósitos de pessoas possuidoras de sensibilidades, de memórias, de experiências e vivências, que se veem relegadas para espaços que, em geral, não foram arquitetonicamente concebidos para o efeito e onde reina a frieza e a apatia. É nesses sítios com essas características, que são literalmente despejados muitos idosos, e no tempo que lhes resta de vida, lhes é administrada a “morte lenta”, através dessa expressão “matar o tempo” (Lopes, 2006, p.46).

Os lares e os centros de dia parecem interpretar o convencional “descanso” da terceira idade, como se este se reduzisse a uma situação humana de seres mundanos e acamados. É uma situação perfeitamente desadaptada das necessidades da terceira idade. Para inverter esta situação é necessário promover programas de Animação Sociocultural que respondam, a partir dos domínios: Social, mas não só através de relações interpares, mas sobretudo, com o meio, porque a terceira idade não se pode situar à margem da sociedade; Cultural, potenciando e estimulando a memória viva dos idosos, o que se pode refletir em atividades como teatro, dança, artesanato, histórias de tradição oral, jogos e partilhas de saberes; Educativos, no sentido de estimular a criação e a aprendizagem de saberes entre formandos e formadores (Lopes, 2006, p.46). A ASC para a terceira idade, no contexto dos designados lares, encontra-se hoje regulamentada por legislação que, todavia, tem carecido de ser universalmente aplicada.

Neste quadro é de enfatizar que a Associação Âncora possui também um serviço exterior, denominado de “Animação ao domicílio”, que não tendo sido objeto do nosso estudo, merece aqui a nossa referência, pois a animação não se deve só basear na instituição “intramuros”.

O conceito de Animação ao domicílio surge associado à necessidade de serem conferidos aos idosos sinais de afeto e de solidariedade que passam, sobretudo, pelo estabelecimento de diálogo e da procura em manter e reforçar os laços sociais com o meio que o rodeia. Associa-se também à necessidade de desenvolver a autoestima para que o idoso não perca a (sua) autonomia, levando-o, sempre que possível, à execução das tarefas inerentes à

vida quotidiana, a reinseri-lo no meio social envolvente, mediante a manutenção ou o restabelecimento de laços com a comunidade, através de ações dinâmicas e de partilha de experiências e de vivências que visem a preservação da sua identidade e da sua interação. É, pois, baseados neste princípio, que importa reter que a animação ao domicílio não se reduz a um mero acompanhamento assistencial muito em voga nos dias de hoje em Portugal. Podemos, inclusive, partilhar a ideia de Elizasu (2001), que afirma:

*La animacion no puede ser reducida a un servicio suplementario a las ya existentes de apoyo en el domicilio. Hablar de animacion para personas mayores dependientes en el domicilio es interrogarse sobre el sentido de la vida de quien está confinado en su vivienda, es interrogarse sobre los pensamientos de la persona mayor cuando los intervinientes han dejado el domicilio y la persona se encuentra sola frente a ella misma. (p.59)*

### **3.2 – BREVE HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO**

Para conhecermos o seu trabalho, é necessário conhecer a Associação que está por detrás do mesmo e que apresentaremos de seguida.

A Âncora – Associação Centro Comunitário de Santa Luzia, é uma instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que objetiva um conjunto de repostas sociais, principalmente para a Freguesia de Santa Luzia, concelho de Tavira, não descurando outras freguesias que dela necessitem.

O início da Associação resultou de uma candidatura apresentado pela Câmara Municipal de Tavira a fundos comunitários para a construção de um edifício para centro de dia e atividades de tempos livres (ATL), tendo a escritura sido realizada dia 10 de março de 2001; no entanto, foi apenas no dia 25 de Abril de 2003 que se deu a sua inauguração oficial e só a 30 de dezembro do mesmo ano se deu a abertura do centro de dia. A creche e o pré-escolar aconteceram a 5 de dezembro de 2005.

A Associação dispõe de quatro valências, a saber: centro de dia para idosos com 43 utentes; serviço de apoio domiciliário com 20 utentes, creche com 25 crianças e pré-escolar com 20 crianças.

Apresenta vários objetivos gerais, tais como:

- Promover ações de assistência, privilegiando o desenvolvimento social, de modo a responder às carências da população;
- Desenvolver o respeito pela dignidade da pessoa humana, contribuindo para o seu desenvolvimento moral, espiritual e cultural;
- Estimular o desenvolvimento global da criança, promovendo experiências ricas, significativas e diversificadas;
- Desenvolver a atitude reflexiva, crítica e ativa no indivíduo, contribuindo para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o processo da aprendizagem;
- Criar o sentido comunitário, de modo a que os indivíduos, famílias e os demais grupos da comunidade se tornem promotores da sua própria valorização.

Para além das 4 valências já referidas, a Associação apresenta uma resposta social dirigida para famílias carenciadas. Trata-se do gabinete do rendimento social de inserção (RSI), que consiste num protocolo de colaboração entre a Segurança Social e a Associação, tendo o mesmo iniciado em 2007, que ajuda neste momento 100 famílias em Tavira e 150 famílias em Olhão.

Em termos de instalações, a Associação dispõe de 2 andares. No primeiro situa-se a secretaria, o gabinete de respostas sociais, uma sala polivalente, uma sala de informática, uma instalação sanitária para idosos (preparada com chuveiro para as higiènes), uma instalação sanitária para funcionários, uma cozinha, um refeitório, um bar e uma lavandaria. Ainda no primeiro andar encontra-se a sala do centro de dia (só para idosos), três salas para a infância (duas salas da creche e uma sala para o pré-escolar), bem como instalações sanitárias para as crianças. No segundo andar existe uma sala de reuniões, um gabinete para técnicos, uma sala de formação, um gabinete da equipa do RSI e o gabinete da direção.

### **3.3 – ASPETOS PRÉVIOS DOS PROTAGONISTAS DO ESTUDO**

Os protagonistas do nosso estudo foram os utentes da Valência de Centro de Dia da Associação Âncora, em Santa Luzia, Tavira, com idades compreendidas entre os 56 e os 89 anos, tendo sido averiguado qual o papel que a animação sociocultural tem na vida de cada um, no seu dia-a-dia e no global, bem como conhecer a perceção dos idosos sobre a forma como a mesma tem ajudado cada um a passar esses mesmos dias e como se sentem quando não têm as atividades (nomeadamente aos fins-de-semana).

Tomar a decisão de entrar para uma estrutura de Centro de Dia é uma grande mudança na vida de uma pessoa. Com ela vem sempre a separação, ainda que por algumas horas, do meio

familiar, obrigando a pessoa idosa a adaptar-se a um novo ambiente, a uma “nova” vida. É, pois um ato de grande impacto emocional, que representa muitas vezes uma rutura em relação à vida e aos hábitos anteriores.

Uma mudança de vida destas só pode ser efetuada se houver um consentimento livre, expresso e informado do futuro utente. Livre, no sentido de ser o próprio a tomar esta decisão sem intromissão abusiva. Expresso porque estando no uso das suas faculdades, terá que ser ele a dar o consentimento, por escrito. Informado, porque é necessário que manifeste essa vontade tendo conhecimento completo dos seus direitos e deveres, bem como dos da estrutura que irá integrar, e dos termos do contrato que ambos celebram.

Passamos a descrever seguidamente, cada uma destas etapas da entrada na valência de Centro de Dia porque são aspetos importantes pelos quais todos os protagonistas deste estudo exploratório passaram.

- Candidatura

A Diretora Técnica da Instituição, Dr<sup>a</sup> Luisa Gomes, deve explicar ao candidato que passar os dias numa instituição é sempre diferente de estar no seu próprio domicílio, e por vezes mais difícil, mas transmitir também uma mensagem positiva e dinâmica.

A seguir a uma entrevista, deve ser facultada ao candidato uma visita completa às instalações, permitindo-lhe conversar livremente com outros utentes. (Instituto da Segurança Social (2004), p.39)

Neste sentido é também apresentado o leque de proposta culturais e animação que a instituição tem para propor ao longo da sua passagem, para combater de alguma forma a questão da solidão, do abandono familiar e facultar o próprio processo de acolhimento. Este tipo de serviços vem ao encontro de uma maior qualidade de vida do idoso para proporcionar ao mesmo a importância da rotina, da rigidez de horários e o cumprimento de regas necessárias para uma vida organizada de forma a se sentirem uteis.

- Admissão

Se, após a entrevista e passado o período necessário para refletir e tomar uma decisão, o candidato decidir que quer ingressar na estrutura e esta aceitar a sua candidatura, desencadeia-se o processo de admissão.

Deverá sempre referir-se que a entrada do utente não é a título definitivo, ou seja, se as condições mudarem e o utente puder e quiser regressar ao seu meio natural de vida, poderá

fazê-lo. A instituição deve trabalhar com a família e a comunidade para que esse desejo, caso surja, possa tornar-se realidade. (Instituto da Segurança Social (2004), p.42)

- Acolhimento

No acolhimento deve ter-se sempre presente o forte impacto emocional que a solução normalmente implica para a pessoa e a sua família, nomeadamente pelas profundas modificações no ambiente de vida. É necessário acompanhar o utente nas diversas fases da sua adaptação, ajudando-o a integrar-se.

O acolhimento na estrutura deve minimizar riscos como, a de perda de identidade, vínculos afetivos, desenraizamento, receio da mudança, tendência a rejeitar a integração, auto culpabilização ou sensação de estar a sofrer uma punição. Para tal, os responsáveis da estrutura devem ter em conta o carácter e a personalidade do novo utente, incluindo a sua história, as recordações familiares, a relação que tinha com a comunidade da qual se separou e com a sua família (Instituto da Segurança Social (2004), pp.43-44)

É, pois, importante que o animador sociocultural possa contribuir para um melhor acolhimento do idoso, para uma maior qualidade de vida em termos institucionais, para que, desta forma, possa promover uma melhor integração do mesmo na instituição. Assim verificamos que um dos processos iniciais de acolhimento, feito institucionalmente, é fazer com que o idoso continue a ter laços de afetividade com a família; possa orientar o seu espaço com conformidade e de forma a sentir-se em casa; e por fim são introduzidas algumas atividades de forma a promover o desenvolvimento pessoal e social de autonomia com os outros.

Se outrora a velhice se pautava por uma postura passiva, hoje quer-se e necessita-se de um envelhecimento que de facto permita dar qualidade de vida à pessoa idosa. Numa sociedade envelhecida, não se pode colocar um rótulo de “fardo” ao idoso e esperar que os anos passem e a morte chegue enquanto o corpo se vai degradando e o espírito perdendo no vazio das horas. Os idosos que em breve entrarão nas instituições não se contentarão com programas televisivos, aulas de ginástica e comemorações de dias assinalados. Os tempos mudaram, as vontades e necessidades também. Tendencialmente os novos idosos terão tido percursos de vida enriquecidos a nível de educação e cultura e esperarão da velhice mais do que uma espera passiva da morte. Ao Animador Sociocultural coloca-se o desafio de não defraudar estas expectativas e sobretudo de saber planificar e agir (num mesmo espaço) com idosos (que pelas suas vivências) necessitarão e exigirão maior repouso (podendo mesmo mostrar alguma recusa perante a proposta de novas atividades) e idosos que quererão manter um estilo de vida ativa, guiada até ao momento por eles próprios, manifestando portanto o desejo de continuar a

aprofundar conhecimentos, experimentar novos conceitos e conhecer outros espaços. Estamos perante o conceito de Educação Permanente, para a vida. Como nos afirma Paulo Freire (1995) educamo-nos uns aos outros pela troca de experiências e pela partilha de saberes.

### **3.4 – ANÁLISE DOS DADOS**

Para o nosso estudo, como já referido anteriormente, foram entrevistados 14 Utentes, num Universo de 40, pois consideramos que eram, à data, aqueles que tinham melhor capacidade de resposta às questões que se iriam colocar.

Os dados foram colocados em SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*, versão 22) que nos deu uma imagem quantitativa daquilo que as pessoas idosas que frequentam o centro de dia estudado pensam relativamente à instituição e às práticas de animação que lá se desenvolvem, bem como a forma como percecionam que essas práticas os ajudam a levar o dia-a-dia mais ativamente.

Já dissemos que a nossa investigação representou um estudo-de-caso exploratório estruturado sobre a base da metodologia mista, quantitativa e qualitativa, e com um paradigma de análise interpretativo, correspondente a uma perspetiva descrita e desenvolvida pelos atores (idosos). Incorporou, em algumas ocasiões, a reconstrução das representações e perceções relacionadas com a animação sociocultural (categorias e relações) em idosos.

#### **Quadro 3.1: distribuição dos idosos na amostra por género e idade.**

Podemos observar no Quadro 3.1 que há uma predominância no grupo do sexo feminino (71,4%) seguido do masculino (28,6%). Tais resultados confirmam a tendência nos estudos relacionados com idosos onde se verifica que nos grupos de idosos a participação masculina é inferior à feminina. Confirma-se assim uma percentagem mais elevada de mulheres idosas, sendo, pois, passível de afirmar que são possíveis as teorias do envelhecimento, em que as mulheres têm um processo de envelhecimento e estilos de vida diferente da dos homens e, por isso possuem uma maior esperança de vida. É importante ressaltar que essa situação decorre também da existência de mortalidade diferencial por sexo que prevalece há muito tempo na população portuguesa. Em relação à idade os sujeitos do estudo apresentaram uma idade mínima de 73 anos e a máxima de 89 anos, tendo Portugal uma esperança de vida à nascença de 78,2%, segundo dados do INE (2011).

Tabela 3.1

|        |           | 1 – Gênero |             |                    |                         |
|--------|-----------|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |           | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
| Válido | Masculino | 4          | 28,6        | 28,6               | 28,6                    |
|        | Feminino  | 10         | 71,4        | 71,4               | 100,0                   |
|        | Total     | 14         | 100,0       | 100,0              |                         |

Tabela 3.2

|        |       | 1.1 – Idade |             |                    |                         |
|--------|-------|-------------|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |       | Frequência  | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
| Válido | 73    | 1           | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | 75    | 1           | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | 76    | 2           | 14,3        | 14,3               | 28,6                    |
|        | 79    | 1           | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
|        | 81    | 1           | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
|        | 82    | 2           | 14,3        | 14,3               | 57,1                    |
|        | 83    | 2           | 14,3        | 14,3               | 71,4                    |
|        | 85    | 2           | 14,3        | 14,3               | 85,7                    |
|        | 86    | 1           | 7,1         | 7,1                | 92,9                    |
|        | 89    | 1           | 7,1         | 7,1                | 100,0                   |
|        | Total | 14          | 100,0       | 100,0              |                         |

**Quadro 3.2: estado civil.**

Em relação ao estado civil, os idosos viúvos predominam nesta amostra global, com 71,4% (10 utentes), seguido pelos casados, com 14,3% (2 utentes), existindo 1 solteiro (7,1%) e 1 separado (7,1%). As mulheres idosas constituem o maior número de participantes do estudo, confirmada pela interpretação da variável de viuvez, em contraste com a situação dos homens da mesma faixa etária. Tais diferenças explicam-se, não somente pela menor longevidade dos homens, mas, também, pela maior probabilidade de os homens voltarem a casar/juntar, após a viuvez, e maior tendência destes se casarem ou se juntarem com mulheres mais jovens.

Tabela 3.3

|        |          | 2 - Estado Civil |             |                    |                         |
|--------|----------|------------------|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |          | Frequência       | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
| Válido | Solteiro | 1                | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Casados  | 2                | 14,3        | 14,3               | 21,4                    |
|        | Separado | 1                | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
|        | Viúvos   | 10               | 71,4        | 71,4               | 100,0                   |
|        | Total    | 14               | 100,0       | 100,0              |                         |

### Quadro 3.3: qual a profissão que exercia antes de se reformar?

Em relação a esta variável, podemos observar que, dos 14 inquiridos, 4 tiveram profissão idêntica, ou seja, trabalharam no campo (28,6%), 2 foram domésticas (14,3%), 2 trabalharam nas Pedras Del Rei (um Aldeamento Turístico perto de Santa Luzia e que deu e ainda dá emprego a muitas pessoas de Santa Luzia) (14,3%) sendo que os restantes tiveram, profissões diversas, nomeadamente pescador (7,1%), modista (7,1%) empregado do banco de Portugal (7,1%), enfermeira (7,1%), cozinheira (7,1%) e limpezas (7,1%).

Tabela 3.4

|        |                                   | 3 - Qual a profissão que exercia antes de se reformar? |             |                    |                         |
|--------|-----------------------------------|--|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |                                   | Frequência   | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
| Válido | Caiava, encerava, fazia limpezas. | 1  | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Cozinheira                        | 1  | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | Doméstica.                        | 2  | 14,3        | 14,3               | 28,6                    |
|        | Empregado bancário.               | 1  | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
|        | Enfermeira no Hospital            | 1  | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
|        | Militar em Lisboa.                | 1  | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |
|        | Modista.                          | 1  | 7,1         | 7,1                | 57,1                    |
|        | Pescador.                         | 1  | 7,1         | 7,1                | 64,3                    |
|        | Trabalhava nas Pedras.            | 2  | 14,3        | 14,3               | 71,4                    |
|        | Trabalhava no campo.              | 4  | 28,6        | 28,6               | 100,0                   |
|        | Total                             | 14   | 100,0       | 100,0              |                         |

### Quadro 3.4: considera importante a existência de atividades de animação?

Neste campo, foi possível observar que dos 14 inquiridos, 85,7% (ou seja, 12 utentes) consideram importante a existência de atividades de animação, sendo que 14,3 % (2 utentes) acham que tem importância relativa.

Devemos salientar que o principal objetivo de um Centro de Dia é tornar diferente o dia-a-dia dos Utentes, e isso só se consegue através de atividades de animação.

Tabela 3.5

**4 - Considera importante a existência de atividades de animação?**

|        |               | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|---------------|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Sim           | 12         | 85,7        | 85,7               | 85,7                    |
|        | Mais ou menos | 2          | 14,3        | 14,3               | 100,0                   |
|        | Total         | 14         | 100,0       | 100,0              |                         |

**Quadro 3.4.1: se respondeu sim indique duas razões:**

É, pois, de igual forma, possível observar pelas respostas dadas que a principal razão de entrada num CD é exatamente o não estar parado, a possibilidade de convívio com outras pessoas, o poder aprender coisas novas, as distrações, a possibilidade de ajudar, de fazer, de criar...

Tabela 3.6

**4.1-Se respondeu sim indique duas razões**

|   | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|---|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido  | 2          | 14,3        | 14,3               | 14,3                    |
| Gosto de cá estar   | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
| Gosto de tudo.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
| Gosto do convívio.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
| Para a gente que não aprendeu. Agora com uma certa idade queremos aprender. | 1          | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
| Para não estar aborrecida. Para conviver.                                   | 1          | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |
| Para não estar parada. Porque estamos entretidas.                           | 1          | 7,1         | 7,1                | 57,1                    |
| Para não parar a memória/cabeça e o físico. Ajudar no que for preciso.      | 1          | 7,1         | 7,1                | 64,3                    |
| Porque gostamos.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 71,4                    |
| Porque nos distraímos, aprendemos.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 78,6                    |

|   |    |       |       |       |
|---|----|-------|-------|-------|
| São animadas. Ficamos animadas com as palhaçadas. | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Também gosto de tudo.                             | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Vim para cá porque tinha atividades de animação.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total   | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.5: costuma participar nas atividades de animação propostas?

Neste ponto observa-se que, apesar de 85% dos inquiridos (12 utentes) considerar importante a existência de atividades de animação, 21,4% (3 utentes) afirma não participar em nenhuma atividade e 35,7 (5 utentes) afirma participar às vezes, pelo que só 42,9%, (6 utentes) menos de metade do total de inquiridos, participa diariamente nas atividades propostas.

Tabela 3.7

#### 5 - Costuma participar nas atividades de animação propostas?

|        |          | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|----------|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Sim      | 6          | 42,9        | 42,9               | 42,9                    |
|        | Não      | 3          | 21,4        | 21,4               | 64,3                    |
|        | Às vezes | 5          | 35,7        | 35,7               | 100,0                   |
|        | Total    | 14         | 100,0       | 100,0              |                         |

### Quadro 3.6: de que forma as atividades de animação são importantes para si?

De todos os inquiridos, mesmo os não participantes em atividades, as respostas foram unânimes, e mostram as perceções sobre o sentido, valor e competência que as mesmas têm no dia-a-dia e bem-estar de cada utente individualmente.

Tabela 3.8

#### 6 – De que forma as atividades de animação são importantes para si?

|        |                                     | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
|--------|-------------------------------------|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Acho bom.                           | 1          | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Acho que sim. Eu gosto de as fazer. | 1          | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | De todas as maneiras.               | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
|        | É importante de ver                 | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |

|   |    |       |       |       |
|---|----|-------|-------|-------|
| Gosto muito. A gente faz aqui muita coisinha para a lojinha da avó para termos dinheiro. Vendemos na feira de agosto. | 1  | 7,1   | 7,1   | 35,7  |
| Gosto, desde o croché a tudo. Faço tudo.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 42,9  |
| Muita coisa...os bailes...gosto muito.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 50,0  |
| São importantes para quem as faz.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 57,1  |
| São importantes porque nos ajudam a aprender.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 64,3  |
| São importantes porque são um convívio.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 71,4  |
| São importantes são.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 78,6  |
| São importantes, por isso vim para cá.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| São importantes.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Sim são importantes e eu gosto.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total   | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.7: como é o seu dia-a-dia no Centro?

Confrontados com esta pergunta, as respostas foram, sem surpresa, muito idênticas, pois a realidade de cada um individualmente não foge muito ao que é o dia-a-dia do todo, nomeadamente através do ir buscar a casa (o Centro tem um serviço de buscar e levar os utentes que assim o desejarem); tomar o pequeno-almoço, realização de atividades matinais (para aqueles que querem participar), a meio da manhã têm o almoço, realização de atividades na parte da tarde e por volta das 17:00 o transporte volta a levá-los a casa.

Tabela 3.9

|        |                                   | 7 – Como é o seu dia-a-dia no Centro? |             |                    |                         |
|--------|-----------------------------------|---------------------------------------|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |                                   | Frequência                            | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
| Válido | A carrinha vai-me buscar e levar. | 1                                     | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |

|   |   |     |     |      |
|---|---|-----|-----|------|
| <p>Chego e tomo o pequeno-almoço e faço as atividades do dia. Vão-me buscar e levar na carrinha.</p>  | 1 | 7,1 | 7,1 | 14,3 |
| <p>Chego, sento-me, tomo o pequeno-almoço, sento-me, almoçamos e gosto de aqui estar.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 21,4 |
| <p>Conviver com as pessoas e ver televisão. Gosto muito.</p>  | 1 | 7,1 | 7,1 | 28,6 |
| <p>Gosto muito de aqui estar.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 35,7 |
| <p>Jogo loto, faço ginástica, converso.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 42,9 |
| <p>Passo aqui os dias. Gosto de aqui estar.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 50,0 |
| <p>Tomo o pequeno-almoço, sento-me no sofá e jogo dominó.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 57,1 |
| <p>Tomo o pequeno-almoço, venho para a sala. Se houver trabalhos manuais faço. Se existe coisas para fazer faço, mas a diabetes tira-me anos de vida.</p> | 1 | 7,1 | 7,1 | 64,3 |
| <p>Vão-me buscar a casa e vão-me levar. E aqui passo os dias e gosto.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 71,4 |
| <p>Vão-me buscar e passo aqui os dias. Gosto de aqui estar.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 78,6 |
| <p>Vão-me buscar, passo aqui o dia, tomo o pequeno-almoço, almoço e levo o jantar.</p>  | 1 | 7,1 | 7,1 | 85,7 |
| <p>Venho com a minha filha e vou com ela.</p>   | 1 | 7,1 | 7,1 | 92,9 |

|  |    |       |       |       |
|--|----|-------|-------|-------|
| Venho com o Chico no carro dele e vou na carrinha. | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total  | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.7.1: E fora do Centro?

Neste aspeto tivemos respostas diferenciadas, pois cada um tem o seu contexto particular de vida, sendo que obtivemos diversos pontos de vista, de acordo com a realidade de cada um. No entanto, é possível observar que grande parte deles têm algo em comum, ou seja, o estarem em casa sozinhos ou com familiares.

Tabela 3.10

|        |  | 7.1 – E fora do Centro? |             |                    |                         |
|--------|--|-------------------------|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |  | Frequência              | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
| Válido | Dou passeios e pouco faço agora em casa. Gosto de ir a Lisboa.                                   | 1                       | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Estou em casa a descansar a minha cabeça. O meu marido faz os mandados.                          | 1                       | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | Estou em casa, limpo, vivo com 2 filhos divorciados. Às vezes passeio com a minha neta.          | 1                       | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
|        | Estou em casa. Estou em casa. Às vezes vou passear com as amigas.                                | 1                       | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
|        | Estou em casa. Se algum dos meus filhos me vier buscar vou passear. Moro na casa da minha filha. | 1                       | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
|        | Estou em casa. Vivo com a minha filha.   | 1                       | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
|        |  | 1                       | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |

|   |    |       |       |       |
|---|----|-------|-------|-------|
| Estou na minha casa com os meus filhos e nora.                      | 1  | 7,1   | 7,1   | 57,1  |
| Faço as coisinhas da casa e às vezes vou passear com a minha filha. | 1  | 7,1   | 7,1   | 64,3  |
| Faço as compras, vou ao café ter com a malta amiga.                 | 1  | 7,1   | 7,1   | 71,4  |
| Fora do centro estou em casa da minha filha e ajudo alguma coisa.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 78,6  |
| Nada, estou em casa.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Converso com a minha filha.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Não faço nada. Estou em casa sozinha.                               | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Estou em casa, vou ao café, estou com a malta amiga.                | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total   | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.8: considera que os horários das atividades são os mais adequados?

Sobre esta questão, constatamos que a opinião é, no geral, positiva, pois todos os Idosos inquiridos foram unânimes que os horários são os adequados.

Salientamos, no entanto, que um dos inquiridos se queixava que, apesar de concordar com os horários, os mesmos deveriam de começar mais tarde porque, como o próprio dizia: U11 “*Levamos a vida a levantar cedo e agora ainda tenho de acordar cedo*” (para ir para o Centro)

Tabela 3.11

|        |                                      | 8 - Considera que os horários das atividades são os mais adequados? |             |                    |                         |
|--------|--------------------------------------|---|-------------|--------------------|-------------------------|
|        |                                      | Frequência  | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem acumulativa |
| Válido | Mais ou menos.                       | 1   | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | São importantes.                     | 1   | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | São importantes. Gosto dos horários. | 1   | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |

|   |    |       |       |       |
|---|----|-------|-------|-------|
| São sim senhor.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 28,6  |
| São sim. Eu gosto dos horários, são adequados.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 35,7  |
| São.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 42,9  |
| Sim porque podemos fazer tudo.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 50,0  |
| Sim porque são de acordo com aquilo que fazemos.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 57,1  |
| Sim são. Dá para a gente comer e brincar e descansar.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 64,3  |
| Sim, gosto muito das horas.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 71,4  |
| Sim, mas acho que podia começar mais tarde. Levamos a vida a levantar cedo e agora ainda tenho de acordar cedo. | 1  | 7,1   | 7,1   | 78,6  |
| Sim, não precisa de alteração. Entramos às 9 e saímos às 17. Não precisa mudar nada.                            | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Sim. Acho que são bons estes horários.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Sim. Estamos aqui das 9 às 17:30. Cada local tem a sua atividade.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total   | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.9: quais as atividades de animação que prefere?

A instituição possibilita, diariamente (entre segunda e sexta-feira, que são os dias em que se encontram a funcionar), várias atividades de animação de um plano de atividades (que se encontra no anexo 1), sendo que cada um tem a sua opinião pessoal sobre qual a atividade que melhor se adapta a si.

Artesanato, croché, bócia, ginástica, passeios, etc...

Tabela 3.12

## 9 - Quais as atividades de animação que prefere?

|        |  | Frequência | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
|--------|--|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Artesanato, croché, passeios, ginástica, boccia. | 1          | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Como as frequento pouco prefiro todas.           | 1          | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | Gosto de ir passear à Ria.                       | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
|        | Eu gosto de tudo.                                | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
|        | Gosto de participar e ajudar.                    | 1          | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
|        | Fazer tudo.                                      | 1          | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
|        | Participo em tudo.                               | 1          | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |
|        | Gosto da bócia.                                  | 1          | 7,1         | 7,1                | 57,1                    |
|        | Gosto da bola.                                   | 1          | 7,1         | 7,1                | 64,3                    |
|        | Gosto de fazer tudo.                             | 1          | 7,1         | 7,1                | 71,4                    |
|        | Jogar dominó e ler.                              | 1          | 7,1         | 7,1                | 78,6                    |
|        | Jogar dominó, comer e dormir.                    | 1          | 7,1         | 7,1                | 85,7                    |
|        | Jogar dominó, conversar, rezar o terço.          | 1          | 7,1         | 7,1                | 92,9                    |
|        | Não faço nada. A minha cabeça não dá.            | 1          | 7,1         | 7,1                | 100,0                   |
|        | Pintar. Fazer coisas para coser.                 | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | São os trabalhos manuais. É o que mais gosto.    | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | Todas.   | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | Trabalhar com rolas. Gosto de usar o computador. | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | Total  | 14         | 100,0       | 100,0              |                         |

**Quadro 3.10: indique duas atividades que gostaria de ver realizadas.**

Neste quadro foi possível saber o que cada um, individualmente, gostaria de ver realizado na Instituição.

Existem diversas atividades a salientar, tais como o amassar pão, murjonas e covos (artes de pesca tradicional), fazer caixinhas, etc.

Tabela 3.13

**10 - Indique duas atividades que gostaria de ver realizadas**

|        |   | Frequência | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
|--------|---|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido | Amassar pão, folares, bolos.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|        | Artes de arrasto.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|        | Murjonas e covos.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
|        | Costura; técnica do guardanapo; tricot.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
|        | Gostava de fazer caixinhas.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
|        | Gostava de ver o Rancho Folclórico que tentamos ensaiar...e mais qualquer coisa.    | 1          | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
|        | Gostava que não se discriminassem ninguém aqui. Não gosto que existam várias salas. | 1          | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |
|        | Gosto de contabilidade.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 57,1                    |
|        | Gosto de convívio.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 64,3                    |
|        | Gosto de rir e brincar.   | 1          | 7,1         | 7,1                | 71,4                    |
|        | Jogar à carta, nunca o soube e gostava de o fazer. Gostava de bailar.               | 1          | 7,1         | 7,1                | 78,6                    |
|        | Não sei, eu gosto de fazer tudo.  | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | Não sei, não estou a ver.   | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |
|        | Pintar as unhas das velhinhas.  | 1          | 7,1         | 7,1                |                         |

|                               |    |       |       |       |
|-------------------------------|----|-------|-------|-------|
| Não sei. Não faço atividades. | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Pintar e outras coisas.       | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Renda.                        | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total                         | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.11: considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo?

Esta questão teve razão de ser na medida que a animação na instituição é assegurada pelas auxiliares que, após as higiênes diárias, têm a seu cargo as atividades de animação, pelo que a pergunta foi no geral e não sobre uma pessoa específica. No geral as auxiliares são consideradas muito simpáticas, divertidas e educadas.

Tabela 3.14

#### 11 - Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo a participar nas atividades de animação propostas?

|   | Frequência | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
|---|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido Acho que sim. São todas muito simpáticas e educadas.       | 1          | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
| Alguns puxam...outras não.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
| Elas motivam, mas as pessoas é que já não se motivam.             | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
| Gosto, é uma boa equipa.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
| Gosto, são simpáticas.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |
| Não, elas dizem as coisas mas a minha cabeça já não dá para isso. | 1          | 7,1         | 7,1                | 42,9                    |
| Por acaso temos aqui uma boa equipa, são simpáticas.              | 1          | 7,1         | 7,1                | 50,0                    |
| São sim. São espetaculares.                                       | 1          | 7,1         | 7,1                | 57,1                    |
| Sim porque são divertidas.  | 1          | 7,1         | 7,1                | 64,3                    |

|  |    |       |       |       |
|--|----|-------|-------|-------|
| Sim, eles são bons.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 71,4  |
| Sim, mas eu não participo.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 78,6  |
| Sim, porque não são obrigadas, mas elas falam com a gente e a gente gosta e vai. | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Sim.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Sim. Elas são boas raparigas.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total  | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### Quadro 3.12: considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário?

Nesta questão pretendemos saber se os idosos vêm as atividades que fazem como indicadas para si ou se, de alguma forma, se sentem inibidos ou sentem que essas mesmas atividades são para crianças.

As respostas foram várias, alguns gostam, outros não, alguns participam, algumas atividades conseguem, outras acham mais difícil/complicado.

Tabela 3.15

| 12 - Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário? |   | Frequência | Porcentagem | Porcentagem válida | Porcentagem acumulativa |
|---|---|------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Válido  | Acho que sim mas eu não participo.                                | 1          | 7,1         | 7,1                | 7,1                     |
|   | Algumas são, outras não. Depende daquilo que vamos fazer.         | 1          | 7,1         | 7,1                | 14,3                    |
|   | É o convívio, brincar com a bola...eu acho que sim.               | 1          | 7,1         | 7,1                | 21,4                    |
|   | Não, é para pessoas mais novas, com mais conhecimento.            | 1          | 7,1         | 7,1                | 28,6                    |
|   | Para a minha idade serão, mas há atividades em que não participo. | 1          | 7,1         | 7,1                | 35,7                    |

|  |    |       |       |       |
|--|----|-------|-------|-------|
| São todas de utilidades e nós gostamos muito. Vão com a gente ao médico. | 1  | 7,1   | 7,1   | 42,9  |
| Sim porque ainda me sinto capaz de as fazer.                             | 1  | 7,1   | 7,1   | 50,0  |
| Sim são. Gosto de participar.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 57,1  |
| Sim, eu gosto de tudo.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 64,3  |
| Sim, gosto de participar.  | 1  | 7,1   | 7,1   | 71,4  |
| Sim, mas às vezes a Eugénia fala como se fossemos umas crianças.         | 1  | 7,1   | 7,1   | 78,6  |
| Sim, mas às vezes não participo porque não me apetece.                   | 1  | 7,1   | 7,1   | 85,7  |
| Sim, são para pessoas que se têm de distrair.                            | 1  | 7,1   | 7,1   | 92,9  |
| Sim.   | 1  | 7,1   | 7,1   | 100,0 |
| Total  | 14 | 100,0 | 100,0 |       |

### 3.5 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Em definitivo os Centros de Dia surgem como um recurso intermédio que vem colmatar uma lacuna dicotómica existente nos serviços de apoio, que, por um lado, se baseavam nos cuidados domiciliários e, por outro lado, nos cuidados residenciais. A principal missão é ser um recurso social de utilização diurna, alternativo à institucionalização, também concebido, para pessoas idosas que sofram algum grau de deficiência física ou psíquica. A maioria dos utentes ainda é independente e vivem sozinhos, em estado de viuvez, necessitando de conviver e ter uma alimentação regulada e equilibrada, motivo pela qual recorrem a estes equipamentos sociais. Trata-se de um recurso de apoio familiar que oferece durante o dia a atenção necessária com vista a apoiar as necessidades básicas, terapêuticas e socioculturais das pessoas idosas,

afetadas ou não por diferentes graus de dependência, promovendo a autonomia. O ‘Centro de Dia’ é um programa que privilegia a complementaridade entre o apoio formal especializado e o apoio informal. Daí que, o objetivo geral da intervenção assente no apoio integral e de qualidade aos idosos dependentes, sem necessidade de institucionalização. Ou seja, o Centro de Dia é uma estrutura de serviços sociais, assistenciais e comunitários de funcionamento diurno.

A Associação estudada pretende manter, desenvolver ou melhorar as funções físicas e/ou mentais do idoso, tendo como principais áreas de intervenção a manutenção da saúde, as atividades da vida diária e interação social. Trata-se de um serviço de acolhimento diurno, de assistência às atividades da vida diária para pessoas idosas com independência, cujos objetivos a alcançar são a recuperação e a manutenção do máximo grau de autonomia do idoso, de acordo com as suas próprias potencialidades e capacidades.

Notamos, na amostra de idosos estudadas, que os homens passam a sua vida ativa mais direcionada para o trabalho fora de casa e que nesta fase do ciclo de vida em que se encontram, sós e reformados, parecem valorizar mais os aspetos das relações familiares.

Os idosos frequentadores deste centro de dia mantêm comportamentos positivos e têm uma saúde adequada ao seu estado de velhice, fazendo um ‘check-up’ periódico, consumindo uma alimentação equilibrada (a horas) e adequada ao seu ciclo de vida em refeições diárias. Fazem alguma atividade físico-motora, alguns são muito passivos e prostrados nas cadeiras ou sofás, vendo televisão, comunicam pouco, a não ser em pequenos grupos de amigos (já conhecidos). São positivos os sentimentos prevaletentes e todos demonstraram gostar de si mesmos.

Constatou-se que os idosos possuem requisitos para um envelhecimento saudável, mas não muito ativos por opção, pois muitas vezes são os próprios que não querem participar nas atividades propostas, pois consideram que chegaram a uma fase da sua vida que o que querem é descansar. (U3: *“Elas motivam, mas as pessoas é que já não se motivam.”*; U5: *“Para a minha idade serão, mas há atividades em que não participo.”*; U10 *“Não faço nada. A minha cabeça não dá.”*)

Pelo que observamos, este centro de dia permite recuperar ou manter ao máximo o grau de autonomia individual que permitem as potencialidades do indivíduo; prevenir o incremento da dependência através da realização de intervenções reabilitadoras e atividades de animação; ser um meio facilitador do desenvolvimento de relações e atividades sociais gratificantes para o sujeito; retardar as institucionalizações precoces e indesejadas; proporcionar a realização de

atividades básicas da vida quotidiana fornecendo apoio ao idoso, assim como aos elementos pertencentes ao seu núcleo familiar.

Constatamos que a participação nas atividades tem um papel relevante na convivência dos utentes entre si, nomeadamente: (U4: *“Conviver com as pessoas e ver televisão. Gosto muito.”*; U6: *“Jogo loto, faço ginástica, converso.”*) na medida em que permite o combate ao isolamento e à solidão, sendo estas componentes mais importantes para o envelhecimento ativo dos utentes do centro de dia estudado. Além disso, as atividades desenvolvidas funcionaram como forma de integrar os utentes na instituição pois fomentaram a cooperação e o diálogo entre todos para a prossecução das dinâmicas promovidas. É importante referir também que os utentes se sentem satisfeitos na instituição, ou seja: (U3: *“Eu gosto de tudo. Gosto de participar e ajudar.”*; U7: *“Sim porque ainda me sinto capaz de as fazer.”*; U12: *“São os trabalhos manuais. É o que mais gosto.”*), bem como têm atividades que preferem: (U1 *“Artesanato, croché, passeios, ginástica, bóccia.”* U3 *“Eu gosto de tudo. Gosto de participar e ajudar.”* U5 *“Gosto da bola.”* U8 *“Jogar dominó, comer e dormir.”* U9 *“Jogar dominó, conversar, rezar o terço.”* U11 *“Pintar. Fazer coisas para coser.”* U12 *“São os trabalhos manuais. É o que mais gosto.”* U14 *“Trabalhar com rolhas. Gosto de usar o computador.”*)

Uma das coisas que foi possível observar aquando a nossa investigação foi que, como já referido, todas as pessoas que frequentam os Centro de Dia têm sempre uma expectativa relativamente às atividades propostas pela equipa de animação e que gostam de as fazer: (U2 *“Acho que sim. Eu gosto de as fazer.”* U5 *“Gosto muito. A gente faz aqui muita coisinha para a lojinha da avó para termos dinheiro. Vendemos na feira de agosto.”* U6 *“Gosto, desde o croché a tudo. Faço tudo”* U7 *“Muita coisa...os bailes...gosto muito.”*). Todas essas expectativas são importantes pois ajudam no desenvolvimento cognitivo dos utentes, de forma a que se sintam bem. Foi também importante perguntar a cada um dos intervenientes quais as atividades que gostariam de realizar, pois deu a cada um a possibilidade de se expandirem na sua imaginação, permitindo desta forma mostrar as potencialidades de cada um: U1 *“Amassar pão, folares bolos.”* U2 *“Artes de arrasto, murjonas e covos.”* U3 *“Costura. Técnica do guardanapo. Tricot.”* U4 *“Gostava de fazer caixinhas.”* U7 *“Gosto de contabilidade.”* U12 *“Pintar as unhas das velhinhas.”*

Teve relativa importância a questão de saber, na perspetiva de cada um dos inquiridos, como era o seu dia-a-dia dentro da instituição e como o mesmo pode influenciar a sua vontade de lá estar. As repostas levam-nos a concluir que efetivamente o tempo que passam na instituição é bem melhor que estar sozinho: (U2 *“Passo aqui os dias. Gosto de aqui estar”* U4

“Conviver com as pessoas e ver televisão. Gosto muito” U5 “Gosto muito de aqui estar.” U6 “Jogo loto, faço ginástica, converso.” U11 “Vão-me buscar e passo aqui os dias. Gosto de aqui estar.”).

Dentro da mesma linha de seguimento, foi interessante saber como são passados os seus dias fora da instituição, pelo que conseguimos observar que a grande maioria passa os dias em casa e algumas vezes vão passear, nomeadamente: (U2 “Estou em casa a descansar. O meu marido faz os mandados.” U3 “Estou em casa, limpo, vivo com 2 filhos divorciados. Às vezes passeio com a minha neta.” U5 “Estou em casa. Às vezes vou passear com as minhas amigas.” U6 “Estou em casa. Se algum dos meus filhos me vir buscar vou passear.” U9 “Faço as coisinhas da casa e às vezes vou passear com a minha filha.” U10 “Faço as compras, vou ao café ter com a malta amiga.” U13 “Não faço nada. Estou em casa sozinha.”). Se por um lado o fim-de-semana é necessário para o merecido descanso, também é verdade que os utentes sentem aquela necessidade de estarem e conviverem com o outro, desejando que o fim-de-semana passe rápido para voltarem ao convívio na instituição.

É importante voltar a realçar que o animador é uma peça fundamental para os idosos, visto eles perderem algumas faculdades que devem ser compensadas com atividades de estimulação e dos interesses dos mesmos (educativo, cultural e físico), para que os idosos possam mantê-las ativas, durante o período em que usufruem de atividades no Centro de Dia. O Animador é, sem dúvida, o agente direto da animação sociocultural, que consciencializa a população a participar de uma forma ativa e criativa, estimulando as pessoas e os grupos para o seu autodesenvolvimento, através da ativação de todas as suas faculdades criativas e intelectuais e que podem ir ao encontro dos seus problemas reais e coletivos.

Na verdade, o animador domina uma série de técnicas criativas de grupo – o turbilhão de ideias, analogias, metamorfoses, leitura recreativa de imagens, entre muitas outras que fazem dos idosos protagonistas a participar e a interagir. Mesmo tendo surgido como uma nova profissão na área da educação não formal, ligado à Pedagogia Social, a ASC, continua a ter um espaço muito restrito de atuação em Portugal, quer na área gerontológica educacional, quer na gerontologia social (Martins 2013, pp.226-232), já que o animador sociocultural é um “ator” da sua própria formação, um mediador e facilitador de processos de comunicação, agente de socialização, veiculador de cultura e de comportamentos humanos.

Assim sendo, concluímos que as principais perceções e representações que os utentes têm sobre a animação são algo de extrema importância no seu dia-a-dia e bem-estar, pois na questão nº 4 - *Considera importante a existência de atividades de animação?* existiram 12 utentes que responderam “sim” e 2 utentes que disseram “mais ou menos”, sendo que, como se pode ver, não existiram comentários negativos sobre esta temática. Relativamente às

perspetivas das atividades realizadas que cada um tem, observamos diferentes respostas, nomeadamente: (U2 “*Acho que sim. Eu gosto de as fazer.*” U3 “*De todas as maneiras.*” U5 “*Gosto muito. A gente faz aqui muita coisinha para a lojinha da avó para termos dinheiro. Vendemos na feira de agosto.*” U6 “*Gosto, desde o croché a tudo. Faço tudo*” U7 “*Muita coisa...os bailes...gosto muito.*” U9 “*São importantes porque nos ajudam a aprender.*” U10 “*São importantes porque são um convívio.*” U12 “*São importantes, por isso vim para cá.*”) e sobre o animador (papel desempenhado pelas auxiliares) são vistos como: (U1 “*gosto, é uma boa equipa.*”; U3 “*são sim, são espetaculares.*”; U4 “*sim porque são divertidas.*”; U11 “*Sim, porque não são obrigadas, mas elas falam com a gente e a gente gosta e vai.*”; U12 “*por acaso temos aqui uma boa equipa, são simpáticas.*”) Estas perceções e representações têm influência positiva sobre o seu envelhecimento ativo porque as imagens e estereótipos negativos que se têm sobre a velhice devem ser combatidos aos níveis macro, meso e micro, de forma a fomentar ambientes facilitadores da promoção da autoestima das pessoas idosas e da qualidade de vida e bem-estar no processo de envelhecimento. A promoção de uma visão positiva acerca do envelhecimento constitui, assim, um elemento fundamental para o envolvimento social das pessoas idosas. Desta forma, qualquer política ou estratégia de intervenção dedicada a promover uma visão positiva das pessoas idosas, no sentido da valorização e dignificação da velhice e da melhoria das relações entre gerações, constitui uma etapa essencial e de salutar para um envelhecimento ativo e bem-sucedido.

Como já referido, a nível da saúde física – um dos principais domínios propostos para um envelhecimento ativo bem-sucedido –, vários são os contributos que têm salientado a importância da manutenção de estilos de vida saudáveis e acredito que uma das razões, se não mesmo a principal, é a existência de projetos de manutenção física e de animação.

A aprendizagem e a socialização são elementos preponderantes neste novo ciclo de vida, aliadas a uma diversidade de atividades que os Animadores têm como objetivo promover. As pessoas na terceira idade não podem ser vistas como pessoas em descida na linha da vida, mas sim encaradas como indivíduos com uma experiência de vida e sabedoria, capazes de transmitir os saberes e vivências pessoais e sociais; com capacidades de aprendizagem educativas, culturais, físicas e sociais, tendo como principal característica a motivação para a aprendizagem e pela melhoria da qualidade de vida, a nível social, afetivo, educativo e física-motor.

Foi gratificante observar que é muito importante para as pessoas idosas terem alguém com quem falar, desenvolver atividades, rir, passear, fazer acontecer, passar as suas

experiências e transmitir as suas histórias de vida, pois os idosos são os jovens de ontem e nós seremos os idosos de amanhã.

Da nossa parte observamos que as perceções que os idosos têm do animador/dos animadores é muito importante, porque de todas as pessoas com quem lidam diariamente é, em última análise, a pessoa mais importante do seu dia-a-dia, pois é aquela pessoa com quem contam para viverem o melhor possível o seu dia e o seu envelhecimento ativo. Podemos inclusive afirmar que o animador que conseguir estabelecer uma relação de atenção, amor e confiança conseguirá estimular o público-alvo e proporcionar a exposição das suas reais vontades. Apenas desta forma, passará a ser a pessoa que se pretende para desempenhar da melhor forma esta profissão tão bonita e gratificante e conseguirá alcançar os objetivos, tanto individuais como coletivos, de um envelhecimento pleno e ativo.

Para finalizar, podemos afirmar que a Animação na terceira idade é muito importante, quer no aspeto social, quer humano, ao nível da atenção, disponibilidade e carinho, sendo fundamental uma afinidade e cumplicidade entre o grupo e o Animador. Constitui um recurso importante para impulsionar um trabalho sustentável ao nível quantitativo e qualitativo, proporcionando o desenvolvimento para uma Animação adequada a todos os níveis, nomeadamente social, cultural, desportiva e educativa, tendo como objetivo principal a melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa, possibilitando uma maior diversidade de serviços às instituições, fomentando a própria qualidade institucional e, em última análise, o papel diferenciador entre a escolha dessa instituição para recebimento do familiar idoso.

## **CONCLUSÕES**

“A animação cultural define-se, de uma forma geral, na maneira de atuar em todos os campos do desenvolvimento da qualidade de vida de uma determinada comunidade” (Jacob 2007, p.23).

O presente trabalho inseriu-se no âmbito do Mestrado em Educação Social e assumiu-se como um contributo às perceções e representações que os Idosos têm sobre o papel da animação no seu bem-estar, com idosos não institucionalizados, frequentadores do Centro de Dia da Associação Âncora, em zona piscatória (Vila de Santa Luzia), do concelho de Tavira.

Pretendemos com esta investigação conhecer mais de perto as perceções e representações que os idosos dessa Instituição têm, nomeadamente na sua satisfação e qualidade de vida quotidiana, tendo adquirido conhecimentos fundamentais, amizades e relações afetivas muito compensadoras em termos pessoais, sociais e profissionais. Conhecemos mais de perto a realidade (problemas, motivações, interesses) dessas instituições e o dia-a-dia dos idosos nesse ciclo de vida.

Relativamente às duas questões colocadas no início do estudo: *“O que nos motivou para a realização este estudo foram duas coisas: primeiro porque, entendemos que muitas vezes as pessoas idosas em geral têm uma ideia errada tanto da finalidade da animação como do papel do animador e de como este pode ter um papel fundamental no seu bem-estar (...) Pretendemos também que este estudo contribuísse para visibilizar aspetos positivos do papel da Animação através das próprias perceções e representações dos idosos”* conseguimos atingir os objetivos a que nos propusemos, pois entendemos que o ponto fundamental do trabalho foi conseguido na totalidade, que era o entendimento que os idosos têm sobre o papel da animação sociocultural no seu bem-estar e que ficou bem expresso nos dados e nas informações que recolhemos e tratamos. Consequentemente concretizaram-se os restantes objetivos específicos que nos permitiram compreender até que ponto os idosos vêem a animação como uma fonte de satisfação, de ocupação e de realização pessoal.

Ora, a longevidade dos idosos assume-se como um fenómeno paradoxal: uma conquista da medicina, dos avanços e progressos que permitem aumentar a esperança média de vida, sendo que, por outro lado um viver mais traduz-se em múltiplos problemas sociais e económicos. Numa sociedade marcada pelo aumento do número de idosos e pela proliferação de instituições de apoio a esta faixa etária, o Animador Sociocultural surge como um dos técnicos que deverá marcar a diferença entre o tradicional processo de envelhecimento (que reduz a velhice a um tempo de espera passiva) e o necessário envelhecimento ativo (em que a pessoa idosa se torna ativa e agente do seu próprio desenvolvimento, continuando a projetar tendo em vista o futuro).

Preconizando um papel para o Animador Sociocultural nesta tarefa de manter a qualidade de vida (de uma parte cada vez maior da população mundial), tive igualmente como segundo objetivo geral conhecer qual o Sentido, o Valor e a Importância que a própria pessoa Idosa dá ao Animador e qual o seu primordial papel na construção do seu bem-estar global. As Atividades Socioculturais (ASC) para a Terceira Idade já não se resumem só às ações destinadas ao entretenimento do idoso, mas cada vez mais à criação e dinamização de atividades que os coloquem como agente de promoção de aprendizagens.

Para Osório (2007)

O envelhecimento é um “processo vital” que tem vindo a ganhar vitalidade nos últimos anos, ao passo que o conceito de velhice aparece como um “estado definitivo”, caracterizado pela ausência de futuro e de capacidades de transformação rumo ao bem-estar. No primeiro caso, o processo em causa era associado basicamente à transição entre ocupação e desocupação, ou entre pessoa “ativa” versus “reformado”. Esta situação levava, sem mais nada, à “velhice” como etapa de decadência, penúria económica, frustração, etc. (p.13)

Subscrevemos as abordagens que defendem que o processo ( de envelhecimento tenderá a ter uma dimensão positiva, na medida em que a libertação de tempo permitirá o desenvolvimento de novas atividades, como as educativas, que podem não envolver apenas a pessoa idosa, mas outras faixas etárias, entrando aqui numa partilha Intergeracional que promoverá o contacto com outras faixas etárias, a socialização do utente idoso e o contacto com outros contextos que não apenas o do seu próprio domicílio ou o da instituição.

Crê-se assim que existe uma tendência para o esbater do estereótipo negativo sobre as pessoas idosas, na medida em que o tradicional abandono dos interesses da vida vai sendo substituído pela prática de novas atividades que dão continuidade ao sentido da vida.

Na verdade, hoje o envelhecimento não tem que se caracterizar unicamente pela perda e deterioração intelectual. O que importa nesta fase da vida é proporcionar experiências de aprendizagem às pessoas idosas e facultar-lhes um ambiente rico e estimulante para poderem desenvolver as suas capacidades de autonomia e bem-estar.

É aqui que surge a figura do Animador Sociocultural. Um profissional que tem a seu encargo a tarefa de promover um envelhecimento ativo. E é esta questão de manter o indivíduo

idoso em permanente contacto com a sociedade que importa debater para que mesmo em contexto institucional se quebrem barreiras e se dinamizem atividades de Animação Sociocultural para idosos, mas em simultâneo que se dê protagonismo ao utente idoso na própria Animação. Ora a intervenção do Animador na Terceira Idade inclui, portanto, a prevenção de declínios prematuros e ainda o facilitar papéis significativos aos idosos, o que lhes permitirá potenciar a sua qualidade de vida bem como a fruição da mesma, o que pode e deve incluir o contacto com outros públicos, entre elas as crianças, potenciando um contacto Intergeracional sempre que possível, situação essa possível no local estudado, pois a Associação Âncora tem, como anteriormente referido, creche com 25 crianças e pré-escolar com 20 crianças.

Cabe aqui ao Animador recorrer às suas apetências, encarando e divulgando a imagem do idoso como portador de saberes, experiências que podem e devem ser partilhadas com outras faixas etárias. Na verdade, a Intergeracionalidade rege-se por três objetivos que se traduzem também na finalidade da ação do Animador: evitar um envelhecimento acentuado pela passividade do indivíduo, atribuir um papel social ao idoso e assim gerar bem-estar. Existem diversas instituições/locais que têm como Dinamizadores pessoas reformadas/Idosas, fazendo com que, elas próprias, se sintam úteis à sociedade, o que, no fundo, lhes desenvolvem uma identidade com Sentido, Valor e Importância.

Envelhecer bem é um processo diferenciado, varia de indivíduo para indivíduo, na medida em que cada um o vive em determinados contextos físicos, sociais e humanos, aliados a todas as vivências e projetos de vida individual. A qualidade de vida nesta etapa depende claramente de vários domínios, como a saúde, o trabalho, a conjuntura familiar, o poder económico, entre outros.

Por fim, é possível afirmar que um terceiro objetivo paralelo guiou este estudo, na medida em que nos interessou desenvolver as nossas próprias autorreflexividades sobre o papel da prática enquanto desempenhamos papel de animação. Interrogamos-nos, através dos resultados deste estudo, sobre: que competências para atingir os objetivos de criar sentido, valor e importância na identidade do idoso, deve possuir um Animador? Por norma, poderemos englobar as competências do Animador numa trilogia de saberes na qual deve assentar o exercício das funções deste técnico: ser, estar e fazer. O que será comum a todos os âmbitos de intervenção.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Active Ageing (2002). A Policy Framework. A contribution of the WHO to the Second United Nations World Assembly on Ageing, Madrid;
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Adler, P. and Adler, P. (1994) “*Observational Techniques*.” In Denzin, Norman K. and Yvonna S. Lincoln, (eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- Barros, R. (2011). *Genealogia dos conceitos em educação de adultos: da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida. Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional*. Lisboa: Chiado Editora;
- Barros de Oliveira, J. H. (2005). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. Porto: Legis Editora.
- Batista, A. (2002). *Serena idade*. In *Terceira idade: uma questão para a educação social*. Publicação do Departamento de Ciências Históricas e de Educação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Porto.
- Beauclair, J. (2008). *A construção do saber: os necessários movimentos psicopedagógicos nos processos de “aprendências e ensinagens”* in Almeida, M. *As Universidades da Terceira Idade: Novas aprendizagens ou centros de convívio*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira;
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva;
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1982) - *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora;
- Burrell, G., & Morgan, G., (1979). *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heinemann;
- Cardão, S. (2009). *O idoso Institucionalizado*. Lisboa: Coisas de Ler;
- Cunha, M.<sup>a</sup> (2009). *Animação sociocultural na terceira idade*. Chaves: Ousadias;
- Contarello, A., Leone, G., & Wachelke, J. (2012). *O envelhecimento em uma sociedade que envelhece*. In Tura, L. F. & Silva, A. O. (Eds.), *Envelhecimento e representações sociais* (pp.139-168). Rio de Janeiro, Quarteto Editora;
- Decreto-Lei n.º 119/83 de 25 de fevereiro de 1983– Aprova o Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social. Diário da República, 1ª Série, (46);
- Elizasu, C. (2001). *La animación con personas mayores*, Madrid, Ccs;
- Fernandes, A. (1997) *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora;
- Fernandes, P. (2000). *A depressão no idoso*. Lisboa: Quarteto Editora;
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Coimbra: Climepsi Editores;
- Fragoso, A. (2007). *As novas oportunidades em contexto de educação de adultos: qualificação ou certificação?* In *Aprendizagem ao longo da vida no Debate Nacional sobre Educação*. Lisboa: Concelho Nacional de Educação;
- Fragoso, A. (2012) - *Percursos Educativos e Vidas dos Adultos. Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências numa Associação de Desenvolvimento Local*. Braga:

Universidade do Minho;

- Freire, P. (1969). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra;
- Freire, P. (1995). *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Olho d'água;
- Fontana, A. & Frey, J.H. (1994). *Interviewing the art of Science*. in N. Denzin & Y.S. Lincoln (orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp.361-376). London: Sage Publications Inc.
- Gonçalves, C & Carrilho, M. (2007) – *Envelhecimento crescente, mas espacialmente desigual*, in revista de estudos demográficos. Lisboa. Volume 40, pp 21 – 37;
- Hervy, B. (2001). *L'animation sociale auprès des personnes âgées* In *Gérontologie et Société*, nº 96, Paris;
- Imaginário, C. (2004) – *O idoso dependente em contexto familiar*. Coimbra: Formasau;
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Estatísticas Oficiais. Lisboa;
- Instituto da Segurança Social (2004). *Manual de Boas Práticas*, Lisboa: I.P, pp. 42-44;
- Jacob, L. (2002). Serviços para idosos. Disponível: <http://www.socialgest.pt>. (27-09-2014);
- Jacob, L. (2007). *Animação de idosos: actividades*. Porto: Âmbar;
- Larrazábal, M. S. (2004). A Figura e a Formação do Animador Sociocultural. In J. Trilla (Coord.), *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget
- Lessard, M.; Goyette, H. & Boutin, G. (1990). *A investigação qualitativa, fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- Lopes, M. (2006). *A Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural;
- Ludke, Menga e André, Marli. (1986). *Pesquisa em educação – Abordagens qualitativas*. SãoPaulo: EPU;
- Martins, L. (2010). *Educação, Ciência e Tecnologia, Envelhecimento e Políticas Sociais*. pp. 126-128;
- Martins, E. C. (2013). *Gerontologia & Gerontagogia e Animação em Idosos*. Lisboa: Cáritas Portuguesa;
- Nazareth, J.M. (1988). *O envelhecimento demográfico*. Psicologia. Lisboa. Vol.6. nº2.
- Nazareth, J. M. (2009). *Crescer e envelhecer. Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa: Editorial Presença;
- Netto, M. (2000). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Nogueira, A. I. C. (1996). *Para uma educação permanente à roda da vida*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Organização Mundial da Saúde (2002). *Envelhecimento Ativo: Um Projeto de Política de Saúde*;
- Osório, A. (1998). *Animación Sociocultural en la tercera edad*, in Bernet, J. T. (cood.), *Animación Sociocultural*. Barcelona: Editorial Aril S.A.;
- Osório, A. & Pinto, F. (2007), *As pessoas idosas – contexto social e intervenção educativa*, Lisboa, Instituto Piaget;
- Paúl, C. (1997). *Lá para o fim da Vida: Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Almedina;
- Paúl, C. (2005). *Envelhecimento e ambiente*. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e*

- psicologia ambiental (pp. 247-268). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Paúl, C., Fonseca, A. M., Martín, I., & Amado, J. (2005). *Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses*. In C. Paúl, & A. Fonseca, *Envelhecer em Portugal* (pp. 75-95). Lisboa: Climepsi Editores;
- Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto;
- Pérez Serrano, G. (1994). *Investigación cualitativa. Retos, interrogantes y métodos*. España, La Muralla;
- Punch, M. (1994). *Politics and ethics in qualitative research*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 83-97). Thousand Oaks, CA: Sage
- Radovan, M. "et al". (2014). *Older Man Learning in the Community: European Snapshots*. University of Ljubljana e Universidade do Algarve;
- Rosa, M. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Silva, A. & Pinto, J. (1986). *Uma visão global sobre as ciências sociais*. In Silva, A. & Pinto, J. (Coords.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 9-27). Porto: Edições Afrontamento;
- Simões, A. (1999). A educação dos idosos: uma tarefa prioritária. *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 12., n.º 2. 1999.
- Slepoj, V. (2000). *As relações de família*. Lisboa: Editorial Presença;
- Sousa, L. & Figueiredo, D. (2003). *(In)dependência na população idosa: um estudo exploratório na população portuguesa*. *Psychologica*, 33;
- Stake, R. (1994). *Case Studies*. In N. Denzin Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). Newsbury Park: Sage.
- Stake, R. (2007). *A arte de Investigação com estudo caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- United Nations. (2002). *Political Declaration and Madrid International Plan of Action on Aging*. New York, NY;
- Veloz, M., Nascimento-Schulze, & Camargo, B. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.12, nº2, (479-501). Porto Alegre
- World Health Organization. (1997). The World Health Organizations issues guidelines for promoting physical activity among older persons. *Journal of Aging and Physical Activity*, 5, 1-8;
- World Health Organization. (2004). *Global strategy on diet, physical activity and health*. Geneva, Switzerland;
- Wilson, C. (2009). *O Envelhecimento no Séc. XXI – Perspectivas Demográficas*. In Fundação Calouste Gulbenkian (Autor). *O Tempo da Vida: Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento 2008/2009*. (pp. 33-49). Cascais: Principia;

Netgrafia:

<http://revistapraticasdeanimacao.webnode.pt/sumario/> (acedido a 20 de setembro de 2014)

<http://www.casapia.pt/Default.aspx?tabid=67&language=pt-PT> (acedido a 23 de setembro de 2014)

<http://pt.scribd.com/doc/30805860/Burrel-e-Morgan#scribd> (acedido a 23 de setembro de 2014)

<http://www.socialgest.pt> (acedido a 27 de setembro de 2014)

<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>  
(acedido a 15 de novembro de 2015)

<http://www.citador.pt/frases/saber-envelhecer-e-a-obraprima-da-sabedoria-e-um-hermann-melville-15051>  
(acedido a 15 de novembro de 2015)

## **ANEXO E APÊNDICES**

## **ANEXO 1**

## **PLANO ANUAL DE ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO ÂNCORA**



## *Espaço Memórias & Companhia*

Plano Anual de Atividades - 2015



Âncora Sénior: Centro de Dia + Serviço de Apoio Domiciliário

## 1. Introdução

O Centro de Dia (CD) da Associação Âncora conta atualmente com cerca de 40 utentes, 30 destes ao abrigo do Acordo de Cooperação com a Segurança Social.

O Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), com uma abrangência bem menor, dá apoio a 12 pessoas idosas, tal como previsto no Acordo de Cooperação para esta resposta social.

O *Espaço Memórias & Companhia* surgiu em 2009 com o objetivo de dinamizar ambas as respostas sociais, conferindo-lhes um caráter de inovação, liberdade, possibilidade de escolha, amplitude... vida!

O forte dinamismo que caracteriza este Espaço deve-se à preocupação constante de fazermos animação “com” as pessoas, ao invés de apenas animação “para” as pessoas, que também existe. Deve-se também aos valores que medeiam a nossa intervenção e à nossa filosofia de intervenção com as pessoas mais velhas, vistas como capazes, com liberdade de ação e livre arbítrio, com gostos, interesses, necessidades e expectativas, com projetos de vida (embora uns mais sólidos que outros), com direito à participação e com responsabilidade física.

Apesar de identificarmos hoje um CD muito mais envelhecido que em 2009 (ao contrário do que acontece no SAD), não queremos nem podemos olhar para as pessoas idosas como incapazes, limitadas ou senis. Todos têm potencial. A equipa técnica tem é agora um trabalho redobrado: adaptar as atividades de animação a estas pessoas.

No *Espaço Memórias & Companhia* jamais as pessoas poderão ser vistas como o problema. Jamais o contexto poderá justificar um insucesso. No *Espaço Memórias & Companhia* pensamos, planificamos e avaliamos com e para as pessoas com quem trabalhamos, tendo em conta que a adaptação de toda e qualquer proposta é dever da equipa técnica. Conhecer bem as pessoas que fazem parte das nossas respostas sociais, identificar corretamente as nossas necessidades e os nossos recursos e fazer bem o planeamento das atividades de animação são os ingredientes que nos permitem ser considerados por muitos um dos melhores Centros de Dia do Algarve (e aqui caberá também o nosso SAD, embora a fama lhe seja menos conhecida!).

Para 2015 propomos dar continuidade ao projeto iniciado em 2009, tendo em conta o público-alvo que temos atualmente, bem como os recursos humanos e materiais que temos para o operacionalizar.

Como se trata de um plano anual, este documento tem um carácter obrigatoriamente flexível, podendo ser acrescentadas novas atividades ou retiradas algumas das agora propostas, caso as regulares avaliações efetuadas ao plano de atividades assim o indiquem.

O facto de trabalharmos com várias pessoas voluntárias também pode condicionar a continuidade de determinadas atividades, pois por vezes os voluntários deixam de ter disponibilidade para vestir a camisola da Âncora ou definem outros projetos de vida que implicam o término da sua atividade voluntária na associação.

Feitas as ressalvas, é altura de procedermos, em traços largos, à identificação dos vários grupos de idosos que constituem a Âncora Sénior (correndo o risco de sermos pouco justos quanto às exceções ou chegarmos ao fim do ano com a mesma caracterização):

- Grupo 1: pessoas autónomas e pessoas parcialmente dependentes, cuja dependência influencia parcamente a sua participação nas atividades (embora possam a olho nu parecer grandes dependências, como a necessidade de usar uma cadeira de rodas);
- Grupo 2: pessoas consideradas dependentes (e a sua dependência influencia grandemente a sua participação nas atividades) e/ou “desmotivadas” (na grande maioria quadros de depressão nunca tratada ao longo das suas vidas e que agora, com tantas outras patologias associadas, se tornam particularmente difíceis no que se refere a “resoluções”, sobretudo no uso de terapêuticas não farmacológicas);
- Grupo 3: pessoas idosas com grande comprometimento cognitivo, causados por quadros demenciais ou outros de base neurológica.

O plano de atividades que a seguir é apresentado, resulta da análise do público-alvo, mas também da auscultação das pessoas que constituem esse grupo-alvo e têm capacidade cognitiva para fazerem parte do processo de planeamento, por isso este documento é aprovado na primeira reunião mensal de utentes de 2015 e só é implementado após total avale por parte dos idosos.

À semelhança do que já vem a acontecer ao longo dos anos anteriores, podemos organizar as atividades de animação em 4 grandes blocos: Atividades Físicas; Atividades Criativas; Atividades de Estimulação Cognitiva e Sensorial; e Atividades Culturais.

Diariamente pretende-se criar um ritual de pré-disposição para as atividades. Este irá consistir na formação de uma grande roda na sala de CD com idosos e colaboradores que de mãos dadas dirão “bom dia!”. Uma das colaboradoras terá a responsabilidade de dizer em que dia, dia da semana e mês estamos, relembrar o plano de atividades para o dia e a ementa. O Rui Silva (e na sua ausência uma colaboradora) propõe a realização de 2 ou 3 exercícios físicos, que serão realizados ao som de uma música (previamente escolhida). No final é sugerido às pessoas que se abracem. E assim se dá início ao dia...

## 2. Apresentação Plano de Atividades 2015

| Bloco              | Atividades                                       | Objetivos Gerais  | Recursos necessários                                       | Periodicidade e duração  | Grupo alvo                                    | Dinamizador                 |
|--------------------|--|---|--|--------------------------|---|-----------------------------|
| Atividades Físicas | Caminhadas Temáticas                             | - Fazer exercício físico;<br>- Aumentar resistência física.   | - Roupa confortável;<br>- Bonés;<br>- Águas.               | - Semanal, 1.30h         | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Colaboradoras Âncora Sénior |
|                    | Educação Física – Projeto <i>Viva Mais</i> (CMT) | - Fazer exercício físico;<br>- Preservar autonomia;<br>- Aumentar resistência física.                         | - Cadeiras.  | - Semanal, 45min.        | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Prof. Hugo                  |
|                    | Jogos de Movimento                               | - Fazer exercício físico de forma ligeira;<br>- Preservar autonomia ao nível das AVD's.                       | - Bolas;<br>- Garrafas com areia;<br>- Canas;<br>- Balões. | - Semanal , 1h           | - Todos                                       | Rui Silva                   |
|                    | Psicomotricidade na piscina                      | - Fazer exercício físico de forma divertida;<br>- Contactar com o meio aquático.                              | - Equipamento de piscina;<br>- Transporte.                 | - Mensal, 1.30h          | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Rui Silva                   |
|                    | Boccia Sénior                                    | - Fazer exercício físico adaptado;<br>- Divulgar modalidade no concelho, através de demonstrações e torneios. | - Kit boccia   | - 2 vezes por semana, 2h | - Todos                                       | Rui Silva                   |
|                    | Sessões Wii                                      | - Estimular integralmente a pessoa idosa através dos diferentes jogos.  | - Wii  | Semanal, 1h              | - Todos                                       | Colaboradoras Âncora Sénior |

|   |  |  |  |                |   |   |
|---|--|--|--|----------------|---|---|
| Atividades de Estimulação Cognitiva e Sensorial | Educação de Adultos  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar competências de leitura e escrita aos idosos iletrados;</li> <li>- Treinar competências leitura e escrita em idosos letrados.</li> </ul>  | - Material de leitura e escrita.   | - Semanal , 1h | - Todos                                       | Sofia Martins                             |
|   | Atelier Recolha de Receitas  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Treinar competências leitura e escrita, assim como de cálculo em idosos letrados;</li> <li>- Recolher receitas;</li> <li>- Compilar num livro as receitas recolhidas;</li> <li>- Fazer algumas das receitas para serem provadas por todos.</li> </ul> | - Material de leitura e escrita.   | - Semanal , 1h | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Ana Isabel Biscaia                        |
|   | Informática  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprender a usar o computador;</li> <li>- Aprender a usar a Internet;</li> <li>- Comunicar com familiares que estão longe através do Skype e facebook.</li> </ul>  | - Computadores.  | - Semanal , 1h | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Sofia Martins                             |
|   | “Cantigas de Outros Tempos” e Discos Pedidos (com dedicatória)           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover comunicação e partilha;</li> <li>- Promover o acesso à cultura musical;</li> <li>- Valorizar os gostos musicais de cada um.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador;</li> <li>- Data show.</li> </ul>  | - Semanal, 1h  | - Todos                                       | António Costa Colaboradoras Âncora Sénior |
|   | Sessões de Estimulação Cognitiva formais + jogos de memória, provérbios, | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Prevenir aumento do defeito cognitivo quando existe;</li> <li>- Estimular funções cognitivas intactas.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador;</li> <li>- Data show;</li> <li>- Programas de Estimulação Cognitiva.</li> </ul> | - Semanal, 1h  | - Todos (divididos em pequenos grupos)        | Luísa Gomes Colaboradoras Âncora Sénior   |

|                      |  |  |  |                                  |   |                             |
|----------------------|--|--|--|----------------------------------|---|-----------------------------|
|                      | anedotas e adivinhas                     |  |  |                                  |   |                             |
|                      | Sessões de Estimulação Sensorial         | - Estimular os sentidos, promovendo a sua manutenção.  | - De acordo com a sessão   | - Semanal, 1h                    | - Idosos com comprometimento cognitivo        | Paulo Fernandes             |
|                      | Massagens                                | - Promover o bem-estar geral;<br>- Diminuir dores localizadas.   | - Maca;<br>- Toalhas;<br>- Óleos e pomadas específicas para cada pessoa;<br>- Leitor de cd's e músicas relaxantes. | - Semanal – atividade individual | - Todos                                       | Ana Silva                   |
|                      | Cuidados de Beleza – manicure e pédicure | - Aumentar autoestima.   | - Material de manicure e pédicure  | - Semanal – atividade individual | - Todos                                       | Colaboradoras Âncora Sénior |
| Atividades Criativas | Lojinha da Avó                           | - Estimular motricidade fina;<br>- Estimular a criatividade dos idosos;<br>- Produzir produtos para venda.     | - Materiais diversos, de acordo com o tipo de trabalho.  | - Semanal, 2h                    | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Elisabete Catarino          |
|                      | Dança                                    | - Fazer exercício físico;<br>- Estimular o humor positivo;<br>- Criar um grupo de dança.                       | - Roupas confortáveis;<br>- Leitor de CD's;<br>- CD's de música;<br>- Computador e colunas.                        | Semanal, 1h                      | - Idosos autónomos e parcialmente dependentes | Eugénia Mota                |
|                      | Expressão Plástica                       | - Estimular motricidade fina;<br>- Estimular a criatividade dos idosos;<br>- Facilitar a expressão de emoções. | - Materiais diversos, de acordo com o tipo de trabalho.  | Semanal, 1h                      | - Todos                                       | Paulo Fernandes             |
|                      | Teatro                                   | - Estimular a criatividade;  | - De acordo com cada peça  | Semanal, 1h                      | - Todos                                       | Paulo Fernandes             |

|                      |                                  |  |   |                               |  |  |
|----------------------|----------------------------------|--|---|-------------------------------|--|--|
|                      |                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a técnica de improvisação;</li> <li>- Reproduzir situações do quotidiano;</li> <li>- Representação cénica.</li> </ul> |   |                               |  |  |
|                      | Atelier Arte & Reciclagem        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular motricidade fina;</li> <li>- Estimular a criatividade dos idosos;</li> <li>- Aumentar autoestima.</li> </ul>            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Materiais diversos, de acordo com o tipo de trabalho.</li> </ul> | Semanal, 1h                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos (adaptação das atividades aos diferentes grupos)</li> </ul> | Eugénia Mota                                       |
|                      | Grupo Coral “As Vozes da Âncora” | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reviver tradições;</li> <li>- Aumentar autoestima;</li> <li>- Realizar atuações noutras instituições.</li> </ul>                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Instrumentos musicais;</li> <li>- Materiais do coro.</li> </ul>  | Semanal, 1h                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos autónomos e parcialmente dependentes</li> </ul>            | Cidália Vieira                                     |
|                      | Rancho Folclórico                | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reviver tradições;</li> <li>- Aumentar autoestima;</li> <li>- Aumentar resistência física.</li> </ul>                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Instrumentos musicais;</li> <li>- Roupas.</li> </ul>             | Semanal, 1h                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos autónomos e parcialmente dependentes</li> </ul>            | Noélia Pereira<br>Cidália Vieira<br>João Guerreiro |
| Atividades Culturais | Passeios                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Visitar diferentes localidades;</li> <li>- Conhecer novos locais.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transporte</li> </ul>  | Quinzenal, conforme distância | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos</li> </ul>  | Luísa Gomes  |
|                      | Tardes Culturais                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o convívio e o acesso à cultura.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Depende da atividade</li> </ul>                                  | Mensal, 2h                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos</li> </ul>  | Sofia Martins                                      |
|                      | Almoços fora                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumentar o convívio fora da Âncora e com outras pessoas;</li> <li>- Conhecer e experimentar novos restaurantes.</li> </ul>        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Transporte</li> </ul>  | Mensal, 2h                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos</li> </ul>  | Luísa Gomes  |
|                      | Chá dançante                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o convívio;</li> <li>- Estimular para a música.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistema de som;</li> <li>- Computador.</li> </ul>                | Mensal, 2h                    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos</li> </ul>  | Sofia Martins                                      |
|                      | Ações de Esclarecimentos         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Disponibilizar informação aos idosos suas famílias sobre temáticas</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador;</li> <li>- Data show.</li> </ul>                     | Bimensal, 1h                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Idosos autónomos e</li> </ul>                                     | Sofia Martins                                      |

|                                |                 |   |                                      |   |  |                             |
|--------------------------------|-----------------|---|--------------------------------------|---|--|-----------------------------|
|                                |                 | relacionadas, direta ou indiretamente, com o processo de envelhecimento.                  |                                      |   | parcialmente dependentes;<br>- Idosos mais dependentes e/ou desmotivados |                             |
| Atividades Surpresa            | -               | - Envolver colaboradoras no processo de animação;<br>- Oferecer algo diferente aos idosos | - Depende da atividade               | Mensal, 15min. (durante o lanche)   | Todos  | Colaboradoras Âncora Sénior |
| VIII Semana Sénior             | Plano a definir | - Comemorar Dia do Idoso  | - Depende do plano que será definido | De 30/09/2013 a 04/10/2013  | Todos  | Equipa Âncora Sénior        |
| Comemoração de épocas festivas | -               | - Comemorar épocas festivas.  | - Depende da atividade               | - Carnaval<br>- Aniversário Âncora<br>- Páscoa<br>- Santos Populares<br>- Natal | Todos  | Equipa Âncora Sénior        |

### **3. Conclusão**

Face às características do *Espaço Memórias & Companhia* considera-se pouco pertinente o desdobramento deste plano anual em mapas mensais de atividades. A metodologia usada é antes a planificação das atividades por trimestre, sempre que tal é possível, e o desdobramento em planos semanais de atividades, devidamente adaptados à realidade prevista para essa semana (ver anexo 1).

No final de cada atividade, o monitor da mesma deverá proceder ao registo da atividade desenvolvida, bem como à sua avaliação, identificando sempre que se justifique aspetos a melhorar. O dossier de registo das atividades encontra-se no gabinete técnico.

Mensalmente, o plano de atividades é avaliado pelos idosos na reunião mensal de utentes e trimestralmente pela equipa técnica e voluntários em reunião agendada para o efeito.

## **ANEXO 2**

**CÓDIGO DEONTOLÓGICO PARA A PROFISSÃO DE  
EDUCADOR SOCIAL EM PORTUGAL APROVADO A 17 DE  
NOVEMBRO DE 2001 NO II FÓRUM NACIONAL DE  
EDUCAÇÃO SOCIAL, DELEGAÇÃO REGIONAL DE  
SANTARÉM DO INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE,  
SANTARÉM**

# **Deveres e direitos do Educador Social**

## **Ponto 1- Em relação a si mesmo e à profissão**

1 O Educador Social deve reger o seu trabalho pelo critério da eficiência e competência profissional, tomando como referência as técnicas e metodologias reconhecidas pela prática social e interventiva e pela ética profissional.

2. O Educador Social tem o direito e o dever ao seu desenvolvimento profissional, através de actividades de formação permanente, sendo também promotor da sua autoformação e actualização científica e metodológica tal como agente activo na inovação e investigação sócio-educativa.

3. O Educador Social deve assumir responsabilidade profissional nas matérias para as quais esteja capacitado pessoal e tecnicamente e com as quais se compromete.

4. O Educador Social deve desenvolver uma atitude de análise crítica e reflexiva permanente em relação a si próprio e ao seu desempenho profissional.

5. O Educador Social não deve praticar e tem o dever de denunciar às entidades competentes qualquer exercício sócio-educativo anti-ético, prejudicial ou com efeitos nocivos quer para o utente, para as instituições ou para a sociedade, praticados por Educadores Sociais ou por outros profissionais.

6. O Educador Social deve contribuir através da sua acção profissional para a dignificação social da sua profissão.

7. O Educador Social deve defender e fazer respeitar os direitos e deveres inerentes à sua profissão, tal como os constantes neste código.

8. O Educador Social deve ter para com os seus colegas respeito, consideração e solidariedade que fortaleçam o bom conceito da categoria.

9. O Educador Social deve esforçar-se para desenvolver em si qualidades pessoais que otimizem o seu desempenho profissional, tais como a paciência, a tolerância, o auto controle, a empatia, o altruísmo, o equilíbrio.

10. O Educador Social deve associar-se e prestigiar as associações e órgãos representativos da profissão, contribuindo para a harmonia e coesão profissional e para o desenvolvimento da profissão, enriquecendo-a através da investigação e da partilha de resultados.

11. O Educador Social deve programar e planificar as suas intervenções sócioeducativas não deixando ao acaso e à aleatoriedade, recolhendo o maior número possível de informação que fundamente a sua intervenção.

12. Deve-se considerar Educador Social o profissional que detém uma formação adequada, de acordo com os diversos graus formativos previstos e ministrados e a devida comprovação pelas entidades competentes.

13. O Educador Social deve gozar de privacidade na sua vida particular, devendo no entanto ser coerente com a sua postura profissional durante o seu relacionamento informal, considerando a pedagogia do exemplo.

14. O Educador Social tem direito ao exercício autónomo e reconhecido da sua profissão nas instituições públicas e privadas.

## **Ponto 2- Em relação aos utentes**

1. É dever do Educador Social informar, esclarecer e promover a participação dos utentes nos diversos momentos do processo pedagógico.

2. O Educador Social deve procurar desenvolver nos utentes competências que lhes permitam uma positiva integração social no contexto em que vivem. Deve procurar o desenvolvimento integral do pessoal sustentado em atitudes de respeito, criatividade, iniciativa, reflexão, coerência, sensibilidade, autonomia, fomentando a confiança e autoestima.

3. Durante a relação educativa o Educador Social não deve manter um relacionamento com o utente que condicione nocivamente a boa prestação do seu desempenho profissional.
4. O Educador Social deve consciencializar o utente do problema que ele atravessa e esclarecer os objectivos e a amplitude da sua actuação profissional.
5. O Educador Social deve desenvolver com os utentes uma relação educativa ideologicamente desinteressada que promova o auto conhecimento cultural e o reconhecimento da multiculturalidade.
6. O Educador Social deve guardar o sigilo profissional, não utilizando indevidamente as informações que dispõe sobre os utentes e as famílias, só podendo ser transmitidas em situação de trabalho multidisciplinar, quando daí advenha benefício para a acção sócio-educativa.
7. O Educador Social não deve usar metodologias que afectem a dignidade dos utentes, respeitando a sua integridade.
8. O Educador Social deve ser cauteloso mas objectivamente crítico nas afirmações que profere e nos juízos que efectua sobre questões que possam dar azo a generalizações e a estigmatizações.
9. O Educador Social não deve na sua prática profissional criar expectativas no utente que não sejam possíveis de concretizar.
10. O Educador Social deve respeitar os direitos educativos das famílias com relação aos utentes numa postura de cooperação entre a família e a equipa sócio-educativa, entendendo a família como agente de socialização essencial ao utente.
11. O Educador Social deve ser conhecedor do contexto familiar da sua intervenção, desenvolvendo o contacto directo e contínuo de forma coordenada com a família.
12. O Educador Social tem o direito ao respeito por parte dos utentes e das famílias.

### **Ponto 3- Com relação às instituições**

1. O Educador Social deve respeitar de forma plena os compromissos assumidos com os contratadores, assim como, cumprir as normas institucionais vigentes.
2. O Educador Social deve salvaguardar a autonomia de critérios e procedimentos essenciais ao desempenho da sua função profissional, podendo recusar tarefas que comprometam a sua integridade profissional.
3. O Educador Social não deverá aceitar substituir profissionalmente um colega que tenha sido exonerado por defender os princípios e normas deste código no exercício da profissão.
4. O Educador Social deverá ver garantida a confidencialidade dos documentos e arquivos do seu uso profissional, assim como a inviolabilidade do local de trabalho.
5. O Educador Social tem direito a um contrato de trabalho e remuneração adequados às funções que desempenha, assim como de usufruir de condições e recursos adequados à sua prática profissional e de ser correctamente informado das tarefas que deverá desempenhar.
6. O Educador Social deve assumir a identificação com os objectivos e com o projecto institucional, desde que não contrariem os seus princípios deontológicos.
7. O Educador Social deverá ser promotor de princípios de parceria e intersectorialidade entre instituições, quando essa estratégia for ao encontro dos objectivos da prestação profissional.
8. O Educador Social tem direito a despende de algumas horas do seu horário de trabalho para actualização das suas competências profissionais através de experiências formativas.

### **Ponto 4- Com relação aos outros profissionais**

1. O Educador Social deverá manter em relação as outras profissionais, princípios de cooperação interdisciplinar, sem desrespeito pela autonomia e pelas competências específicas de cada profissional.

2. O Educador Social não deve tecer comentários pejorativos e desvalorizadores em relação ao trabalho desenvolvido por outros profissionais. A sua crítica deve ser construtiva e dirigida ao profissional, assumindo o educador plena responsabilidade por ela.
3. O Educador Social não deverá compactuar com o exercício ilegal da profissão, correspondendo-lhe o direito de denunciar actos ilícitos, usurpadores ou faltas éticas dos outros profissionais.
4. É dever do Educador Social fornecer à equipa ou seu substituto, toda a informação necessária à prossecução e continuidade positiva do trabalho sócio-educativo.
5. O Educador Social não deve prejudicar deliberadamente o trabalho e a reputação de outro profissional, nem imiscuir-se na prestação e no relacionamento profissional dos outros profissionais.
6. No seu desempenho profissional o Educador Social deve atribuir prioridade ao profissionalismo em detrimento da afectividade no relacionamento com os elementos da equipa de trabalho.
7. O Educador Social deve assumir como suas aquando da implementação, as decisões apuradas em equipa de trabalho, mesmo quando haja manifestado a sua discordância no momento da decisão.
8. O Educador Social deve elaborar e planificar em parceria com os outros profissionais da equipa sócio-educativa um projecto educativo que oriente a sua intervenção.
9. O Educador Social tem direito ao apoio, à informação sobre o trabalho, à participação como elemento de voz activa e a ser consultado e informado das decisões, em contexto de trabalho de equipa.

## **Ponto 5- Com relação à sociedade em geral**

1. O Educador Social deve caracterizar a sua relação pelo critério da igualdade, sem aceitar ou permitir discriminações em função do sexo, idade, raça, ideologia, credo, origem social e cultural, condições sócio-económicas, nível intelectual, promovendo o respeito pela multiculturalidade e pela diferença.
2. O Educador Social deve manter uma postura isenta, valorizando equitativamente e procurando um relacionamento equilibrado com os diversos actores sociais, individuais ou colectivos, com os quais se cruza na sua prestação profissional.
3. O Educador Social deve ser sensível à sua participação activa nos programas de socorro à população vitimada sem requerer remuneração ou outra compensação, nas situações de calamidade pública.
4. O Educador Social deve participar e contribuir activamente para a dinamização do movimento sócio-cultural no contexto social envolvente à sua intervenção, numa perspectiva de valorização e promoção dos aspectos socioculturais locais.
5. O Educador Social deve subordinar a sua actuação profissional a princípios como a igualdade de direitos, o exercício da liberdade, a promoção da paz, a prática da justiça, o exercício da tolerância e o respeito para com a Natureza.

## **ANEXO 3**

**LEI 2120 de 19 DE JULHO DE 1963**

**INSTITUI AS INSTITUIÇÕES PARTICULARES DE  
SOLIDERIEDADE SOCIAL**

# **Lei 2120, de 19 de Julho**

**Fonte:** Diário do Governo n.º 169/1963, Série I de 1963-07-19.

## **Sumário**

Promulga as bases da política de saúde e assistência.

## **Texto do documento**

### **Lei 2120**

Em nome da Nação, a Assembleia Nacional decreta e eu promulgo a lei seguinte:

## **CAPÍTULO I**

### **Da saúde e assistência e dos seus princípios orientadores**

#### **BASE I**

1. A política de saúde e assistência tem por objectivo o combate à doença e a prevenção e reparação das carências do indivíduo e dos seus agrupamentos naturais.
2. O combate à doença abrange a acção preventiva, curativa e recuperadora.

#### **BASE II**

1. Na execução da política de saúde e assistência deverá ter-se presente:
  - a) A natureza unitária da pessoa humana e a necessidade de respeitar a sua dignidade e integridade moral;
  - b) A missão fundamental da família, como meio mais adequado à vida e ao desenvolvimento integral do homem e primeiro responsável pelo bem-estar dos seus membros;
  - c) A necessidade de formação moral e cívica e de educação social e sanitária dos indivíduos e seus agrupamentos;
  - d) O dever do trabalho, como base da sustentação e dignificação do homem.

2. Na organização e prestação dos serviços de saúde e assistência conceder-se-á preferência à acção preventiva.

### **BASE III**

Compete ao Estado:

- a) Estabelecer planos gerais para as actividades de saúde e assistência;
- b) Orientar, coordenar e fiscalizar estas actividades;
- c) Organizar e manter os serviços que, pelo superior interesse nacional de que se revistam ou pela sua complexidade, não possam ser entregues à iniciativa privada;
- d) Fomentar a criação de instituições particulares que se integrem nos princípios legais e ofereçam as condições morais, financeiras e técnicas mínimas para a prossecução dos seus fins;
- e) Exercer acção meramente supletiva em relação às iniciativas e instituições particulares, que deverá favorecer sempre que estejam nas condições referidas na alínea antecedente.

### **BASE IV**

O exercício individual ou colectivo da caridade ou beneficência é livre, salvas as restrições legais.

### **BASE V**

1. As instituições e serviços de saúde e assistência, quanto ao âmbito territorial, podem ser:

- a) Nacionais, se abrangem todo o País;
- b) Regionais, se abrangem a área de mais de um concelho;
- c) Locais, se abrangem um ou parte de um concelho.

2. Quanto à responsabilidade da administração e à origem dos recursos, podem ser:

- a) Oficiais, quando o Estado ou as outras entidades públicas as administrem ou garantam a sua manutenção;

b) Particulares, quando a administração pertença a entidades privadas e para manutenção das suas actividades contribuam fundos ou receitas próprias.

3. As instituições particulares não perdem esta qualidade pelo facto de receberem subsídios do Estado ou de outras entidades públicas para manutenção ou melhoria das suas actividades. Consideram-se desoficializados os estabelecimentos ou serviços que forem entregues a entidades privadas.

#### **BASE VI**

1. As instituições particulares podem revestir a forma de associações ou de fundações.
2. Entre as associações, têm regime especial as Santas Casas de Misericórdia, cuja tradicional essência católica e actividade multivalente devem ser mantidas, sem prejuízo da actualização técnica e administrativa dos seus métodos de acção.

#### **BASE VII**

1. A autonomia das instituições particulares só poderá ser limitada pela tutela administrativa do Estado.
2. A tutela respeitará a vontade dos instituidores das fundações e das associações, sem prejuízo da actualização técnica dos serviços e coordenação indispensáveis à maior eficiência das suas actividades.

### **CAPÍTULO II**

#### **Das actividades de saúde e assistência**

#### **BASE VIII**

A execução da política de saúde e assistência abrange:

- a) As actividades de saúde pública, que incluem especialmente as de higiene e de medicina preventiva;
- b) As actividades de medicina curativa e recuperadora;

c) As actividades de assistência.

## **BASE IX**

As actividades de saúde pública destinam-se a promover a saúde e a combater preventivamente a doença, e compreendem em especial:

- a) A educação sanitária da população;
- b) O saneamento do meio ambiente;
- c) A higiene materno-infantil, infantil, escolar, da alimentação e do trabalho;
- d) A higiene mental;
- e) A profilaxia das doenças transmissíveis e sociais;
- f) A defesa sanitária das fronteiras;
- g) A hidrologia médica e as estações balneares;
- h) A fiscalização da produção e comércio de medicamentos e a sua comprovação ou verificação da sua eficiência.

## **BASE X**

1. As actividades de medicina curativa e recuperadora abrangem, especialmente:

- a) O exercício individual ou organizado da medicina, com fins curativos e de recuperação, tanto sob a forma domiciliária como ambulatória ou hospitalar;
- b) A acção médico-social com fins pedagógicos e de investigação científica.

2. Estas actividades devem ser exercidas em estreita ligação com as de natureza preventiva previstas na base anterior.

3. A actividade hospitalar será coordenada de modo a integrar num plano funcional os hospitais centrais, regionais e sub-regionais, os postos de consulta ou de socorros e os serviços auxiliares.

## **BASE XI**

As actividades de assistência destinam-se a proteger os indivíduos e os seus agrupamentos contra os efeitos das carências e disfunções pessoais ou familiares, na medida em que não estiverem cobertos por esquemas de seguro privado ou social.

Incluem, designadamente:

- a) A assistência à família, à maternidade, à infância, aos menores, aos velhos e aos inválidos;
- b) A acção educativa destinada à valorização pessoal e social dos indivíduos e dos seus agrupamentos;
- c) A educação e a reabilitação ou recuperação dos deficientes físicos ou psíquicos, bem como de indivíduos socialmente diminuídos;
- d) A luta contra a mendicidade, o alcoolismo, a prostituição e outros flagelos sociais;
- e) O socorro a prestar em casos de sinistro, calamidade e eventualidades semelhantes;
- f) A tutela social dos necessitados e assistidos.

## **BASE XII**

A tutela social abrange:

- a) A orientação e defesa dos abandonados e desprotegidos;
- b) As providências destinadas a promover a participação dos necessitados em actividades compatíveis com as suas aptidões;
- c) A faculdade de assegurar, com carácter obrigatório, a prestação de cuidados de saúde e assistência, quando motivos ponderosos o justifiquem;
- d) A representação legal dos assistidos, nos termos que a lei fixar.

## **BASE XIII**

Na execução da política de saúde e assistência, deverá assegurar-se a conveniente participação do serviço social, geral ou especializado, quer individual e familiar, quer de grupo ou de comunidade.

## **CAPÍTULO III**

### **Dos órgãos de saúde e assistência**

## **BASE XIV**

1. Na execução da política de saúde e assistência, compete em especial ao Ministério da Saúde e Assistência:

- a) Assegurar o exercício das atribuições do Estado, ressalvadas as que por lei pertencerem a outros departamentos;
- b) Indicar a orientação técnica a seguir na actividade dos serviços de saúde e assistência dependentes de outros Ministérios, designadamente quanto à higiene e à medicina preventiva;
- c) Dar execução, na parte que lhe couber, às directrizes estabelecidas pelas comissões interministeriais que se constituam para assegurar a coordenação dos serviços de saúde dependentes de vários Ministérios, de modo a evitar desnecessárias sobreposições de actividades.

2. Em matéria de saúde escolar, os serviços do Ministério da Saúde e Assistência desempenharão as funções que não puderem ser efectivamente asseguradas pelos serviços dependentes da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

## **BASE XV**

Compete ainda ao Ministério da Saúde e Assistência:

- a) Autorizar a abertura e funcionamento de hospitais, casas de saúde, dispensários e estabelecimentos análogos;
- b) Aprovar as obras de construção, grande ampliação ou remodelação de edifícios destinados aos referidos estabelecimentos.

## **BASE XVI**

1. Junto do Gabinete do Ministro, funcionará o Conselho Superior de Saúde e Assistência, ao qual cabe dar parecer sobre a orientação geral da política de Saúde e assistência, estabelecimento dos respectivos planos, bem como pronunciar-se sobre os demais assuntos da sua competência.

2. O Conselho poderá funcionar em secções.

## **BASE XVII**

1. Os serviços do Ministério da Saúde e Assistência serão os instituídos na respectiva lei orgânica.

2. Os serviços do actual Instituto Português de Oncologia transitam para o Ministério da Saúde e Assistência, sem prejuízo da sua dependência do Ministério da Educação Nacional quanto à investigação científica e às funções pedagógicas.

## **BASE XVIII**

São órgãos regionais de saúde e assistência:

- a) As delegações distritais;
- b) As comissões inter-hospitalares.

## **BASE XIX**

1. Na dependência das delegações de saúde, haverá centros de saúde para acção local e apoio aos postos concelhios previstos na base XXI.
2. Nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, os centros de saúde terão organização especial.

## **BASE XX**

São órgãos locais de saúde e assistência:

- a) As subdelegações de saúde;
- b) As Santas Casas de Misericórdia das sedes dos concelhos ou, na falta delas, as instituições locais escolhidas para desempenhar as respectivas funções.

## **BASE XXI**

1. As subdelegações de saúde funcionarão, de preferência, em postos instalados por acordo nos hospitais sub-regionais.
2. Na falta de acordo, ou quando não existam hospitais sub-regionais, os postos de saúde podem ter instalações privadas.
3. Nos hospitais sub-regionais poderão funcionar secções de serviço social.

## **BASE XXII**

À Santa Casa de Misericórdia da sede do concelho compete o primeiro lugar nas actividades hospitalar e assistencial, por acção dos seus serviços próprios ou como centro coordenador daquelas actividades.

## **BASE XXIII**

1. Sempre que possível e necessário, funcionarão nas freguesias postos de saúde e assistência, de preferência, mediante acordo, em instituições particulares ou oficiais já existentes.
2. A prestação de assistência médica às populações rurais será realizada com observância do plano de desenvolvimento e generalização da protecção social dos trabalhadores rurais e suas

famílias, que ao Governo incumbe promover, nos termos do disposto no n.º 3 da base IV da Lei 2115, de 18 de Junho de 1962, e com a cooperação, no domínio das suas atribuições específicas, dos serviços de higiene rural e defesa anti-sezonática.

#### **BASE XXIV**

1. As instituições e organismos de assistência, oficiais ou particulares, regem-se pelo disposto nesta lei, na legislação complementar e nos respectivos regulamentos, estatutos ou compromissos.

2. As instituições canónicas com fins de saúde e assistência ficam sujeitas, nesta parte, ao regime especial previsto na Concordata.

#### **CAPÍTULO IV**

##### **Do pessoal**

#### **BASE XXV**

O pessoal dos serviços do Ministério constará de quadros de funcionários técnicos e administrativos.

Serão estabelecidas para os médicos a carreira de saúde pública e a carreira hospitalar.

Serão igualmente estabelecidas carreiras para o pessoal farmacêutico, auxiliar de medicina, de serviço Social, de enfermagem e administrativo de hospitais e outros estabelecimentos de saúde e assistência.

#### **BASE XXVI**

1. A formação do pessoal que careça de habilitações especiais será feita em escolas próprias, ou em cursos e estágios adequados.

2. Carecem designadamente de habilitações especiais, além do pessoal médico, o pessoal aludido na parte final da base anterior, o paramédico e sanitário e o de serviços educativos e de reabilitação ou recuperação.

## **CAPÍTULO V**

### **Do regime financeiro**

#### **BASE XXVII**

1. Os encargos de instalação e funcionamento dos estabelecimentos e instituições de saúde e assistência serão suportados:

a) Pela receita de quotizações, rendimento de bens próprios e pagamento de serviços prestados, segundo tabelas aprovadas;

b) Pelo produto de heranças, legados, doações ou donativos de qualquer natureza ou proveniência;

c) Pelas dotações inscritas no Orçamento Geral do Estado e por subsídios concedidos pelo Governo ou pelas autarquias locais;

d) Por quaisquer outras receitas que venham a ser legalmente admitidas.

2. Na instalação e funcionamento dos referidos estabelecimentos serão respeitadas a vontade dos associados, dos fundadores ou benfeitores, bem como a finalidade das instituições e as disposições estatutárias ou regulamentares.

#### **BASE XXVIII**

1. As tabelas das diárias, dos serviços e dos honorários pela assistência prestada nos estabelecimentos de saúde e assistência oficiais, variáveis com a situação, a categoria e a natureza dos estabelecimentos, serão aprovadas pelo Ministério da Saúde e Assistência, sem prejuízo dos acordos a que se refere o n.º 3 da base XXIX.

2. Os serviços de medicina preventiva serão, em regra, gratuitos.

3. Os médicos que prestem serviço nos estabelecimentos oficiais de saúde e assistência serão remunerados pelos serviços clínicos ou cirúrgicos prestados a pensionistas, segundo tabelas aprovadas pelo Ministério da Saúde e Assistência, podendo também ser definidas as condições de pagamento dos referidos serviços pelos doentes que só parcialmente suportem as despesas de tratamento.

## **BASE XXIX**

1. A responsabilidade pelo pagamento de serviços de saúde e assistência cabe:

- a) Aos assistidos;
- b) Às suas famílias;
- c) Aos concelhos.

2. Esta responsabilidade pode ser exigida directamente às pessoas ou entidades que, segundo os princípios gerais, sejam responsáveis pelas consequências do facto determinante da assistência. Se, porém, a responsabilidade tiver sido transferida para entidade seguradora, será desta exigida nos termos estipulados.

3. As instituições de previdência social respondem pelos encargos da assistência prestada aos beneficiários, conforme o disposto nos seus regulamentos, ou nos termos de acordos celebrados com estabelecimentos ou serviços de saúde e assistência.

4. Os estrangeiros receberão assistência em regime de reciprocidade e de harmonia com as facilidades concedidas aos súbditos portugueses nos respectivos países, ficando, para o efeito, os cidadãos brasileiros equiparados aos nacionais.

## **BASE XXX**

A responsabilidade pelos encargos de assistência que não forem voluntariamente satisfeitos nem objecto de decisão judicial será declarada e liquidada por órgãos jurisdicionais próprios, nos termos que a lei determinar.

## **BASE XXXI**

As dívidas resultantes da assistência prestada a qualquer dos cônjuges presumem-se contraídas em proveito comum do casal, salva a hipótese de separação judicial de pessoas e bens.

## **BASE XXXII**

Quando os assistidos não puderem satisfazer, no todo ou em parte, os encargos com o pagamento de serviços de saúde e assistência, responderão, por ordem sucessiva, os

descendentes, ascendentes e cônjuge, salva a hipótese prevista na parte final da base anterior, e, ainda, os irmãos e sobrinhos que com aqueles tenham economia comum.

### **BASE XXXIII**

1. Constitui despesa obrigatória dos concelhos, a satisfazer pelas suas câmaras municipais, o pagamento da quota-parte que, de harmonia com a legislação especial, lhes for atribuída pela assistência prestada aos pobres indigentes que neles tenham o domicílio de socorro.

2. Os encargos municipais terão contrapartida no produto de derramas que as câmaras serão autorizadas a lançar com o fim exclusivo de ocorrer a necessidades de saúde e assistência. As derramas terão por base as contribuições directas cobradas e, quando o seu produto for transitòriamente insuficiente para o pagamento dos referidos encargos, serão estes satisfeitos por outras receitas próprias.

3. Considera-se domicílio de socorro o do último concelho da metrópole onde o assistido haja residido pelo período de um ano, ressalvados os seguintes casos:

a) A mulher tem o domicílio de socorro do marido, quando não esteja separada judicialmente de pessoas e bens;

b) O menor não emancipado tem o domicílio de socorro dos pais, do pai, da mãe ou do tutor a cuja autoridade se achar sujeito, ou ainda da pessoa a cargo de quem esteja o seu sustento e educação. Se viver por sua conta há mais de um ano, o domicílio de socorro será determinado segundo a regra geral;

c) Os internados em estabelecimentos de assistência conservam o domicílio de socorro que tinham à data do internamento;

d) Quando não possa determinar-se a sua residência, considera-se domicílio de socorro o concelho ou concelhos em que o indivíduo for tratado ou assistido.

4. A determinação do domicílio de socorro dos estrangeiros que residem em Portugal obedecerá às regras estabelecidas nesta base para os nacionais.

#### **BASE XXXIV**

No financiamento das actividades de saúde e assistência cabe, especialmente, ao Estado:

- a) Criar, construir e apetrechar os estabelecimentos oficiais de saúde e assistência e prover à manutenção dos serviços, na parte não coberta, directa ou indirectamente, pelas mais receitas;
- b) Participar na construção, remodelação e apetrechamento dos estabelecimentos a cargo das instituições particulares e na manutenção dos serviços, na medida em que os encargos não possam ser suportados por força de outros recursos

#### **BASE XXXV**

1. O Governo poderá determinar o lançamento, a favor do Fundo de Socorro Social, de taxas cujo produto será destinado a satisfazer encargos relativos a socorros urgentes, designadamente nos casos de calamidades ou sinistros, e a prevenir e reprimir a mendicidade.
2. As taxas a favor do Fundo de Socorro Social deverão incidir principalmente sobre gastos sumptuários ou supérfluos, objectos de luxo, espectáculos e divertimentos.

#### **BASE XXXVI**

1. As instituições de saúde e assistência gozarão da autonomia administrativa que, de harmonia com a sua natureza e funções, lhes for atribuída por lei ou pelos regulamentos, estatutos ou compromissos.
2. As referidas entidades podem adquirir bens, usufruir os que lhes forem atribuídos para realização dos seus fins e aceitar heranças, legados e doações.
3. As transmissões de bens a favor das mesmas instituições gozam de isenções tributárias, podendo ser-lhes concedidas outras regalias e atribuídas pelo Estado distinções públicas aos seus benfeitores.
4. Na gerência destas instituições observar-se-ão as regras gerais de contabilidade e de julgamento de contas aplicáveis aos serviços públicos, com as adaptações aconselhadas pela sua natureza e pela necessidade de apurar os resultados em conformidade com o que estiver legal ou estatutariamente determinado.

## **CAPÍTULO VI**

### **Disposições especiais e transitórias**

#### **BASE XXXVII**

1. A reabilitação ou recuperação dos diminuídos físicos ou mentais é assegurada por centros e serviços especializados, de modo a permitir-lhes o exercício das profissões adequadas às suas possibilidades de trabalho.

2. Serão reguladas pelos departamentos competentes as condições de admissão do pessoal dos serviços do Estado e das empresas, com vista a proporcionar aos diminuídos trabalho compatível com a sua capacidade e aptidões.

#### **BASE XXXVIII**

1. A localização das farmácias será devidamente considerada, tendo em atenção os interesses das populações e as finalidades da política de saúde pública.

2. Na regulamentação do exercício profissional da actividade farmacêutica, o Governo terá presentes as exigências decorrentes da especialização dos farmacêuticos e a necessidade de assegurar a cooperação destes na prossecução das finalidades referidas na parte final do número anterior.

#### **BASE XXXIX**

Os funcionários dos actuais quadros do Ministério da Saúde e Assistência e dos estabelecimentos ou serviços do Estado que transitarem para este Ministério ingressarão nos novos quadros mediante simples despacho ministerial e sem perda de nenhum dos seus direitos.

#### **BASE XL**

Até à publicação dos regulamentos definitivos, o Ministro da Saúde e Assistência elaborará os regulamentos provisórios indispensáveis à boa execução da presente lei.

Os referidos regulamentos carecem de aprovação do Ministro das Finanças sempre que contenham matéria financeira.

Publique-se e cumpra-se como nela se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Julho de 1963. - AMÉRICO DEUS RODRIGUES  
THOMAZ - António de Oliveira Salazar.

## APÊNDICE 1

**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO  
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO**

Exmo. Sr. Presidente, da Direção da Associação Âncora

Dr. João Paulo Manhita Pereira

Associação Âncora,

Rua da Âncora, s/n

8800-539 Santa Luzia, Tavira

**Assunto:** Dissertação de Mestrando Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes

**Data:** 26 de fevereiro de 2015

---

Hugo Lopes, está a frequentar o curso de mestrado em Educação Social, no 2º ano. Nesta fase, os mestrandos têm definidos aqueles que serão os temas das suas dissertações, a realizar neste ano letivo. No caso do Hugo Lopes, o seu trabalho dirá respeito às perceções que os idosos têm da animação sociocultural, procurando saber se e como tem contribuído para o seu bem-estar; e como se poderia melhorar este tipo de serviço.

Desta forma e na minha qualidade de Diretora do curso de mestrado em Educação Social, da Universidade do Algarve, venho solicitar a V. Exa:

1. Que autorize o Hugo Lopes a realizar este trabalho na V. instituição;

2. Em caso afirmativo, que lhe permita, desde já, recolher junto dos utentes e técnicos os dados empíricos que lhe permitam construir a sua análise ao tema em reflexão (o anonimato está garantido e o trabalho tem que ser entregue até dezembro de 2015).

Na expectativa de uma resposta positiva,

Com os Melhores Cumprimentos,

Rosanna Barros.

(Professora Adjunta)

-----

Diretora de Curso

---

Rosanna BarrosESEC, Universidade do Algarve

Campus da Penha,

8005-139 Faro

Email: [rbarros@ualg.pt](mailto:rbarros@ualg.pt)

Tel.: 289 800 100

## **APÊNDICE 2**

## **FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO INSTITUCIONAL**

# Formulário de consentimento institucional



## Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Social

**Autor:** Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes

O atual trabalho de investigação, intitulado **“Perceções e representações dos idosos, sobre o papel da animação sociocultural, no seu bem-estar”**, insere-se num estudo que decorre no âmbito do Mestrado em Educação Social e tem como principal objetivo entender como vêm os idosos o papel da animação sociocultural no seu bem-estar. Pretendemos contribuir para um melhor conhecimento sobre este tema e consequentemente complementar com novas formas de animação. É por isso que **a colaboração da Instituição é fundamental**. O resultado da investigação, orientada pela Professora Doutora Rosanna Barros, será apresentado na Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve, Campus da Penha, em Faro no final de 2015 podendo a Direção, se assim o desejar, contactar o seu autor para se inteirar do decorrer do estudo bem como dos resultados obtidos. Este estudo não trará nenhuma despesa ou risco para a instituição. As informações recolhidas serão efetuadas através de um inquérito por entrevista. Qualquer informação será confidencial e não será revelada a terceiros. Depois de ouvir as explicações acima referidas, declara que autoriza a realização da investigação nos espaços do Lar, bem como o acesso à informação individual de cada Utente.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE 3**

## **FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO INFORMADO**

# Formulário de consentimento informado



## Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Social

**Autor:** Hugo Vasques do Nascimento de Neto Lopes

O atual trabalho de investigação, intitulado “**Perceções e representações dos idosos, sobre o papel da animação sociocultural, no seu bem-estar**”, insere-se num estudo que decorre no âmbito do Mestrado em Educação Social e tem como principal objetivo entender como vêm os idosos o papel da animação sociocultural no seu bem-estar. Pretendemos contribuir para um melhor conhecimento sobre este tema e consequentemente complementar com novas formas de animação. E é por isso que **a sua colaboração é fundamental**. O resultado da investigação, orientada pela Professora Doutora Rosanna Barros, será apresentado na Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve, Campus da Penha, em Faro no final de 2015 podendo, se desejar, contactar o seu autor para se inteirar dos resultados obtidos. Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco. As informações recolhidas serão efetuadas através de um inquérito por entrevista. Qualquer informação será confidencial e não será revelada a terceiros. A sua participação neste estudo é voluntária e pode retirar-se a qualquer altura, ou recusar participar, sem que tal facto tenha consequências para si. Depois de ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE 4**

## **GUIÃO DE ENTREVISTA**

Hugo Vasques Lopes, aluno de Mestrado em Educação Social na Universidade do Algarve, encontra-se a realizar um estudo para a sua Dissertação de Mestrado que incidirá nas perceções dos Idosos sobre o papel da animação sociocultural para o seu bem-estar. A confidencialidade e o anonimato da informação recolhida são garantidos de acordo com o documento previamente assinado.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

1-Identificação:

1.1 - Idade: \_\_\_\_\_

1.2 - Género: \_\_\_\_\_

1.3 - Estado Civil: \_\_\_\_\_

2 - Qual a profissão que exercia antes de se reformar?

---

3 - Considera importante a existência de atividades de animação?

---

3.1-Se respondeu sim indique duas razões:

---

4 - Costuma participar nas atividades de animação propostas?

---

4.1 - Com que frequência participa nas mesmas?

---

5 – Para si qual o sentido e o valor das atividades de animação?

---

6 – De que forma as atividades de animação são importantes para si?

---

6.1 – Como é o seu dia-a-dia no Centro?

---

6.2 – E fora do Centro?

---

7 - Considera que os horários das atividades são os mais adequados? Justifique a sua resposta.

---

---

8 - Quais as atividades de animação que prefere?

---

9 - Indique duas atividades que gostaria de ver realizadas:

---

---

10 - Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo a participar nas atividades de animação propostas? Justifique a sua resposta.

---

11 - Quais são as qualidades que mais aprecia nas auxiliares?

---

12 - Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário? Justifique a sua resposta.

---

13 - Considera que as atividades se desenvolvem em ambientes seguros?

---

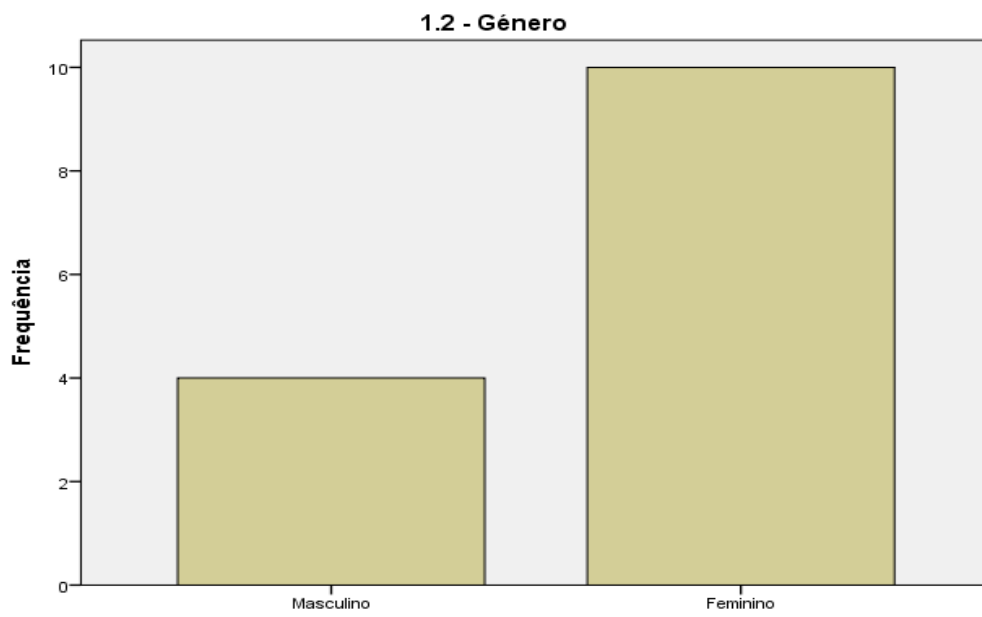
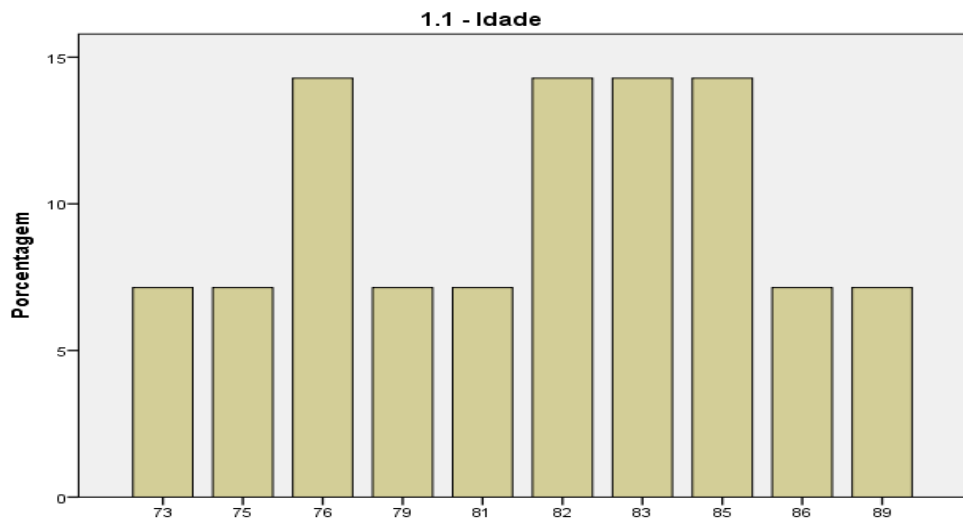
Aproveito para agradecer a sua ajuda e disponibilidade em participar neste estudo, perguntando-lhe se quer acrescentar algo mais ao que já referiu.

Coloco-me à sua disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento que seja necessário. Muito obrigado.

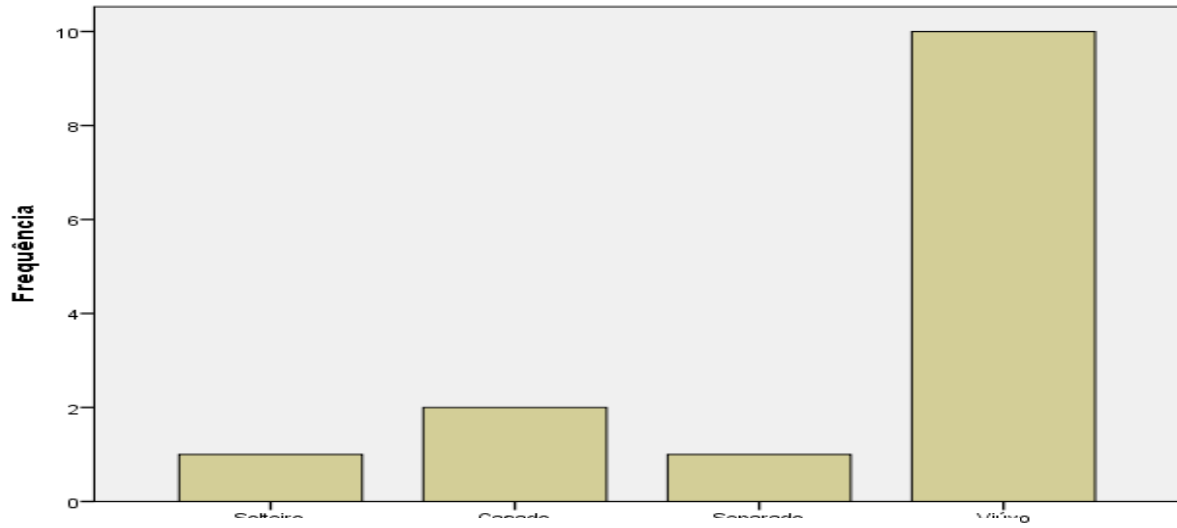
Hugo Vasques Lopes, Mestrando em Educação Social.

## **APÊNDICE 5**

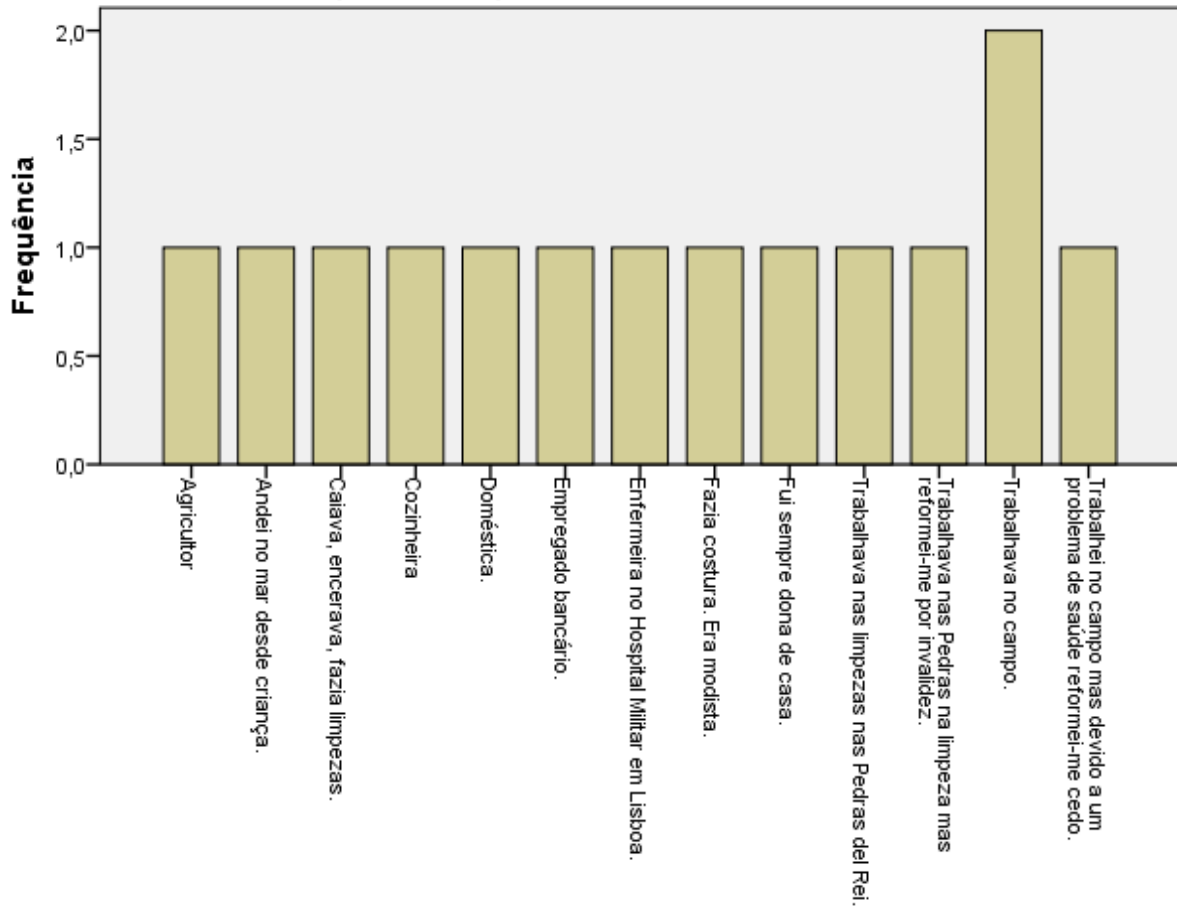
## **TRATAMENTO DE DADOS**

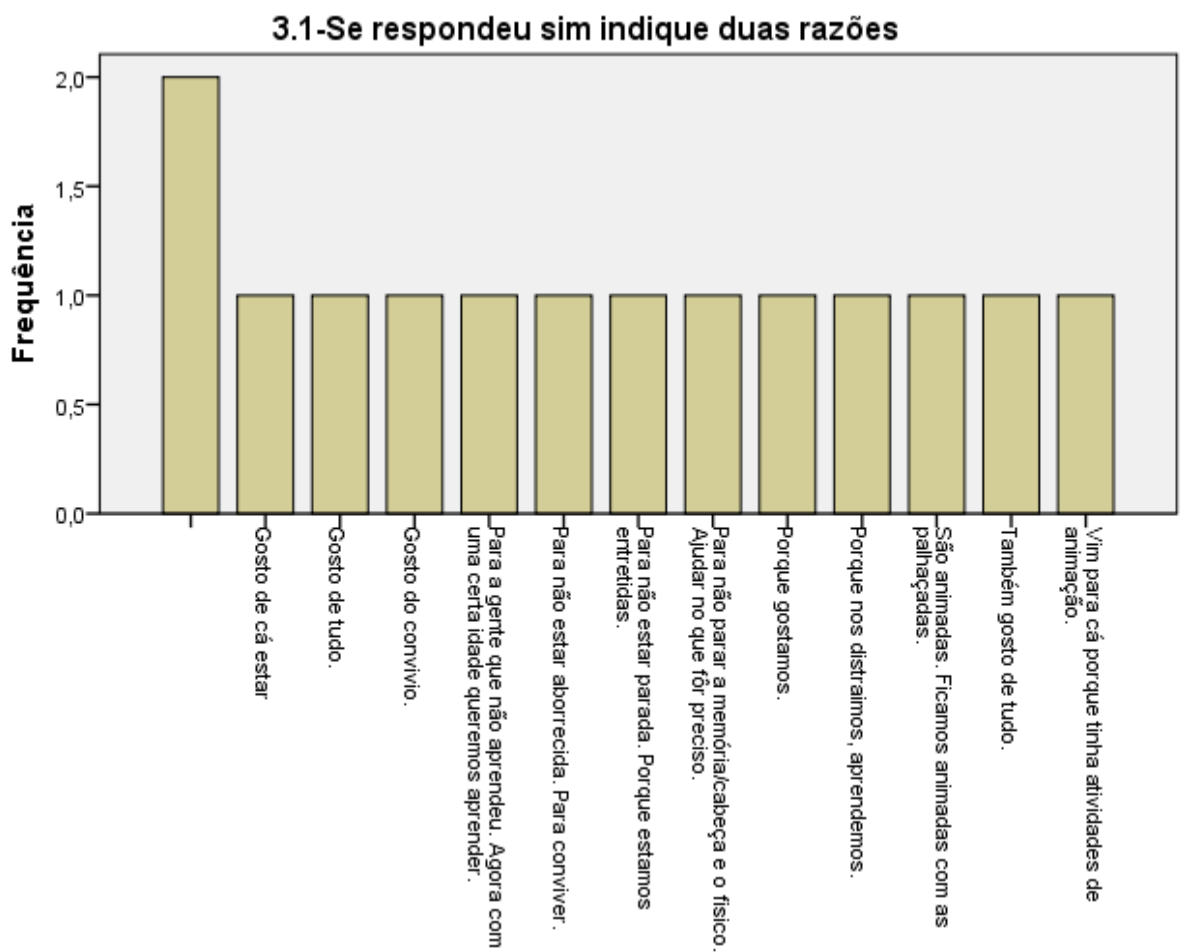


### 1.3 - Estado Civil

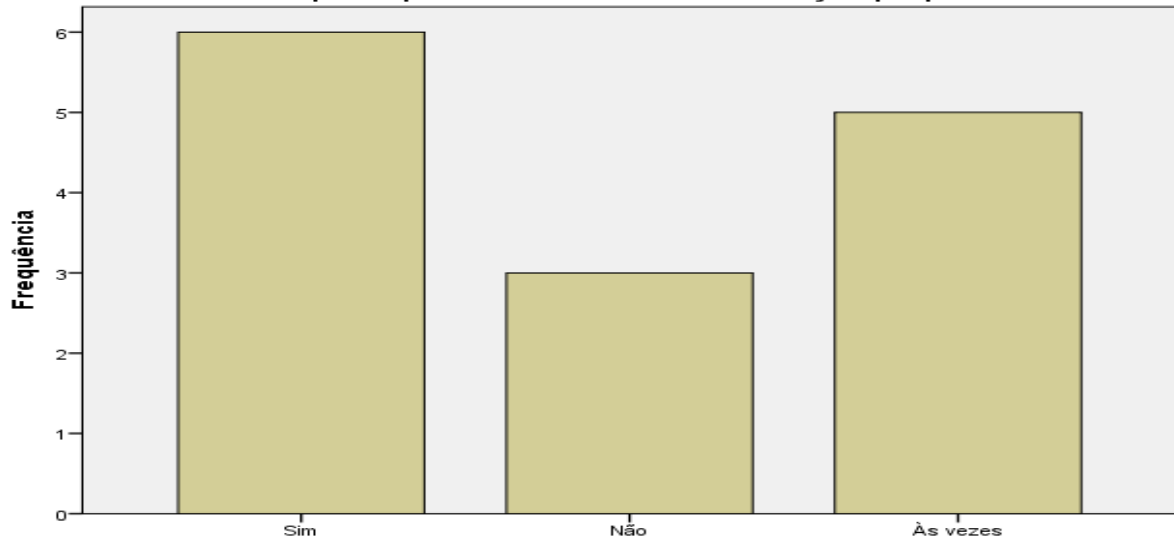


### 2 - Qual a profissão que exercia antes de se reformar?

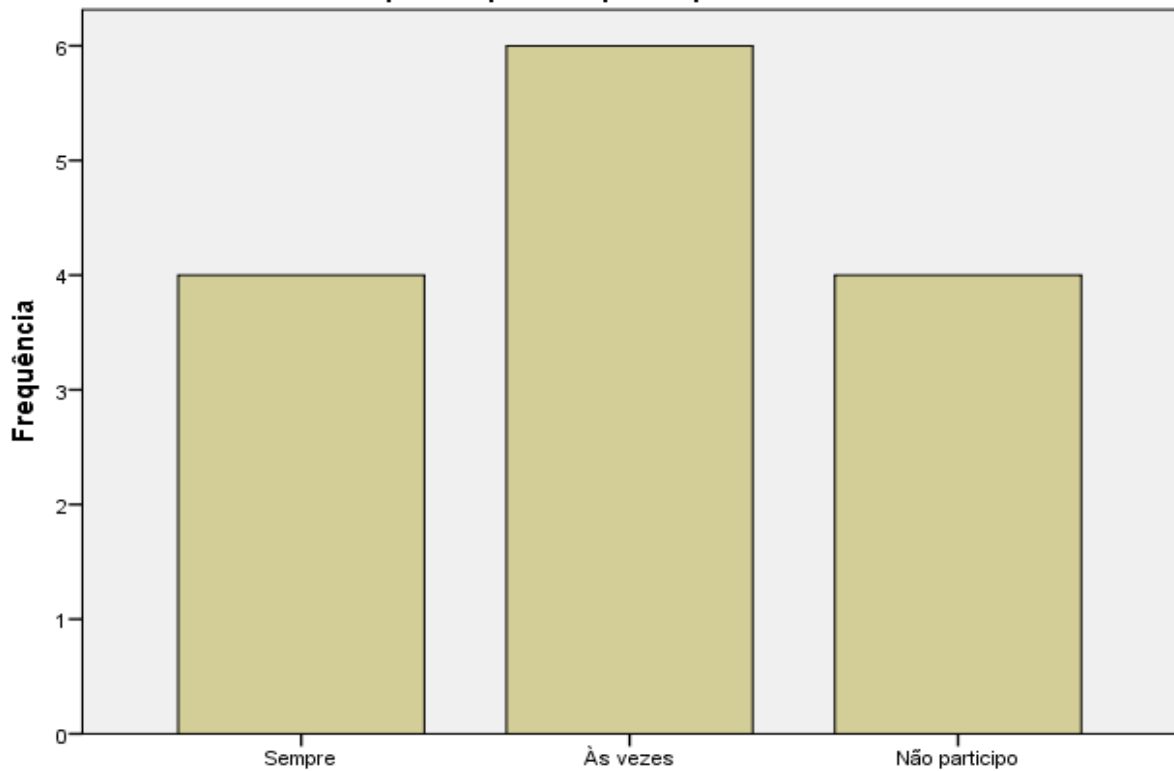


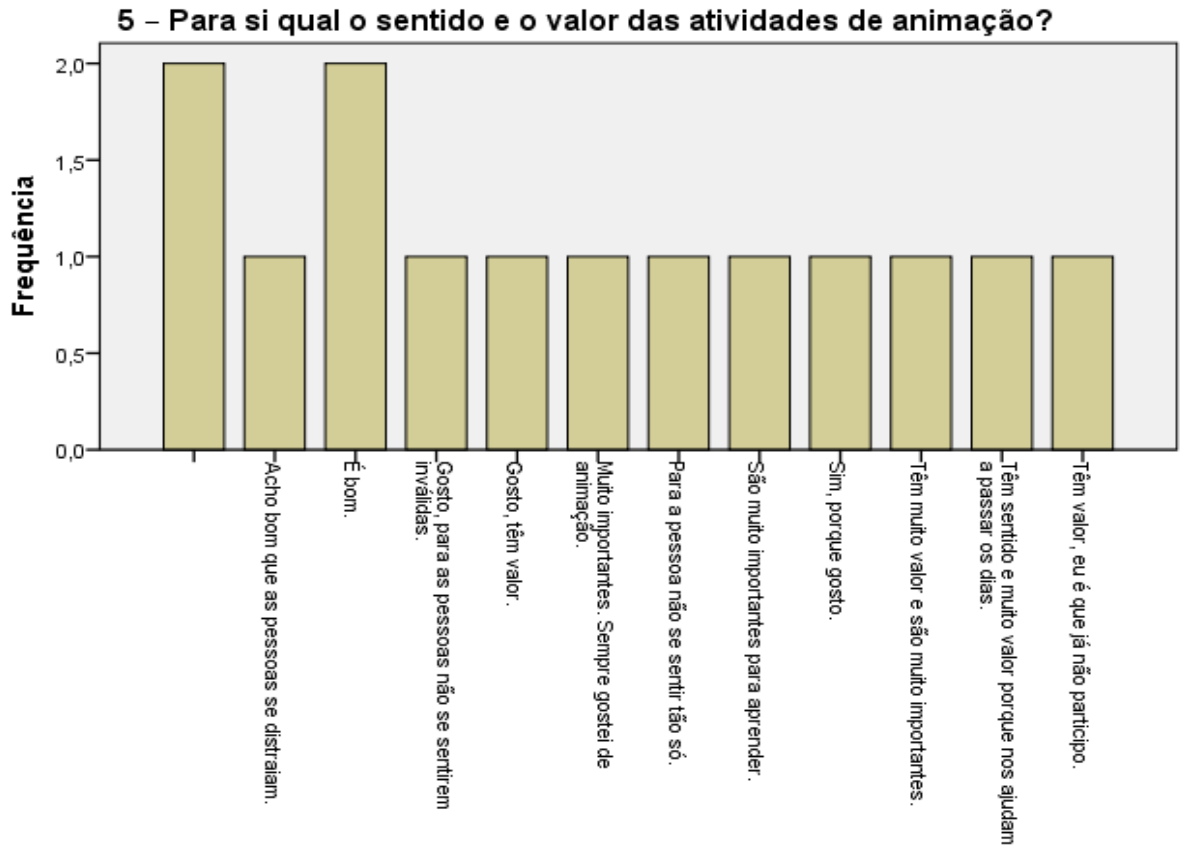


#### 4 - Costuma participar nas atividades de animação propostas?

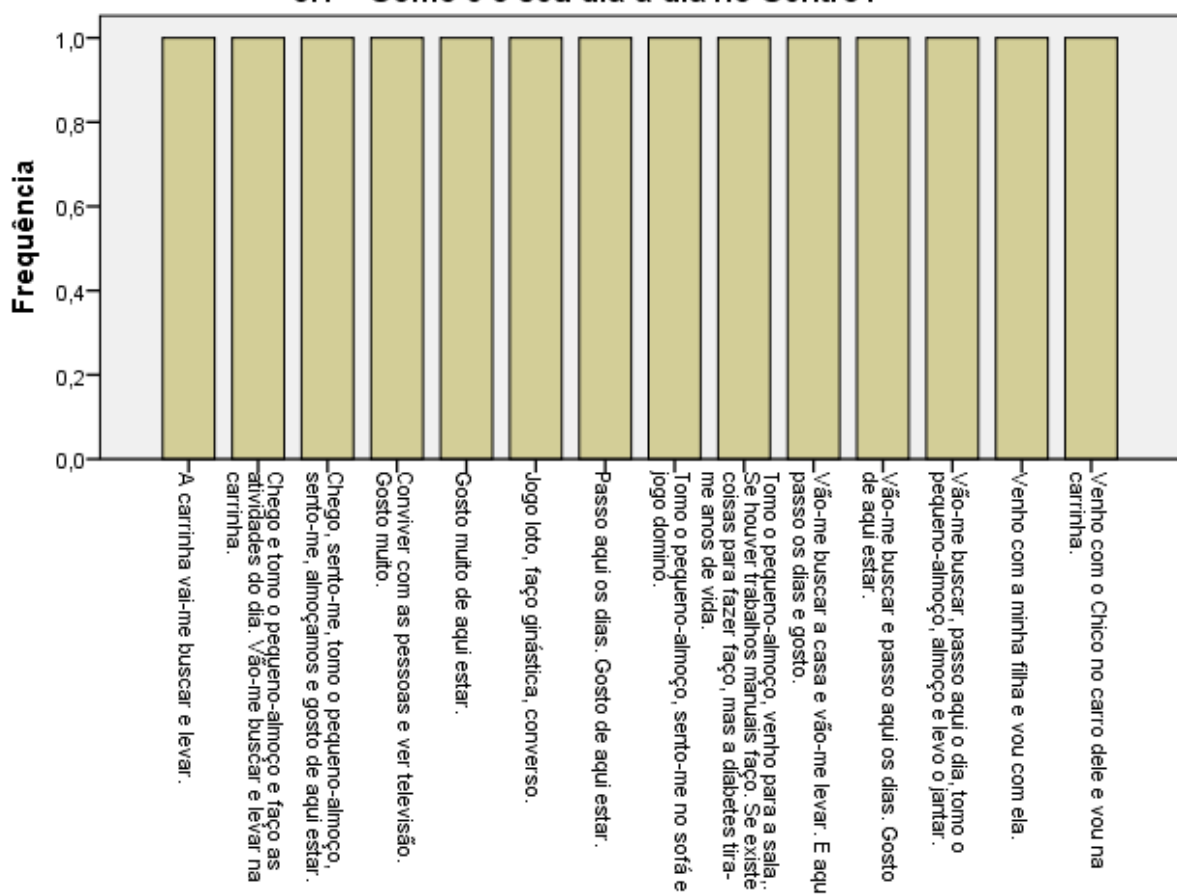


#### 4.1 - Com que frequência participa nas mesmas?

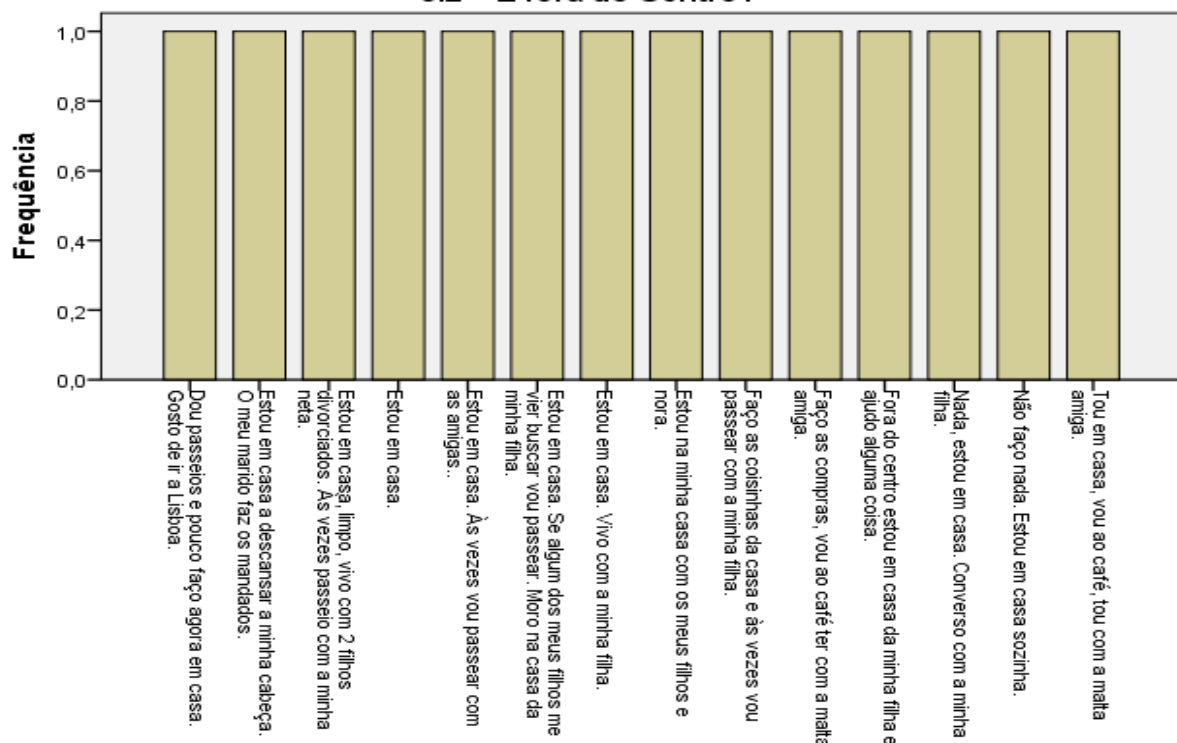




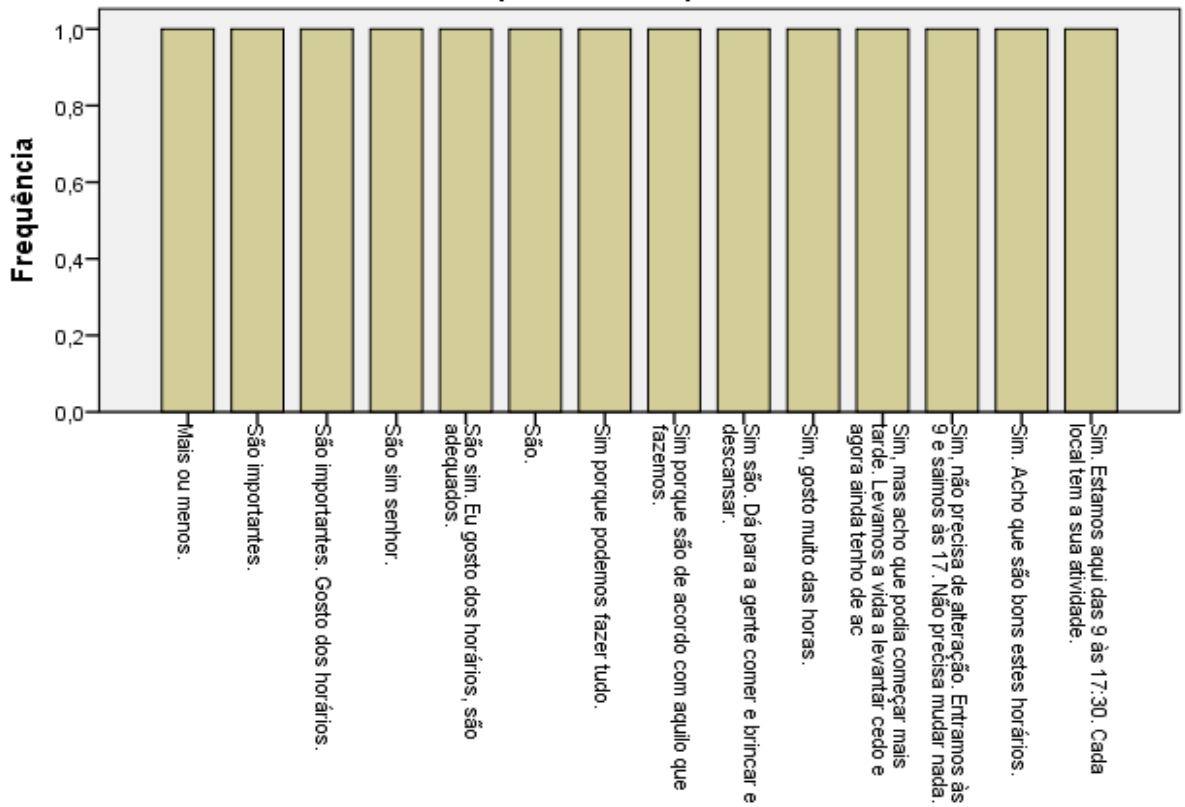
### 6.1 – Como é o seu dia-a-dia no Centro?



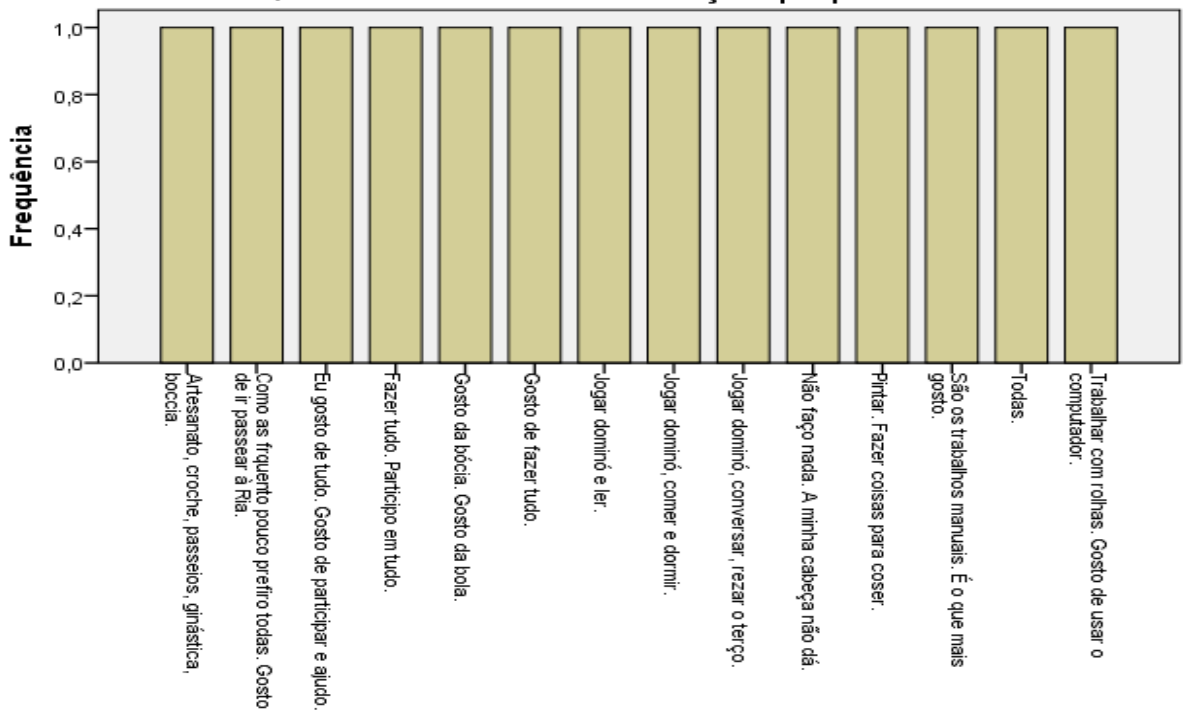
### 6.2 – E fora do Centro?



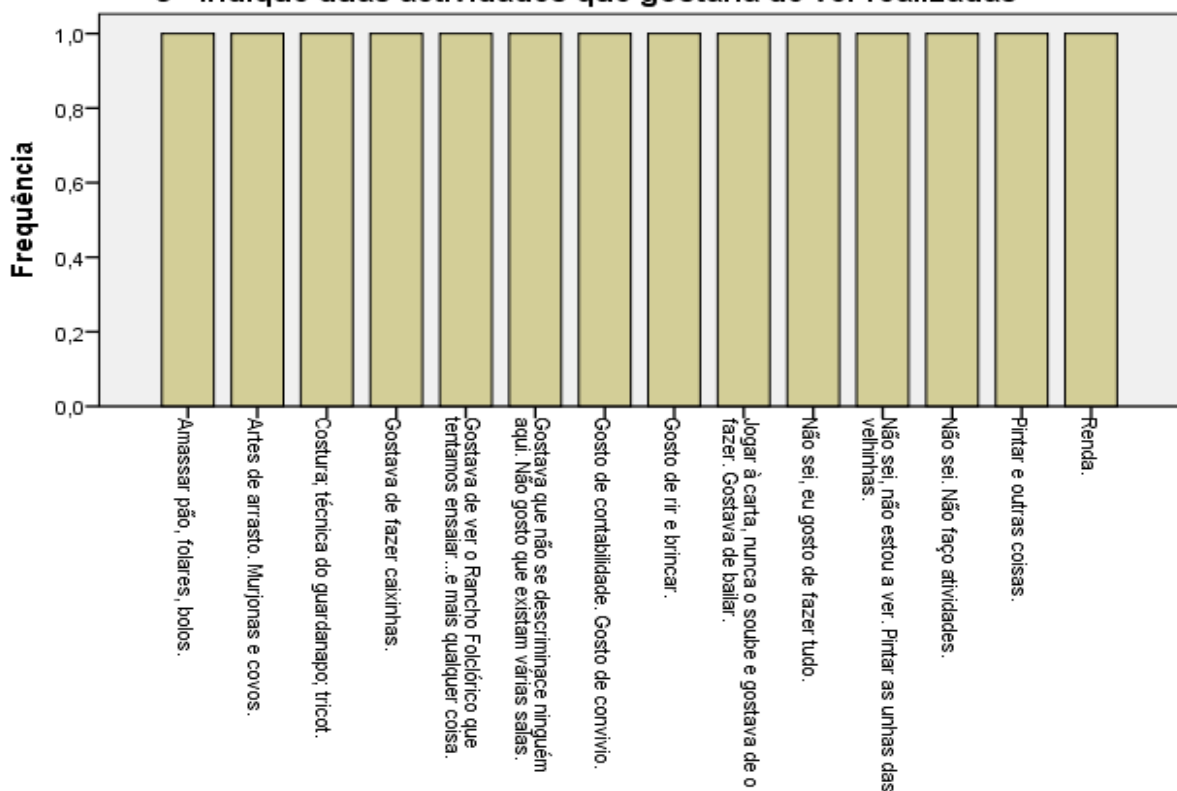
**7 - Considera que os horários das actividades são os mais adequados?  
Justifique a sua resposta.**



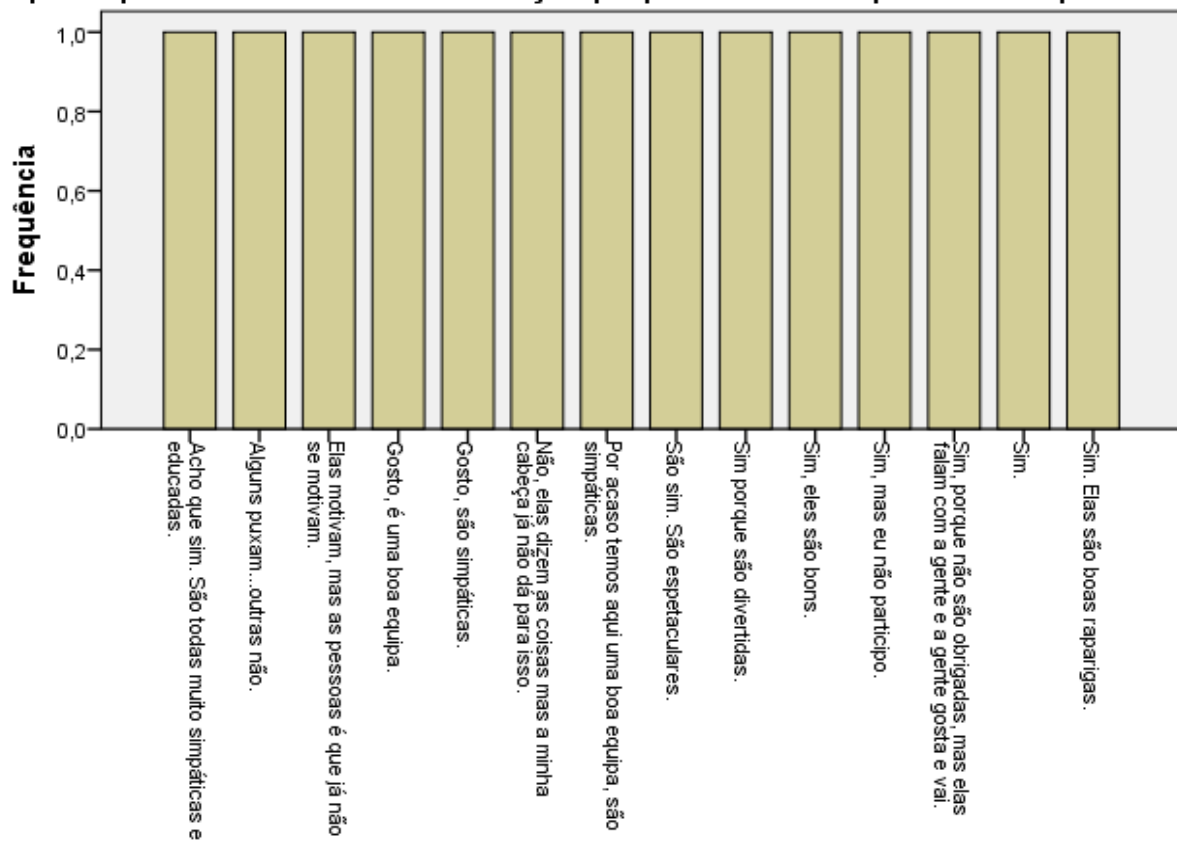
**8 - Quais as actividades de animação que prefere?**



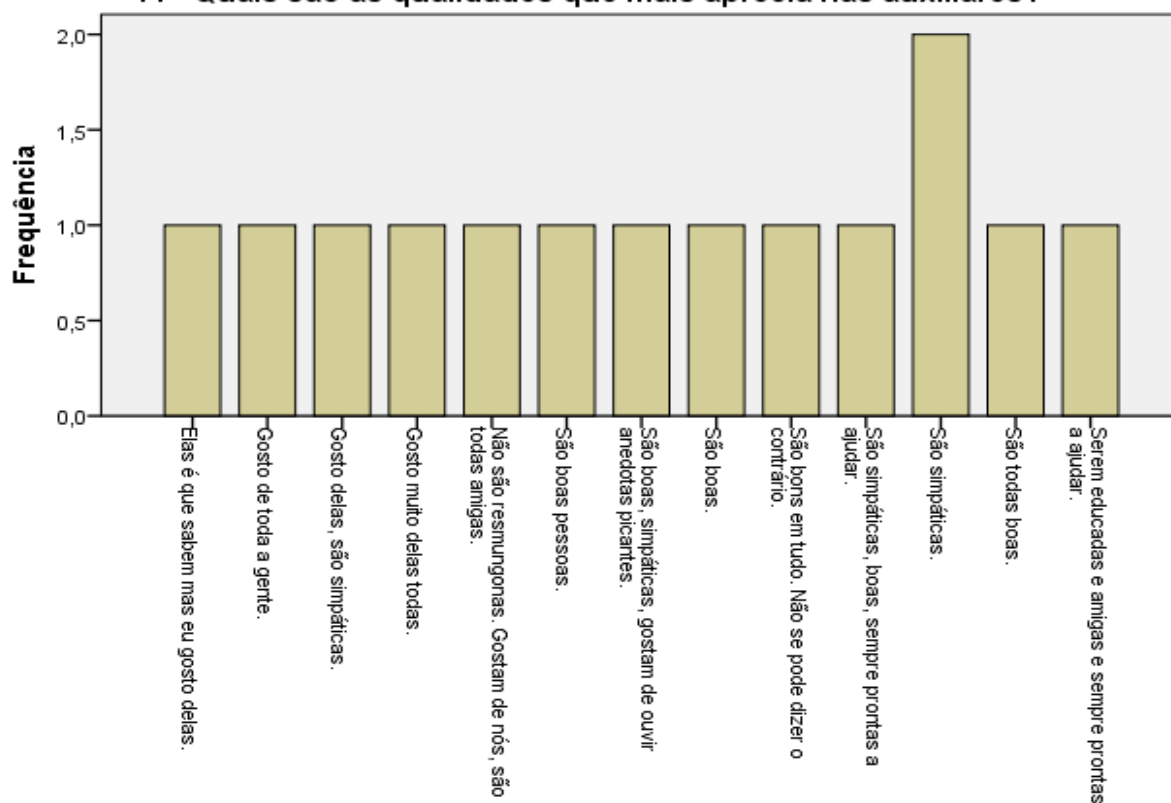
**9 - Indique duas actividades que gostaria de ver realizadas**



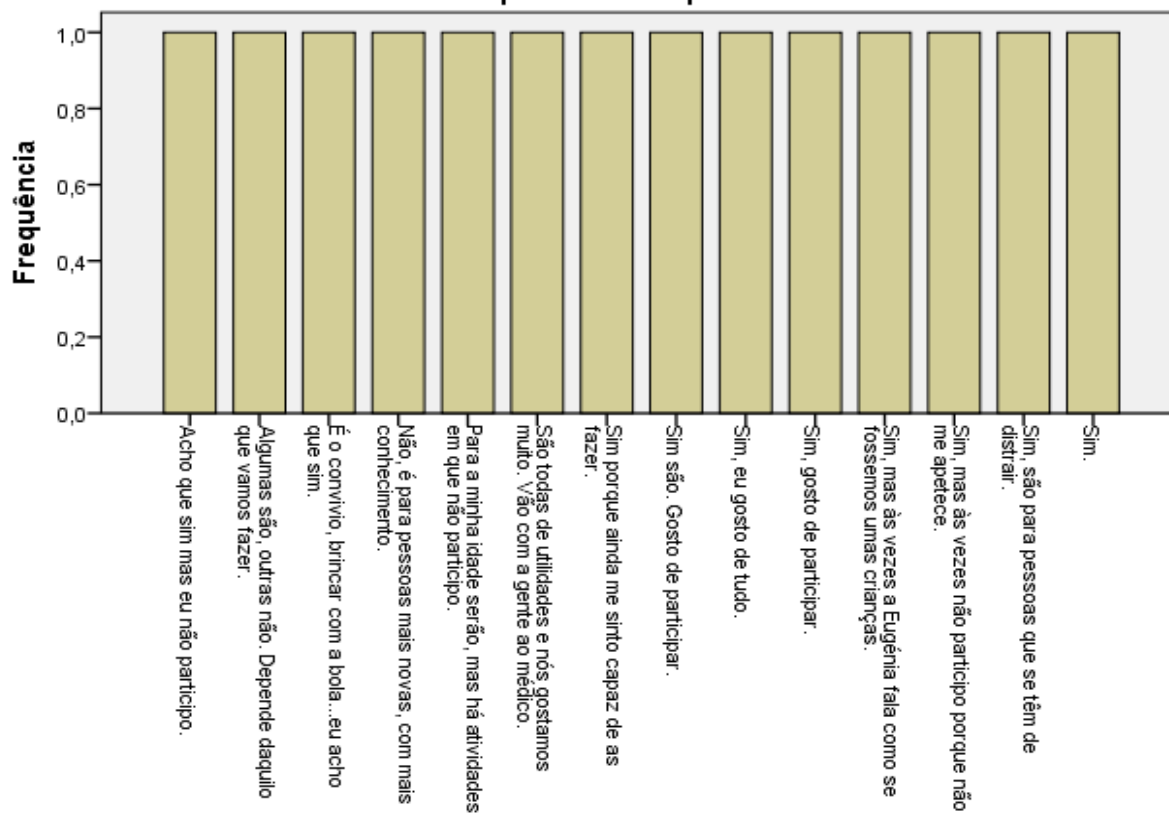
**10 - Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo a participar nas actividades de animação propostas? Justifique a sua resposta.**



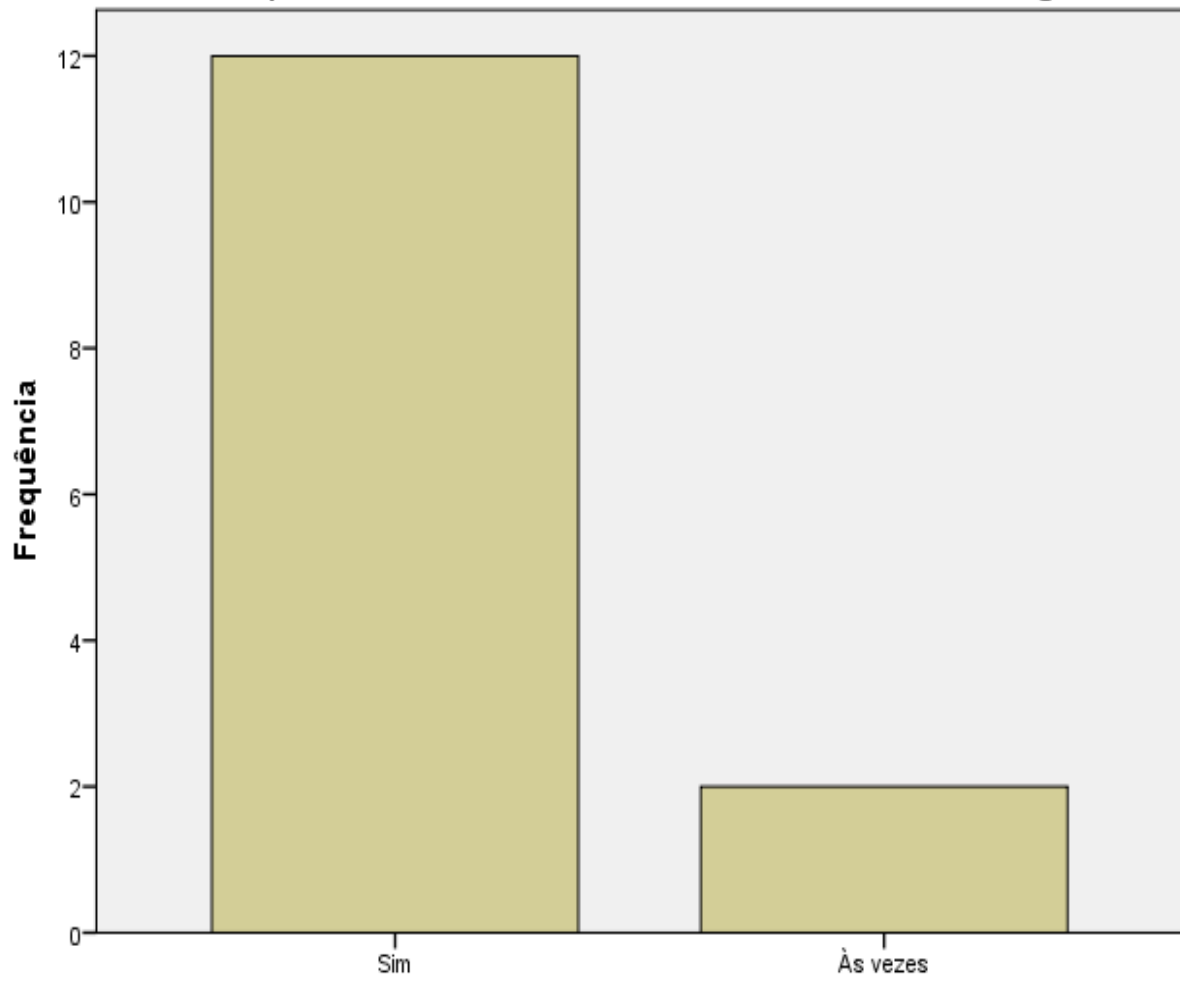
### 11 - Quais são as qualidades que mais aprecia nas auxiliares?



### 12 - Considera que as actividades propostas são adequadas ao seu nível etário? Justifique a sua resposta.



**13 - Considera que as actividades se desenvolvem em ambientes seguros?**



## **APÊNDICE 6**

## **GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO**

| Categorias   | Subcategorias   | Unidades de contexto  |
|--|---|---|
| <p>1.<br/>Instituição / funcionários aos olhos dos Idosos.</p> | <p>- Como é o seu dia-a-dia no Centro?</p> <p>- Considera que as auxiliares conseguem envolver/motivar o grupo a participar nas atividades de animação propostas?</p> | <p>U2 “Passo aqui os dias. Gosto de aqui estar” U4 “Conviver com as pessoas e ver televisão. Gosto muito” U5 “Gosto muito de aqui estar.” U6 “Jogo loto, faço ginástica, converso.” U7 “Tomo o pequeno-almoço, venho para a sala. Se houver trabalhos manuais faço. Se existem coisas para fazer faço, mas a diabetes tira-me anos de vida.” U8 “Tomo o pequeno-almoço, sento-me no sofá e jogo dominó.” U11 “Vão-me buscar e passo aqui os dias. Gosto de aqui estar.”</p> <p>U1 “gosto, é uma boa equipa” U3 “são sim, são espetaculares” U4 “sim porque são divertidas” U7 “elas motivam, mas as pessoas é que já não se motivam” U11 “Sim, porque não são obrigadas, mas elas falam com a gente e a gente gosta e vai.” U12 “por acaso temos aqui uma boa equipa, são simpáticas”</p> |

|   |  |  |
|---|--|--|
| <p>2.<br/>Caracterização<br/>Idosos</p> | <p>dos</p> <p>- Idade:</p><br><p>- Género:</p><br><p>- Estado Civil:</p> | <p>73 anos (1 idoso); 75 anos (1 idoso); 76 anos (2 idosos); 79 anos (1 idoso); 81 anos (1 idoso); 82 anos (2 idosos); 83 anos (2 idosos); 85 anos (2 idosos); 86 anos (1 idoso) e 89 anos (1 idoso).</p><br><p>4 masculinos e 10 femininos.</p><br><p>1 solteiro; 1 separado; 2 casados; 10 viúvos.</p> |
|---|--|--|

|   |  |   |
|---|--|---|
| <p>3.<br/>Percepções dos idosos sobre o papel da animação no seu bem-estar.</p> | <p>- Considera importante a existência de atividades de animação?</p>  | <p>12 responderam “sim”<br/>2 responderam “mais ou menos”</p>   |
|   | <p>- Costuma participar nas atividades de animação propostas?</p> <p>- De que forma as atividades de animação são importantes para si?</p> | <p>6 responderam “sim”,<br/>3 responderam “não”<br/>5 responderam “às vezes”</p> <p>U2 “<i>Acho que sim. Eu gosto de as fazer.</i>” U3 “<i>De todas as maneiras.</i>” U5 “<i>Gosto muito. A gente faz aqui muita coisinha para a lojinha da avó para termos dinheiro. Vendemos na feira de agosto.</i>” U6 “<i>Gosto, desde o croché a tudo. Faço tudo</i>” U7 “<i>Muita coisa...os bailes...gosto muito.</i>” U9 “<i>São importantes porque nos ajudam a aprender.</i>” U10 “<i>São importantes porque são um convívio.</i>” U12 “<i>São importantes, por isso vim para cá.</i>”</p> |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <p>- Considera que as atividades propostas são adequadas ao seu nível etário?</p> | <p>U2 “Algumas são, outras não. Depende daquilo que vamos fazer.” U3 “É o convívio, brincar com a bola...eu acho que sim.” U4 “Não, é para pessoas mais novas, com mais conhecimento.” U5 “Para a minha idade serão, mas há atividades em que não participo.” U6 “São todas de utilidades e nós gostamos muito. Vão com a gente ao médico.” U7 “Sim porque ainda me sinto capaz de as fazer.” U11 “Sim, mas às vezes a Eugénia fala como se fossemos umas crianças.” U12 “Sim, mas às vezes não participo porque não me apetece.” U13 “Sim, são para pessoas que se têm de distrair.”</p> |
|--|---|---|

## **APÊNDICE 7**

## **FOTOS DE ATIVIDADES**













